Tânia Aldrighi Flake

**Violência no namoro entre jovens
universitários no estado de São Paulo**

Tese apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Ciências

Programa de Medicina Preventiva

Orientadora: Profa. Dra Lilia Blima Schraiber

Co-orientador: Prof. Dr. Paulo Rossi Menezes

São Paulo

2013

Tânia Aldrighi Flake

**Violência no namoro entre jovens
universitários no estado de São Paulo**

Tese apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Ciências

Programa de Medicina Preventiva
Orientadora: Profa. Dra Lilia Blima Schraiber
Co-orientador: Prof. Dr. Paulo Rossi Menezes

(Versão corrigida. Resolução CoPGr 6018/11, de 1 de novembro de 2011. A versão original
está disponível na Biblioteca da FMUSP)

São Paulo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Flake, Tânia Aldrighi

Violência no namoro entre jovens universitários no estado de São Paulo / Tânia Aldrighi Flake. -- São Paulo, 2013.

Tese(doutorado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
Programa de Medicina Preventiva.

Orientadora: Lilia Blima Schraiber.

Co-orientador: Paulo Rossi Menezes.

Descritores:1.Violência na família 2.Corte/psicologia 3.Fatores de risco
4.Maus-tratos conjugais/psicologia 5.Adulto jovem 6.Relações interpessoais
7.Agressão/psicologia 8.Depressão 9.Estudantes

USP/FM/DBD-056/13

AGRADECIMENTOS

À **Professora Lilia Blima Schraiber**, pelo acolhimento, pela generosidade, pela disposição, pela competência na condução do meu percurso e por respeitar o meu ritmo e meu tempo. Agradeço a oportunidade de concretização do presente estudo e de todo o rigor científico que requer um trabalho acadêmico, pois tenho certeza, que sem seu apoio e determinação, este caminho teria sido muito diferente.

Ao **Professor Paulo Rossi Menezes** pela serenidade, disponibilidade e contribuições na parte metodológica e nos esclarecimentos na análise de dados.

Aos membros da banca de qualificação, **Professor Ivan França Junior, Profa. Maria Fernanda Tourinho Peres e Prof. Wagner dos Santos Figueiredo**, pelas contribuições, sugestões, apontamentos e comentários ao trabalho.

À **Claudia Barros e ao Fernando Pessoa Albuquerque** pela assessoria na execução da análise estatística.

À **Lilian**, pela atenção, cuidado e prontidão no atendimento aos nossos pedidos.

As **minhas parceiras de trabalho** que, ao longo do processo, sempre incentivaram e facilitaram a minha dedicação a esta tarefa.

Aos colegas da pós-graduação, especialmente a **Camila e o Fernando**, com o apoio mútuo e compartilhamento de experiências, angústias, certezas e incertezas.

Ao **meu pai** (*in memoriam*) pelo apoio dado para a consolidação dos meus estudos.

À minha mãe pelo acompanhamento e apoio contínuo ao longo de todo o trabalho, sempre contribuindo com a leitura e com seus sábios comentários.

À minha família, Richard, Denise e Fernanda, que compreendeu os momentos de privação e de minha ausência em algumas atividades.

Aos alunos de graduação, que no contato diário da formação acadêmica, também contribuíram com a sua juventude e questionamentos.

Esta dissertação ou tese está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver).

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Divisão de Biblioteca e Documentação. *Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias*. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. 3a ed. São Paulo: Divisão de Biblioteca e Documentação; 2011.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index*

Dedicatória

*Aos jovens e suas futuras famílias
por uma vida livre da violência*

Sumário

Lista de abreviaturas e siglas

Lista de Tabelas

Lista de Figuras

Resumo

Abstract

1	INTRODUÇÃO	1
2.	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	11
2.1	Adulto jovem	12
2.1.1	Quem é o adulto jovem	12
2.1.2	Quem é o adulto jovem universitário brasileiro	16
2.1.3	Conclusões	20
2.2	Adulto jovem - do amor romântico à relação de intimidade e as questões de gênero	21
2.2.1	Amor romântico	21
2.2.1.1	O amor da perspectiva histórica	23
2.2.1.2	O amor na questão do desenvolvimento humano..	28
2.2.1.3	Conclusões	31
2.2.2	O desenvolvimento da intimidade no contexto do amor Romântico.....	32
2.2.2.1	O conceito de intimidade	33
2.2.2.2	Relações de intimidade e o adulto jovem	34
2.3	Namoro – relação entre parceiros íntimos	40
2.3.1	O contexto do namoro	41
2.3.2	O namoro no Brasil	45
2.2.3	Conclusões	49
2.4	Violência na relação de namoro	51

2.4.1	Conceituação	52
2.4.2	Violência no namoro, prevalências e as questões de gênero.....	55
2.4.3	Modelos teóricos sobre a violência no namoro	58
2.4.4	Semelhanças entre a violência no namoro e a violência no casamento	63
2.4.5	Conclusões	65
3.	METODOLOGIA DO ESTUDO: OBJETIVOS E DESENHO.....	67
3.1.	A pesquisa multi-países sobre violência no namoro	68
3.1.1	Os sujeitos de pesquisa e amostra final	68
3.1.2	Definições de variáveis e construção do instrumento	69
3.2.	O presente estudo com dados produzidos na pesquisa multi- Países.....	74
3.2.1	Os sujeitos do presente estudo e amostra final	74
3.2.2	Delimitação das variáveis utilizadas do instrumento VPIN.....	74
3.3.	Cuidados éticos	85
4.	RECORTES ESPECÍFICOS NO ESTUDO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO: Questões da Literatura, Resultados e Discussão	87
4.1	As violências na situação de namoro: um estudo descritivo das prevalências das violências psicológica, física e sexual	87
4.2	O contexto das violências no namoro: estudo de alguns fatores associados à ocorrência de violências	99
4.3	A associação entre Depressão e Violência	115
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
6.	ANEXOS.....	132
7.	REFERÊNCIAS.....	147

Lista de Abreviaturas e siglas

Abreviaturas

ed.	edição
et al.	e outros
org.	organizador (es)
v.	volume
p.	página

Siglas

APA	Associação Americana de Psicologia
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
IDVS	Estudo Internacional de Violência no Namoro
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial de Saúde
PLS	Escala de Amor e Paixão
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
VPIN	Violência entre parceiros íntimos no namoro

Lista de Tabelas

Tabela 1	Frequências e proporções total e estratificada por sexo das características sociodemográficas e relativas ao relacionamento. São Paulo. 2002	88
Tabela 2	Prevalência de violência sofrida e perpetrada e a frequências e proporções da sobreposição das duas ocorrências (sofrida e perpetrada). São Paulo. 2002.....	91
Tabela 3	Frequências e proporções totais e estratificadas por sexo das perguntas referentes às violências sofridas e perpetradas. São Paulo. 2002	92
Tabela 4	Análise univariada da VPI para violência sofrida e fatores associados entre jovens universitários. São Paulo, 2002	103
Tabela 5	Análise univariada da VPI para violência sofrida e fatores associados por sexo entre jovens universitários. São Paulo, 2002	104
Tabela 6	Análise univariada da VPI para violência perpetrada e fatores associados entre jovens universitários. São Paulo, 2002	106
Tabela 7	Análise univariada da VPI para violência perpetrada e fatores associados por sexo entre jovens universitários. São Paulo, 2002	107
Tabela 8	Análise multivariada da VPI para violência sofrida por sexo entre jovens universitários. São Paulo, 2002	108
Tabela 9	Análise multivariada da VPI para violência sofrida do tipo física e psicológica para mulheres universitárias. São Paulo, 2002	109
Tabela 10	Análise multivariada da VPI para violência perpetrada para as mulheres universitárias. São Paulo, 2002	110

Tabela 11	Análise univariada da associação entre a depressão e os tipos de violência entre jovens universitários. São Paulo, 2002	118
Tabela 12	Modelo confirmatório da associação entre a depressão e os tipos de violência entre mulheres universitárias. São Paulo, 2002	118
Tabela 13	Análise univariada para a associação entre a depressão e a recorrência das violências entre jovens universitários. São Paulo, 2002	119
Tabela 14	Modelo confirmatório da associação entre a depressão e a recorrência de violência entre mulheres universitárias. São Paulo, 2002	120
Tabela 15	Modelo confirmatório da associação entre a depressão e a recorrência de violência entre homens universitários. São Paulo, 2002	120

Lista de Quadros

Quadro 1. Algumas perguntas do CTS-2 sobre relacionamento entre os parceiros	72
Quadro 2. Tópicos do Perfil Pessoal e de Relacionamentos	73
Quadro 3. Exemplo de questões que compõem o PRP	73
Quadro 4. Caracterização social e demográfica	75
Quadro 5. Violência e os tipos	77
Quadro 6. Questões referentes ao histórico de violência familiar	80
Quadro 7. Questões referentes às concepções sobre comportamentos masculinos e femininos	81
Quadro 8. Questões referentes à variável ciúme	81
Quadro 9. Questões referentes à variável aceitação da violência	82
Quadro 10. Questões referentes à variável uso de substância Psicoativa	82
Quadro 11. Questões referentes à variável depressão	84

Lista de Figuras

Figura 1. Evolução da Participação Percentual de Matrículas em Cursos de Graduação (presencial e a distância) por sexo Brasil – 2001-2010	18
Figura 2. Sobreposição das violências sofridas – Sobreposição dos tipos de violência sofrida – 2002	94
Figura 3. Sobreposição dos tipos de violência perpetrada	95

Resumo

Flake Tânia Aldrighi. *Violência entre jovens universitários no estado de São Paulo* [Tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2013

O estudo faz parte de pesquisa multicêntrica “Estudo Internacional de Violência no Namoro - IDVS”, usando seu instrumento padronizado. Objetivou-se contribuir para o reconhecimento da ocorrência de violência entre parceiros íntimos na fase de namoro, tendo como base conceitual as questões de gênero e seus elementos para a compreensão da constituição da relação de intimidade. Dialoga, ainda, com as teorias do desenvolvimento humano, da aceitação da violência na resolução de conflitos e do aprendizado da violência da perspectiva geracional. Os recortes propostos foram três: um estudo descritivo sobre as prevalências da violência, ao longo do relacionamento de namoro e em seus diversos tipos; um segundo, abordou a violência e os fatores associados, e um terceiro, avaliou o impacto da violência na saúde mental a partir do quadro de depressão. O questionário foi auto preenchido por 362 alunos de duas universidades, uma pública e outra privada, do Estado de São Paulo, sendo 37% do sexo masculino e 63% do feminino, com idade mediana de 20 anos. Estimou-se a prevalência da violência em relacionamentos íntimos, sofrida ou perpetrada, para os tipos físico, psicológico e sexual, descrevendo-se as sobreposições entre eles. Quanto às violências, 75,9% sofreu algum tipo na vida e 76,4% as perpetraram. O tipo de violência mais prevalente, tanto sofrida como perpetrada, foi a psicológica, seguida da sexual. A grande sobreposição entre violências sofridas e perpetradas (83,9%) reflete a reciprocidade das agressões, sem diferença entre homens e mulheres. Na análise dos fatores associados ter vida sexual no namoro e aprovação da violência se mantiveram associadas a sofrer violência para as mulheres, enquanto para os homens ter tempo de namoro maior de 6 meses e uso associado de álcool e drogas mantiveram-se associados. No caso da violência perpetrada, mantiveram-se associadas para as mulheres o uso de substância psicoativa do tipo associação droga e álcool, ciúmes e tempo de namoro maior de dois anos. No modelo que considerou os tipos de violência e a associação com depressão, para as mulheres ter sofrido violência física exclusiva e física e sexual concomitantes mantiveram-se associadas. Os resultados estão em consonância com a literatura que analisa a violência no namoro, com alta prevalência de violências sofridas e perpetradas, além da reciprocidade tanto entre homens como entre mulheres. A situação de conjugalidade parece alterar quer a mutualidade das agressões, quer o sentido das violências e os agressores, para mulheres e para homens, em

contraste com a situação de namoro. As consequências da vitimização no namoro para as mulheres são mais expressivas, enquanto que para os homens é importante se examinar com maior detalhamento as especificidades para a questão do ponto de vista masculino. Os achados trazem para o contexto brasileiro a confirmação da necessidade de ações e políticas públicas nesta direção, ao produzir conhecimento importante para programas de prevenção para jovens em fase de namoro, seja no plano dos serviços de saúde, seja no das escolas e universidades, onde se concentram os jovens, de forma a minimizar as chances de que as agressões continuem no casamento.

Descritores: 1. Violência na família 2. Corte/psicologia 3. Fatores de risco 4. Maus-tratos conjugais/psicologia 5. Adulto jovem 6. Relações interpessoais 7. Agressão/psicologia 8. Depressão 9. Estudantes

Abstract

Flake Tânia Aldrighi. *Intimate partner violence among undergraduate students of state of São Paulo*. [Thesis] São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2013

The study is part of a multicenter survey "International Study of Violence in Dating - IDVS" using its standardized instrument. The objective was to contribute for the recognition of the occurrence of intimate partner violence during phase dating, based on conceptual issues of gender and its elements for understanding the formation of intimate relationship. Dialogue also with theories of human development, the acceptance of violence in conflict resolution and learning the violence of generational perspective. The proposed cut were three: a descriptive study on the prevalence of violence over the dating relationship and its various types; a second, addressed the violence and associated factors; and a third, evaluated the impact of violence on mental health from the depression disorder. The questionnaire was self-reported by 362 undergraduate students from two universities, one public and one private, of the State of São Paulo, with 37% male and 63% female, median age 20 years. We estimated the prevalence among students of violence in intimate relationships, suffered or perpetrated, for the kinds physical, psychological and sexual, describing the overlap among them. As for violence, 75.9% suffered some sort in life and 76.4% were perpetrators. The most prevalent type of violence, both suffered as perpetrated, was psychological, followed by sexual. The large overlap between violence suffered and perpetrated (83.9%) reflects the reciprocity of aggression, with no difference between men and women. In the analysis of factors associated with sex life in dating and approval of violence remained associated to suffer violence for women, while for men longer relationship more than 6 months and use of alcohol and drugs concomitant remained associated. In the case of perpetrated violence, the use of drugs and alcohol concomitant, jealousy and long relationship more than two years remained associated for women. In the model considered the types of violence and the association with depression, for women have suffered physical violence exclusive and physical and sexual concurrent remained associated. The results are consistent with previous literature on dating violence that shows high prevalence of violence suffered and perpetrated, beyond reciprocity between both, men and women. The situation seems to change either marital mutuality of aggression, whether the meaning of violence and the perpetrators, for women and for men, in contrast to the dating situation. The consequences of victimization in dating for women are more expressive,

while for men it is important to examine in greater detail the specifics for the issue of male point of view. The findings of this study bring to the Brazilian context confirming the need for action and public policy in this direction, to produce important knowledge for prevention programs for young people in the stage dating, either in the health service, either in schools and universities, which concentrates the specific population of young people, in order to minimize the chances that the assaults continue in the marriage.

Descriptors: 1. Family violence 2. Courtship 3. Risk factors 4. Spouse abuse/psychology 5. Young adult 6. Interpersonal relations 7. Aggression/psychology 8. Depression 9. Undergraduate

1 INTRODUÇÃO

Já é amplamente reconhecido que a violência está presente no relacionamento entre parceiros íntimos quer seja na fase de namoro, parceiros em coabitação ou na relação maritalmente constituída (Barnett, Miller-Perrin e Perrin, 1997). Entre 1999 e 2000 a Associação Americana de Psicologia (APA) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam a relevância de estudos sobre a etiologia da violência, sendo que na ocasião a violência entre parceiros íntimos foi identificada como um dos fatores de risco previsíveis de distúrbios mentais (Andrews, Ustun e Kessler, 2000).

Somando-se a isso, inúmeras pesquisas apontam que muitas vezes a violência entre parceiros íntimos em situação de conjugalidade tem início na fase de namoro, o que pode determinar um padrão de relacionamento ao longo do ciclo vital (Gelles e Straus, 1988; Straus, 2004a, 2004b, Chan, et al., 2008; Mattingly e Straus, 2008; Teten, et al., 2009).

Apesar dos altos índices revelados em mais de 200 estudos desde 1980, o alto risco de violência entre parceiros íntimos na fase de namoro não é geralmente reconhecido em toda sua extensão. No entanto, se considerarmos que esta é a fase do início de experiências de relacionamentos afetivos e sexuais que podem chegar à formação e consolidação das estruturas familiares, conhecer como este fenômeno pode estar presente nesta etapa da vida, parte relevante da literatura no campo da Psicologia, como será visto adiante, considerá-la como parte do desenvolvimento humano para a maturidade do indivíduo adulto, é de extrema importância e urgência.

A revisão da literatura aponta que, primeiramente, os estudos estiveram centrados na violência conjugal e somente a partir dos anos 1980 os estudos foram ampliados para a fase de namoro, comumente referenciada na literatura como *dating violence* ou *courtship violence* (Cardarelli, 1996).

Estes estudos sobre namoro tinham como foco central determinar a prevalência de violência no relacionamento íntimo dos jovens. Gelles e Straus (1988), um dos pioneiros no estudo, registra que de 22 a 67% dos relacionamentos afetivos no namoro envolviam violência, variando de moderada a grave. No entanto, o que mais surpreendia nos achados era o quanto a violência era percebida pelos jovens como um sinal de amor.

Na revisão de Mahoney, Willians e West (2001), os autores registram que, para aproximadamente 28% dos jovens, em algum momento dos envolvimento afetivos, atos de violência estiveram presentes na fase correspondente ao namoro. Pesquisas mais recente registram dados em proporções semelhantes e com a ocorrência de diversos tipos de violência tais como a física, psicológica ou sexual (Straus, 2004a).

Outros estudos nos remetem a questões contraditórias no tocante à prevalência de violência nas relações de intimidade no namoro, em particular quando contrastamos as ocorrências comparativamente para homens e para mulheres. Uma parte da literatura indica que tanto na fase de namoro quanto na convivência marital há mutualidade nas agressões (Straus, 2004a). Outros autores apontam que a diferença das agressões entre homens e mulheres está no contexto e no tipo de agressão sofrida. As mulheres revelam níveis de agressão com maior gravidade quando comparadas com os homens (Straus, 2004a, 2004; Straus e Ramirez, 2007).

Matos et al.(2006) em pesquisa sobre programas de prevenção informam que na década de 1990 aparecem as primeiras referências de pesquisas acerca de programas de prevenção da violência nas relações amorosas de jovens. No entanto, em levantamento de programas de prevenção existentes em projetos sociais e educativos, destacam que apesar dos avanços nos estudos nesta fase da vida, a questão ainda é pouco explorada.

Neste mesmo período, um levantamento em 50 artigos registra que a violência entre parceiros íntimos na fase de namoro é três vezes maior do que aquela entre os que vivem maritalmente (Stets e Straus, 1989; Straus, 2004; Sugarman e Hotaling, 1989a).

Apesar da proliferação de pesquisas nos últimos 10 anos e em diversas culturas, no Brasil os estudos ainda são incipientes. Em pesquisa nas principais bases de dados, BVS, SCIELO, EBSCO, PSYCINFO, encontramos um artigo de Aldrighi (2004) e uma dissertação mestrado, de Nascimento (2009a).

Gelles e Straus, em 1988, já afirmavam que os dados refletiam a necessidade de buscar subsídios na compreensão da relação de gênero já desde o namoro, uma vez que a partir da constatação de ocorrência do fenômeno nesta etapa rompia com a concepção de que o casamento era a licença para a violência.

A sugestão dos autores é de que, com base nos estudos, deve-se ampliar a compreensão do processo de constituição das relações de intimidade, de construção dos acordos relacionais e, conseqüentemente, da relação entre amor e violência, para o namoro, permitindo contextualizar essa modalidade de relação interindividual e relacionamento afetivo e sexual como situação relacional de intimidade experimentada enquanto uma primeira etapa de outras mais duradouras e buscadas pelos indivíduos adultos para a formação de família.

Estando de acordo com tal necessidade postulada pelos autores, o presente estudo, porém, ampliará a abordagem de relações com laços afetivos que compreende a noção de família para as relações de 'intimidade' e de perspectivas duradouras.

No processo de constituição da intimidade, as experiências de "relacionamento afetivo", "casamento", "relacionamento afetivo-sexual homem e mulher" mostram como um relacionamento íntimo, em qualquer modalidade, envolve sempre um alto nível de concentração de emoções, e, inevitavelmente, a presença de situações de tensão e conflito. Esta construção conjunta (o relacionamento) permite que duas pessoas interajam e se engajem no desenvolvimento de respostas a uma diversidade de questões, sendo que visões diferentes e respostas diversas das situações de tensão e conflito podem ter uma importante consequência para a estabilidade da relação.

Para a compreensão deste processo um dos referenciais no campo da Psicologia é o do 'desenvolvimento humano', que toma a questão da família como produto de um determinado amadurecimento dos indivíduos ao longo de seu ciclo vital (crescimento etário) nas diversas formas de relações sociais, entre elas a da formação da família (Erikson, 1972). Este referencial é aqui utilizado apenas em parte e já em diálogo com outros referenciais de base sócio-histórica construtivista na interpretação das situações individuais, tidas, então, como contextos relacionais, tais como nos referenciais da questão da intimidade e da questão de gênero na vida social.

No entanto, dada a forte presença da teoria do desenvolvimento humano na produção em Psicologia e também em muitos dos estudos sobre namoro e sobre a violência nas situações de namoro, acreditamos ser importante registrá-la e explicitar o diálogo com os demais quadros referenciais. Vamos, assim, transitar da noção de relações familiares para a de relações de intimidade e estas como relações de gênero, para abordar os relacionamentos de natureza afetiva e também sexual com a perspectiva de vida de casal entre dois indivíduos, em geral de sexos diferentes, homens e mulheres, mas cabendo pensar também os de mesmo sexo. Portanto, além de tomarmos mais a questão da intimidade do que a da formação da família, a situação de vida de casal será a da parceria entre dois indivíduos e o casamento ou situação conjugal será, neste estudo, abordada por relacionamentos de parceiros íntimos, importando mais os aspectos afetivos e sexuais, expressando a 'intimidade, do que o aspecto da formalização civil e legal dessa situação de casal ou o da coabitação, ainda que ambos tenham também influências nas ocorrências dessa vida de casal.

Ademais, porque vamos examinar a violência nessas relações na situação de namoro, devemos considerar a existência de conflitos e crises nessas relações.

Para a teoria do desenvolvimento humano crises existentes nas relações familiares são também fruto das grandes transformações contemporâneas do casamento formal e da constituição da família tradicional. Tais crises do desenvolvimento desse agregado relacional a que

se denomina 'família' podem representar mudanças permanentes no *status* e na função de seus membros.

Algumas destas crises de desenvolvimento podem ser habituais, com mudanças evolutivas sutis, graduais; outras são abruptas e dramáticas. Encontramos referências a este aspecto nos trabalhos de Carter e McGoldrick (1995) e Cervený e Berthoud (1997) ao apresentarem as diversas etapas do ciclo de vida da família. A constituição da relação de intimidade é uma destas etapas e a formação do casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar.

O que encontraremos, nesta primeira fase, é uma etapa de negociação, de criação de um padrão de comunicação própria dos parceiros, entrando em jogo as expectativas, as características pessoais e as histórias das famílias de origem. Portanto, são duas pessoas constituindo o núcleo de uma estrutura familiar em torno de ideias, crenças, valores pessoais e da inter-relação destes (Carter e McGoldrick, 1995).

Nesta perspectiva do desenvolvimento, os relacionamentos estão estruturados dentro de um contexto social no qual as normas e valores permeiam as maneiras de pensar sobre o casamento e os comportamentos esperados como marido e esposa (Walsh, 1989).

Dentro deste contexto, existem histórias coletivas através das quais mulheres e homens conhecem-se a si próprios, comparam-se entre si e estabelecem seus relacionamentos. Estas histórias coletivas, as quais formam histórias pessoais e interacionais, não são neutras, como afirma Bruner (1997), mas elas trazem realidades culturais e sociais dentro do processo de construção do relacionamento. Porém, quando as crenças, expectativas ou pontos de vista entram em conflito, pode ocorrer a violência, a depender de como as normas culturais aceitem o comportamento violento como resolução de conflitos, tal como apontam Schraiber et al. (2005, 2008) e Heise et al. (2002), já introduzindo o referencial da teoria de gênero na compreensão da violência como forma de resolver conflitos.

Para a compreensão de como se processam os acordos relacionais, considerando os conflitos decorrentes das atribuições e desigualdades de

gênero, outros estudos buscam sustentação nas transformações que as relações de intimidade vêm sofrendo ao longo dos tempos (Giddens, 1993; Neves, 2008; Neves e Nogueira, 2003).

Giddens (1993) em sua obra “A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas”, apresenta como as transformações da intimidade repercutem nos relacionamentos nos dias de hoje. O autor refere-se à fase de transição entre padrões morais antigos que convivem simultaneamente com novos, em que o amor romântico caminha para o amor puro, no qual a relação seria mais simétrica ou igualitária, não ocorrendo as atuais desigualdades de gênero, e, neste, as diferenças de gênero teriam cada vez menos lugar na conjugalidade.

A grande questão que se coloca é como estas mudanças na intimidade se concretizariam numa sociedade cujo contexto social masculino é dominante, em que as mulheres têm um *status* inferior e que homens e mulheres têm tarefas diferentes, valorizadas de modo desigual na sociedade. Isto gera conflito em potencial, pois, ao mesmo tempo, que mudanças no ambiente econômico têm promovido novas definições e expectativas de gênero e que são perpassadas por ideias igualitárias, a socialização tradicional nas questões de gênero tem uma força poderosa (Nogueira, Neves e Barbosa, 2005; Neves e Nogueira; 2003).

Esses e outros estudos que tomam a perspectiva de gênero para explicar conflitos e desigualdades entre homens e mulheres, examinam quase sempre a violência de casais como questão de gênero. Vale dizer: a violência expressa a desigualdade de gênero e pode se apresentar sempre que haja uma busca por maior equidade nessas relações, tal como nos dias atuais.

Assim, quando falamos da questão de gênero, mais especificadamente, relacionado à violência entre parceiros íntimos, acreditamos que esta compreensão deva ir além do que é entendido como diferença biológica entre os sexos, devendo abarcar outros determinantes cruciais como os aspectos psicológico, social e cultural da socialização dos indivíduos de sexo masculino e feminino. E, quando falamos em aspecto

social e cultural, entendemos que a questão do gênero, não deva ser vista somente como um processo de aprendizagem social do tipo cognitivo, mas sim fazendo parte da socialização das crianças nas identidades masculinas e femininas; fazendo parte de algo mais amplo pelo qual diversas crenças são construídas e sustentadas pelas relações familiares. Entendemos que identidade social construída culturalmente de como ser homem ou mulher não é simplesmente a partir do que é transmitido entre pais e filhos, enquanto relações de gerações, mas sim, que nestas identidades estão envolvidas todas as concepções e as práticas socializadoras pertencentes à trama familiar (Lima, Buchele e Clímaco, 2008; Caldas e Gessolo, 2008; Neves, 2008).

Os estudos e debates referentes ao próprio conceito de gênero são extensos. Neste trabalho a perspectiva adotada endossa a concepção de gênero como parte da complexidade que se estabelece durante as relações sociais, das experiências que se sucedem nos contextos diários, que influenciam o comportamento e os sentimentos dos indivíduos, tudo isso remetido ao interior das relações em que o homem e os atributos masculinos possuem maior poder (Schraiber et al., 2008, 2009; Jansen et al., 2004).

Neste sentido, gênero pode ser considerado como uma categoria de análise, uma vez que homens e mulheres refletem as distinções de gênero no nível interpessoal, ao assumirem para si os respectivos papéis normativos de sua cultura.

Além da perspectiva da compreensão da constituição da relação de intimidade, dos aspectos associados ao processo de desenvolvimento das relações afetivas e das questões de gênero presentes, aprofundar o conhecimento do fenômeno do namoro também traz contribuições expressivas para o estudo da violência nesta situação de vida. Isto porque, a fase de namoro até metade do século XX praticamente não existia e era considerado um período de passagem para o casamento.

Atualmente, além de corresponder a um período mais elástico para a constituição da relação de intimidade, o namoro abarca uma variedade de tipos de relação, desde as que são bem curtas e descompromissadas, até

de coabitação (Béjin, 1987).

A entrada do jovem no mundo adulto corresponde ao período do desenvolvimento humano que tem como finalidade criar uma estrutura inicial da vida adulta, com estabilidade e continuidade. No entanto, é na área da intimidade e dos relacionamentos que parece surgir o maior estresse nesta fase em que as questões de compartilhamento assumem um papel principal (Aylmer, 1995).

Segundo Siqueira (2001) um dos critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal é a capacidade, ao final da juventude, de construir e manter relações de intimidade. Apesar da importância da intimidade e do compromisso nesta fase, os autores que discorrem sobre o desenvolvimento humano nos fornecem poucas informações quer sobre a intimidade e os compromissos, quer sobre a violência (Erikson, 1972). Até muito recentemente, o estudo da violência na fase de namoro tinha uma sistematização teórica pouco consistente utilizando-se na maioria das vezes da compreensão geral da 'violência interpessoal'.

Com a especificidade contemporânea do namoro e também com as particularidades da questão de gênero, se mostrou necessário ampliar a compreensão sobre as transformações que as relações de intimidade vêm sofrendo a partir de uma perspectiva histórica, além de um olhar mais voltado para as novas configurações das relações entre jovens já presentes na sociedade atual – o ficar e o namoro.

No tocante à violência, cabe ressaltar que uma tendência atual nos estudos é abordar, além de sua mensuração em termos das magnitudes de ocorrência, nos estudos de prevalências, também a identificação dos fatores associados ao evento, ou mesmo dos fatores de risco e de proteção às violências, tais como autoestima, isolamento/participação social, histórico familiar ou pessoal de violência nas relações de intimidade, entre outros, além da preocupação de serem cada vez mais identificadas as repercussões da violência em termos de agravos à saúde dos envolvidos. (Schraiber et al., 2008; Azambuja e Nogueira, 2008).

Também são apontadas algumas lacunas no estudo da violência,

dentre elas, a necessidade de ampliar a pesquisa para outros tipos de atos perpetrados além do tipo físico, o mais estudado em geral entre jovens, acrescentando-se, por exemplo, a violência sexual e a psicológica ou emocional. Ainda são apontadas a necessidade do aprofundamento de estudos sobre a relação violência e gênero e a premência de se conhecer a extensão e diversidade do fenômeno em nossa cultura e, conseqüentemente, fundamentar futuros programas de intervenção e prevenção de violência entre parceiros íntimos no namoro.

Neste sentido, justifica-se a proposta para este presente estudo por sua característica inovadora na abordagem e nos recortes feitos no estudo da violência, possibilitando ampliar o conhecimento da realidade brasileira quanto a este fenômeno.

Trata-se de um estudo que teve como objetivo maior contribuir para o reconhecimento da ocorrência de violência entre parceiros íntimos na fase de namoro, tendo como base conceitual as questões de gênero e seus elementos para a compreensão da constituição da relação de intimidade.

O modelo de pesquisa adotado é o enfoque quantitativo e consiste na análise de dados já coletados, a partir do estudo epidemiológico de corte transversal denominado *Estudo Internacional de Violência no Namoro (International Dating Violence Study - IDVS)*. Sua pesquisa empírica foi realizada entre 2002 e 2003, no Estado de São Paulo, com uma amostra da população brasileira de universitários, na sua maioria, jovens. Essa pesquisa foi coordenada por esta pesquisadora enquanto a responsável pela participação brasileira nesse estudo internacional (Aldrighi, 2004) e que ora atualiza outras análises do banco de dados e novos recortes de estudo acerca da violência no namoro.

Assim, com base na atual proposta de estudo, consolidado nesta tese de doutoramento sobre a violência nas relações de intimidade no namoro, o trabalho está organizado de modo a apresentar, primeiramente, a conceituação e exploração da literatura quanto aos temas centrais: adulto jovem, intimidade, namoro e gênero. Na sequência, são apresentadas a fundamentação teórica, a metodologia e o desenho de pesquisa, e nos

capítulos seguintes, apresentam-se os resultados descritivos e analíticos dos recortes pretendidos no presente desenho. Os recortes propostos no presente trabalho foram: um estudo descritivo sobre as prevalências da violência, não apenas no último ano, mas ao longo do relacionamento de namoro e em seus diversos tipos, valorizando os tipos sexual e psicológico menos estudados e também mostrando suas superposições; um segundo, que aborda a violência e os fatores associados, e um terceiro, que se propõe a avaliar o impacto da violência na saúde mental a partir do quadro de depressão, agravo escolhido, sobretudo em razão dos muitos estudos que apontam a grande repercussão em saúde mental conectada à experiência de violência. Para cada um desses estudos são apresentados além dos resultados, a respectiva discussão, e ao final, apresentam-se as considerações finais com base no material obtido do conjunto de dados. Estas considerações finais expressam, quer como recomendações aos pesquisadores, quer às políticas públicas que visam apoiar os jovens na prevenção e erradicação das violências no namoro.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo pretende dar bases para maior compreensão de quem são os jovens adultos, de que modo a noção de amor romântico se apresenta e se faz presente nas relações de intimidade e afetivas; como estas se situam em contexto de namoro; quais suas opiniões ou representações a respeito, e por fim, como se comportam diante de conflitos interpessoais nessas relações de namoro e diante da violência como forma de lidar com os conflitos.

Esse amplo leque de questões ora incluídas em termos teóricos, deve-se ao fato de que as relações interpessoais têm sofrido diversas mudanças históricas, sobretudo as que se podem caracterizar como situação de namoro entre indivíduos jovens e adultos jovens de ambos os sexos. Tais mudanças ocorrem tanto como práticas de relacionamentos, quanto em termos de sua abordagem em estudos científicos. São decorrentes das próprias mudanças históricas e culturais por que passa o casamento como instituição social e as relações de conjugalidade. Tida como aquela em que os jovens e adultos jovens experimentam as primeiras relações na perspectiva de saírem de seus núcleos familiares originais para estabelecerem seus próprios núcleos, a situação de namoro incorpora as mudanças na relação de intimidade, nas relações e práticas sexuais, na definição de vínculos interpessoais e compromissos para com esses vínculos, além da simultânea definição do estatuto e responsabilidade sociais que o jovem terá na vida adulta, quer enquanto membro de uma família, quer enquanto trabalhador social. Parte das importantes transformações mencionadas é dada pelos novos papéis e atribuições sociais que homens e mulheres passam a aderir desde a segunda metade do século XX, o que é objeto dos estudos acerca das relações de gênero, também chamados estudos de gênero. Nestes são apontadas relações entre as concepções amorosas e a aceitação de determinadas situações de subordinação das mulheres aos homens nas relações de intimidade ou

relações afetivo-sexuais. Esses estudos apontam, inclusive, questões de aceitação e permanência em situações de violência por parceiro íntimo, no contexto da vida de casal. Essa perspectiva de gênero é adotada neste trabalho para compreendermos a violência e irá se expressar, conforme explicitado na metodologia e desenho do presente estudo, em termos dos dados empíricos, em variáveis tais como: a representação de gênero relatada pelos entrevistados quanto a expectativas sobre determinados comportamentos masculinos e femininos; a presença de ciúmes nas relações de casal (aqui conceituadas como de intimidade ou de parceria afetivo-sexual); e as aceitações de violência nessas relações de intimidade entre homens e mulheres.

Assim, a seguir está o quadro teórico que dá bases interpretativas ao presente estudo acerca da violência no namoro entre jovens universitários. Este inclui o exame da passagem do casamento como constituidor da família para as relações de intimidade, além da inclusão do exame da intimidade para compreender as experimentações relacionais representadas pelo namoro. Também agregamos aqui breve exame das concepções de amor que cercam o casamento e a intimidade, delimitando vínculos, responsabilidades, compromissos e formas de realização das práticas sexuais, examinando-se, por fim, os conflitos e a violência nas relações de intimidade.

Os tópicos abordados são: caracterização do adulto jovem; discussão do amor romântico na relação de intimidade e as questões de gênero; definição do namoro enquanto relação de intimidade; violência na relação de namoro.

2.1. O Adulto jovem

2.1.1. Quem é o adulto jovem

Um referencial muito usado nos estudos de violência no namoro e mesmo sobre o namoro para pensar a transição para a vida adulta é o que

apresenta a evolução do indivíduo dentro de uma perspectiva do desenvolvimento humano, da noção de ciclo de vida e da periodização da vida.

Neste aspecto, houve uma série de importantes produções teóricas para a compreensão do período compreendido entre a adolescência tardia e aquele que adentra os 20 anos. Uma contribuição inicial foi a de Erikson (1972,1998), sobre o conceito de moratória psicossocial. Pioneiro no destaque às questões sociais como relevantes para o desenvolvimento humano, em seus escritos, raramente, fazia menção às idades específicas, e em sua teoria do desenvolvimento humano escreveu sobre o desenvolvimento na adolescência e do adulto jovem. Ele também fez referência sobre a adolescência prolongada típica das sociedades industrializadas e sobre a moratória ou a dilação de prazo concedida ao jovem em tais sociedades “durante a qual o adulto jovem através da livre experimentação pode encontrar um lugar na sociedade” (Erikson, 1972, p. 156).

Pode-se dizer que Erikson fez uma distinção, sem denominar, de um período que em alguns aspectos corresponde à idade do adulto jovem, período em que os compromissos e responsabilidades de adultos são postergados enquanto que o papel da experimentação, que começou na adolescência, continua e de fato se intensifica.

Outra contribuição teórica pode ser encontrada no trabalho de Daniel Levinson (1978) apud Erikson (1998) ¹ cuja teoria incluiu uma etapa do desenvolvimento correspondente ao final da adolescência que se estende até o período dos vinte e trinta anos de idade. Pode-se dizer que, posteriormente, este período compreendido entre 17 e 33 anos foi denominado de juventude e, cuja tarefa principal é caminhar para o mundo adulto e construir uma estrutura de vida estável. Durante este processo, de acordo com Levinson, o jovem experimenta uma quantidade considerável de mudanças e instabilidade, enquanto a experimentação de várias

¹ Levinson DJ. The seasons of a Man's Life. New York: Alfred A. Knopf, 1978.

possibilidades de amar e trabalhar caminha no sentido da criação de uma estrutura de vida. Levinson reconheceu que sua concepção de nova fase foi semelhante às ideias de Erikson sobre o papel da experimentação que ocorre durante a moratória psicossocial (Levinson, 1978, p. 322-323 apud Erickson, 1998).

Talvez a teoria mais conhecida de desenvolvimento no final da adolescência e ao longo dos vinte anos é a teoria de Kenneth Keniston. Como Erikson e Levinson, Keniston (1971) conceituou juventude como um período de experimentação contínua entre a adolescência e a idade adulta jovem. Embora Erikson (1968), Levinson (1978 apud Erikson, 1998) e Keniston (1971) tenham contribuído para a base teórica do período correspondente ao adulto jovem, desde a época de seus escritos, há mais de 30 anos, ocorreram mudanças consideráveis, como por exemplo, nas últimas décadas uma série de mudanças que vão desde a concepção e formas de casamento, à diversidade no exercício da parentalidade e às mudanças na participação da mulher no mundo do trabalho e na escolha do parceiro, entre outras.

Mais recentemente, essas fases do desenvolvimento humano foram subdivididas considerando-se as transformações econômicas, sociais, culturais e biológicas. Fala-se hoje, no mínimo, em sete fases: infância, adolescência, juventude, idade adulta ou madura, meia idade, terceira e quarta idades. Esta nova classificação decorreu da separação da infância e da adolescência, da subdivisão da idade adulta em fase do adulto maduro e a fase transicional ou juventude, correspondente ao período de 18 a 30 anos de idade, denominado de adulto jovem (Sheehy, 1997).

Uma crítica à concepção de juventude como uma fase “transicional”, apresentada por Sheehy, é a de que, apesar da aceitação de que os jovens vivem um processo de transição e preparação para a vida adulta, este também corresponde a um momento de tomada de decisões cruciais, como por exemplo, as questões referentes à educação e o início da atividade laboral (Sposito, 2000; Camarano, Mello e Kanso 2006).

Além disso, haveria o fato de que os estudos de Sheehy estão embasados numa realidade europeia e americana, consideradas primeiramente universais, sendo que hoje em dia cada vez mais se busca o entendimento a partir das influências econômicas, sociais e culturais próprias de cada formação social.

Nesta perspectiva, ao direcionar a atenção para a realidade brasileira, encontram-se mudanças sociais e econômicas aliadas às mudanças demográficas, entendidas como aumento da expectativa de vida, queda de mortalidade e de fecundidade, deslocamentos e mudanças de residência, que fizeram com que em nosso país, o período correspondente ao final de adolescência e início dos vinte anos não fosse apenas uma breve transição para a vida adulta, mas um curso de vida específico, caracterizado pela mudança e exploração dos caminhos possíveis da vida (Vieira, 2008). Além disso, hoje em dia a educação é mais prolongada, contribuindo para deslocamentos e diversidade de moradia, e conseqüentemente, a formação da família e da paternidade adiadas até mesmo para os trinta e poucos anos de idade.

Outra perspectiva de compreensão deste processo encontra-se no reconhecido trabalho sobre o ciclo de vida da família de Monica McGoldrick e Betty Carter na década de 1970, que descreve os processos de expansão, contração e realinhamento do sistema de relações de apoio à entrada, saída e desenvolvimento dos membros da família de uma forma funcional. Este trabalho apresenta o ciclo de vida familiar em fases diferenciadas de acordo com os momentos de entrada de novos membros, da necessidade de aquisições e de processos de aprendizagem para superar determinadas crises do desenvolvimento. As fases são caracterizadas por participação em eventos, como por exemplo, frequência à escola, participação no mercado de trabalho, saída de casa dos pais ou constituição do próprio domicílio, casamento/descasamento, maternidade, aposentadoria, viuvez e morte.

Esses e outros autores que partem da perspectiva do ciclo de vida consideram que todos esses eventos são bastante influenciados por sexo,

cor/etnia, regiões geográficas, renda, entre outros, o que gera uma heterogeneidade de combinações realizáveis no que diz respeito à delimitação das fases do desenvolvimento humano, suas temporalidades e sequências, de maneira a ser mais difícil vislumbrar um padrão etário rígido (Cervený, 1997; Camarano, Mello e Kanso, 2006).

Segundo este modelo, a primeira etapa do ciclo corresponde ao adulto jovem cujo objetivo é a independência em relação à família, sendo esta tarefa do desenvolvimento essencial ao ingresso na vida adulta. Neste processo encontram-se dois grandes desafios: de um lado, o ingresso no mercado de trabalho e a respectiva independência financeira, e, de outro, o estabelecimento das relações de intimidade.

No geral, então, os anos da vida do adulto jovem são caracterizados por um elevado grau de diversidade e instabilidade, refletindo a ênfase na mudança e exploração, período de vida que oferece a maior oportunidade para as explorações de identidade nas áreas do amor, trabalho e visões de mundo. O ingresso no meio universitário faz parte deste leque de possibilidades que interage com outras experimentações, sendo as relações afetivas uma dessas. Como os sujeitos do presente estudo caracterizam-se por serem jovens adultos universitários, na sequência apresenta-se uma breve descrição e contextualização de quem é o jovem universitário brasileiro.

2.1.2 Quem é o adulto jovem universitário brasileiro

No estudo sobre a realidade brasileira, Vieira (2008) ressalta que este modelo de ciclo de vida iniciado na Europa no século XVIII se consolida no século XX na medida em que muito do conhecimento sobre as fases da vida, os dilemas e desafios se popularizaram com as políticas públicas voltadas para determinados segmentos etários. A autora enfatiza a complexidade da questão e apresenta um estudo que comparou a transição para a vida adulta no Brasil em dois momentos, 1970 e 2000, de acordo com a renda domiciliar, tipo de domicílio e sexo dos indivíduos. Utilizou a técnica

conhecida como “análise de entropia de combinações de status de coortes sintéticas que consiste em construir índices que combinam a proporção de pessoas em determinada idade que frequentam escola, trabalham e formam família, ou não” (pg.27).

Os resultados apontam que o curso de vida tem maior complexidade em 2000 quando comparado a 1970, uma vez que as questões previstas para esta etapa tornam mais complexas a escolarização, o trabalho, a constituição familiar e dividem espaço com uma série de variações por muito mais tempo. Exemplo disso são as questões referentes à escolarização e o fato de persistirem grandes desigualdades quando considerada a renda familiar, e em menor grau, as diferenças de raça e de gênero. O resultado mais expressivo do estudo refere-se ao ápice das mudanças na vida dos jovens que, no Brasil, ocorre mais prematuramente, em comparação com o observado em países desenvolvidos.

Neste sentido, conhecer quem é adulto jovem universitário brasileiro, que se encontra em pleno processo de consolidação de sua identidade, contribuirá para a compreensão do papel que ocupa na sociedade e, conseqüentemente, quais as possíveis relações com outras tarefas, como por exemplo, a constituição das relações de intimidade.

Para tanto, têm-se como base as informações oficiais constantes nos dados do Censo de Educação Superior, que é um instrumento para obtenção de informações sobre as instituições de ensino superior e também de seu alunado, apontando as características da população do adulto jovem e também destacando as respectivas tendências deste grupo ao longo dos anos.

O Censo da Educação Superior, do ano de 2010, mostra no Brasil 2.378 Instituições de Educação Superior (IES), revelando um crescimento quando comparado com os resultados de 2001, que mostrava 1391 IES (INEP, 2012).

As instituições federais, estaduais e municipais, juntas, respondem por apenas 11% do total das IES. O setor privado representa 89%, proporção esta que permanece muito semelhante ao ano de 2001. As

informações do Ministério da Educação e Cultura e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (MEC/Inep) mostram que, em 2005, as matrículas nos cursos de graduação presenciais foram de cerca de 4,5 milhões de pessoas, já apontando para a maior presença feminina: 56% de mulheres e 44% de homens. As mulheres também são maioria em todas as categorias administrativas, exceto nas Instituições Federais de Educação Superior (IFES), onde o número de homens e mulheres matriculados é praticamente o mesmo. Tais informações e a proporção de homens e mulheres no ensino superior estão representadas na Figura 1.

Fonte: MEC / Inep, Censo da educação superior: 2010. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012

Figura 1 - Evolução da Participação Percentual de Matrículas em Cursos de Graduação (presencial e a distância) por sexo Brasil – 2001-2010

Melo (2008) destaca o fato de que mulheres e homens têm presença diferenciada nas matrículas por faixa etária. Na faixa etária considerada apropriada para a educação superior (18 a 24 anos), as mulheres mostram percentuais bastante superiores aos dos homens. Há uma diferença de 11% na representação entre homens e mulheres nesta faixa, indicando que os homens, apesar de serem maioria na sociedade até os 20 anos de idade, ingressam mais tarde no ensino superior, possivelmente levados pela

necessidade de ajudar no sustento das famílias. Segundo a autora, apesar do sexo masculino ser maioria na sociedade na fase do vestibular, os dados indicam uma opção masculina precoce pelo mercado de trabalho. Observa que a maioria dos estudantes de graduação do Brasil trabalha em tempo integral: sendo 51,4% dos homens e 41,7% das mulheres. Além disso, destaca que 19,5% dos homens e 23,8% das mulheres informam que nunca exerceram atividade remunerada.

Tais resultados foram apresentados e discutidos no Simpósio Gênero e Indicadores da Educação Superior Brasileira em 2007, razão pela qual a autora apresenta a análise da perspectiva de gênero, ao enfatizar e questionar as mudanças da sociedade, apontando para o fato de que as atribuições e papéis masculinos ainda parecem estar atrelados ao provimento da família, sendo esta a possível razão do ingresso mais tardio dos homens no meio universitário. Tal perspectiva pode ser exemplificada na seguinte afirmação:

O maior número de mulheres na escola e no campus, por si só, é insuficiente para dizer sobre mudanças efetivas nas relações de gênero que são socialmente construídas entre os sexos. Sabidamente, essas relações extrapolam a identificação de sexo por estarem imbricadas nas complexas relações de poder que marcam a nossa sociedade e que, por consequência, se expressam também nos conflitos e nas contradições da escola e do campus (Melo, 2008, pg28).

Este aspecto apontado pela autora no caso dos homens, contudo, não invalida a progressiva presença das mulheres na formação profissionalizante e no mercado de trabalho. Assim, as características do jovem universitário brasileiro, aqui apresentadas, refletem algumas das transformações familiares e de gênero presentes nos desafios que o adulto jovem universitário enfrenta no caminho de consolidação de suas escolhas.

2.1.3 Conclusões

Pode-se afirmar que a fase do adulto jovem é um período da vida em que ocorrem muitas mudanças, como a definição de um caminho profissional, o alcance da independência dos pais, a formação de uma identidade, experimentação e estabelecimento de relacionamentos de intimidade mais estáveis (Arnett, 2000).

Apesar da importância da fase do adulto jovem, tanto da perspectiva individual quanto familiar, este é um tema pouco estudado e explorado, ainda mais quando considerado da perspectiva dos relacionamentos de intimidade. Somando-se a isso, os primeiros estudos da década de 1960, tomam o modelo masculino como referência dos desafios e características inerentes a esta etapa. Somente a partir dos anos 1980 é que a literatura apresenta as primeiras descrições do desenvolvimento feminino (Carter e McGoldrick, 1995). Será neste contraste entre as situações masculinas e femininas que estes autores se aproximam da noção de gênero, tornando-se posteriormente estudiosos na questão numa perspectiva social e não mais centrada exclusivamente no aspecto interpessoal das relações.

Deve-se destacar também que, nos últimos anos, há mudanças drásticas neste cenário, pois com a entrada da mulher no mercado de trabalho e o acesso à educação ocorrem mudanças significativas nas relações de intimidade, e consequentemente, nas configurações familiares ou de formação da família.

Para os antropólogos, na maioria das culturas tradicionais o foco da transição para a idade adulta está no casamento (Arnett, 1998). O processo de preparação para o casamento em tais culturas envolve o cultivo de capacidades para cumprir uma variedade de responsabilidades familiares. Estas responsabilidades tendem a ser específicas de gênero, para homens e mulheres, como também para papéis complementares (Arnett, 1998), o que discutiremos melhor mais adiante.

No tocante à realidade brasileira, Levy (2009) aponta que uma das mudanças mais sensíveis acerca da organização e do funcionamento da

família no Brasil é a que se apresenta para a escolha dos cônjuges, representada na seguinte afirmação:

na nossa sociedade em geral, mas particularmente nas classes abastadas, a escolha do marido para a filha era do pater famílias, algumas vezes com a colaboração da mãe da moça. No século XIX, essa escolha foi se modificando, tendo os interessados uma voz mais ativa” (pg. 121).

Neste aspecto Carter e McGoldrick (1995) apontam que é na área da intimidade e do relacionamento que surge o maior estresse para o adulto jovem. Nela estão as questões de amor, compartilhamento e comprometimento, que apesar de suas importâncias, recebem pouca atenção por parte da maioria dos autores que escreve sobre desenvolvimento adulto. Assim, a literatura sobre desenvolvimento humano em particular pouco tem se debruçado sobre esta etapa do desenvolvimento em que o indivíduo passa a ter uma orientação relacional de cunho íntimo.

Diante disso, faz-se necessário ampliar a compreensão das relações de intimidade nesta fase do desenvolvimento, importância esta já mencionada por Gelles em 1988, como também as conexões com a noção de amor romântico que caminham para a consolidação da situação de namoro.

2.2 Adulto jovem - do amor romântico à relação de intimidade e as questões de gênero

2.2.1 Amor romântico

O amor romântico é uma inovação cultural relativamente recente, originária do ideal de amor cortês que se desenvolveu na Europa medieval. Esse amor cortês foi caracterizado como o culto dos cavaleiros às mulheres

inatingíveis da nobreza, com características de proteção, afeição e lealdade, referindo-se ao sentimento de amor pela primeira vez na relação entre homens e mulheres. Esse sentimento tornou-se incorporado à noção de amor romântico, e progressivamente veio definir os ideais de relacionamento íntimo (Shumway 2003; Sternberg, 1987).

Para Neves (2008) o amor é um dos componentes das relações de intimidade que mais tem interessado os pesquisadores na busca de entendimento e caracterização das relações de conjugalidade.

O debate sobre uma definição exata do que é o amor pode ser encontrado na literatura, bem como nos trabalhos de psicólogos, filósofos, bioquímicos e outros profissionais e especialistas. Nos últimos anos tem-se testemunhado uma ampliação nas pesquisas sobre o amor romântico, sendo que na maioria das abordagens teóricas, o amor romântico foi conceituado como um constructo multidimensional.

A própria definição do que é amor já reflete tal diversidade teórica, como por exemplo, Averill (1985) numa perspectiva do construcionismo social propõe as seguintes características para as relações de amor: idealização do parceiro, atração física e compromisso com o bem-estar da pessoa amada. Já de uma perspectiva evolutiva Jankowiak e Fisher (1992) apontam o amor romântico resultante das forças cerebrais independentes do contexto social.

Neves (2008) aponta a dificuldade em se distinguir o amor romântico da intimidade. Refere haver tanto concepções que consideram esta última como uma das características do amor e, de outro lado, as que caracterizam o amor como parte de um conceito mais amplo que é a intimidade.

Para buscar subsídios para a compreensão e contextualização do amor romântico e sua influência, sobretudo, na manutenção das relações de intimidade, faremos uma breve apresentação do amor romântico de uma perspectiva histórica e da perspectiva do desenvolvimento humano, tendo como questões de fundo quer a conjugalidade, quer a intimidade.

2.2.1.1 O amor da perspectiva histórica

Giddens (1993) apresenta a construção do amor romântico com início a partir do final do século XVIII, de forma distinta do amor paixão, introduzindo os ideais de liberdade e autorrealização, associando-o diretamente com as transições que afetaram tanto contextos de vida pessoais quanto o casamento. Para as mulheres, foi a forma de mantê-las sob controle, associando o amor ao casamento e à maternidade, enquanto que por outro lado, “o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “machismo” da sociedade moderna” (pg.10).

Para o autor, o amor romântico trouxe profundas transformações no casamento e em outros contextos da vida pessoal.

De acordo com Shumway (2003) na terminologia tradicional ocidental amor romântico significa "a cômte ao amante", que parece ter se originado no final do século XIX e início do século XX, principalmente a partir da cultura francesa. Ainda segundo o autor, essa origem explicaria a conexão entre as palavras "amor" e "amante", sendo a expressão inglesa “amor romântico” possivelmente derivada da noção que refere a ‘forma de amar dos romanos’. Na tentativa de entender como o amor romântico se constituiu nos dias atuais, Shumway (2003) apresenta um histórico do amor desde os tempos mais remotos, tendo como base os discursos sobre o amor, primariamente expressos nas ficções, nas novelas, nas poesias, nas prosas e livros, e posteriormente na relação que se constituiu entre amor romântico, casamento e intimidade.

Muitas histórias do século XX apresentam uma mistura de intimidade e amor, em estado de tensão. O autor enfatiza que o amor pode ser uma experiência compartilhada pela maioria dos humanos, e como tal os humanos iniciam a vida com vínculos emocionais com um ou ambos os pais. A capacidade para tais vínculos presumivelmente é a base para todos os vínculos estabelecidos mais tarde na vida com os irmãos, parentes, amigos, amantes e esposos. Porém, enquanto tais vínculos possam ter diferentes

graus e qualidades, a capacidade para vincular-se por si só não dá conta da experiência usualmente associada ao amor.

Para o autor o significado mais antigo de amor é de solidariedade social, que corresponde mais à capacidade para vincular-se do que para apaixonar-se.

Além disso, o sentimento amoroso não era identificado ao casamento, como, por exemplo, na Roma antiga, em que o amor era um elemento fortuito, um golpe de sorte, ou ainda, no início da idade média, em que o amor era considerado destrutivo, e o termo não era vinculado ao casamento oficial.

No período medieval, o amor emergiu como um contra discurso ao caráter repressivo de casamentos oficialmente sancionados pela aristocracia. A aparição do amor na literatura, que incluía tanto a poesia lírica quanto as narrativas, correspondia a uma idealização do sentimento amoroso, mas não era também vinculado ao casamento.

O amor raramente foi expresso como uma doutrina ou usado explicitamente como base para um comportamento moral, mas produziu uma porção de novas formas literárias, razão pela qual a palavra amor significa, além de um tipo de sentimento e valor relacional, um tipo de história. Tais concepções derivam do fato de que o amor romântico foi originalmente divulgado mais amplamente em longas narrativas conhecidas como os romances medievais. No romance, a estrutura narrativa é representada por um conjunto de relações triangulares entre amantes que sempre se encontram separados, originando a visão de paixão ou de sentimento amoroso como sinônimo de sofrimento (Shumway, 2003).

O autor ainda aponta que, em Shakespeare, surge a associação do amor com o casamento, visto tanto como uma questão de felicidade individual, como de um rito de renovação social. As comédias shakespearianas, segundo este autor, não só encarnam um novo padrão que une amor e casamento, mas também refletem a conhecida prática do casamento como aliança. Surgiria, então, além das alianças em torno a questões de ordem econômica e social, o ideal do casamento com base nas

necessidades e desejos individualizados das pessoas e no pressuposto de que os parceiros se conhecessem profundamente e se relacionassem como amantes iguais, em uma relação amorosa bastante simétrica em termos do grau de igualdade entre os amantes.

Porém, a despeito dessas narrativas literárias, há mais consenso entre os estudiosos que, no século XVII, uma nova forma de casamento surge na Inglaterra, denominado por Stone (1988) apud Shumway (2003) ² de "casamento companheiro". Esta forma não foi baseada no amor, mas em compatibilidade de temperamento com o objetivo de companheirismo duradouro. Com isso o casamento tinha como base a amizade ou a afeição em vez da paixão, e isso implicava em mais igualdade entre os parceiros.

Segundo Shumway (2003), foi somente no século XIX que as expectativas românticas começaram a ser comumente ligadas ao casamento. Isso, porém, não significava que, de repente, os casamentos tornaram-se mais apaixonados ou que o amor governava o mundo emocional das relações sem oposição. Também foram encorajadas esferas, sobretudo afetivo-sexuais, separadas para homens e mulheres e com a repressão sexual da era Vitoriana, os homens continuavam a procurar a satisfação sexual fora do casamento.

Assim, concepções de casamento, no século XIX foram divididas entre aquelas decorrentes de envolvimento amoroso (romântico), as do casamento de companheirismo e as derivadas das concepções mais tradicionais das alianças em termos econômicos e sociais.

Mas ao final desse século XIX, desenvolveu-se a representação romântica da conjugalidade como um ideal a ser seguido e isso fez com que o amor se tornasse parte do casamento. Porém, essa representação ainda não se colocava de forma tão confortável, pois até então, o amor derivava do contexto das relações de adultério (Shumway, 2003).

Assim, um alargamento dessa representação encampando distintas situações de relacionamentos foi a última característica e, talvez mais

² Lawrence Stone, "Passionate Attachments in the West in Historical Perspective," in *Passionate Attachments: Thinking about Love*, ed. William Gayling and Ethel Person (New York: Free Press, 1988)

importante do discurso do amor romântico, permitindo descrever desde o amor casto ao cortês, incluindo a paixão adúltera e o namoro prolongado terminando em um casamento. Segundo Shumway (2003), essa propriedade discursiva, porém, conflitou com a prática do casamento, sendo esta uma das razões do surgimento do discurso da 'intimidade'.

O crescimento do capitalismo com novas referências de estruturação social e econômica, assim como outros padrões de vida social, possibilitou a individualização de lugares sociais e o estabelecimento de relações antes acessadas apenas nas alianças conjugais, e assim diluiu a necessidade do casamento como forma estruturadora da vida social. O casamento, até então, considerado uma organização social nuclear para que a propriedade pudesse ser preservada ou aumentada, tendia, ao longo do desenvolvimento do capitalismo, a perder esse papel, estando cada vez mais liberto da necessidade de ser uma aliança econômica. De acordo com o historiador Gillis (1988) apud Shumway (2003)³, até mesmo os rituais associados com o casamento tornaram-se cada vez mais privados, e, como função social, tornou-se menos significativo.

O casamento representava situações diferentes para homens e mulheres até meados do século XIX, sendo esperado pelas mulheres, pois estas tinham poucas ou nenhuma alternativa socialmente aceitável para situarem-se como membros legítimos da sociedade. No entanto, quando as mulheres começaram a vislumbrar projetos de vida além dos de esposa e mãe, o casamento tornou-se não apenas uma opção, mas também uma opção que poderia se opor ao caminho de uma carreira profissional ou de uma realização pessoal e poderia ser rejeitado como forma de colocação na sociedade. Assim sendo, o divórcio cresce e assume papel relevante na sociedade.

Não obstante, a visão do casamento romântico gerou expectativas que muitos casamentos não conseguiram cumprir, até porque nem mesmo

³ John R. Gillis, "From Ritual to Romance: Toward an Alternative History of Love," in *Emotion And Social Change: Toward a New Psychohistory of Love*, ed. Carol Z. Stearns and Peter N. Stearns (New York: Holmes, 1988)

os romances em suas narrativas do amor romântico ofereciam qualquer perspectiva de como o casamento poderia cumpri-las. Segundo May (1980) apud Shumway (2003)⁴, o resultado foi uma grande mudança nos padrões de casamento e divórcio:

Durante o final do século XIX e início do século XX, casamentos americanos começaram a desmoronar em uma taxa sem precedentes. Entre 1867 e 1929, a população dos Estados Unidos aumentou 300%, o número de casamentos de 400%, e a taxa de divórcio 2000%. Até o final da década de 1920, a cada ano mais de um casamento entre seis terminou em divórcio. Se o divórcio tinha sido crescente desde o século XIX, continuou a fazê-lo no século XX. Entre 1910 e 1940, a taxa de divórcios quase dobrou, apesar de um ligeiro declínio nos anos 1930. (May, 1980 apud Shumway, 2003, pg.57).

Muitas explicações foram oferecidas, que vão desde a emancipação das mulheres e leis liberais de divórcio às das condições gerais da vida urbana. Segundo May (1980) apud Shumway (2003), as razões estariam nas expectativas crescentes de satisfação pessoal e de felicidade que colocaram uma carga excessivamente pesada sobre o casamento. Assim, o casamento, cada vez mais livre de sua função de obrigações sociais, também esteve cada vez mais sob a pressão das expectativas pessoais. O discurso do amor narrava essas expectativas, mas com as mudanças sociais o casamento tinha de preencher a lacuna emocional deixada pela ausência de outras relações, e o casamento tornou-se o refúgio da relação humana.

No entanto, as questões do casamento e das relações de intimidade, surgem a partir das mudanças nas atribuições femininas e masculinas com a maior presença das mulheres na esfera pública do trabalho social e consequente maior independência econômica da mulher, remete ao surgimento de conflitos importantes na vida conjugal como também a nova

⁴ Elaine Tyler May, *Great Expectations: Marriage and Divorce in Post-Victorian America* (Chicago: University of Chicago Press, 1980)

necessidade de divisão das tarefas domésticas. Essas mudanças sem dúvida também tiveram impactos na situação de namoro, enquanto momento de experimentação da vida de relacionamentos mais íntimos e de casal.

Pode-se entender tais questões a partir da perspectiva da teoria de gênero, que considera a desigualdade de poder entre homens e mulheres (ou o poder visto da ótica de gênero) central para entendimento das relações entre os homens e as mulheres em seu cotidiano social. Esta desigualdade surge de contextos sociais que ao longo dos séculos têm valorizado socialmente mais as atribuições e ações dos homens relativamente às das mulheres. Esse maior poder se expressa a partir de regras de gênero que estabelecem comportamentos, expectativas e atributos que são esperados de homens e mulheres e define o que é considerado correto e aceitável, especialmente nas relações interpessoais, como o namoro, o casamento e a parentalidade. Pode-se dizer que tais regras existam dentro de um quadro de práticas culturais e de linguagens compartilhadas que atinge muitos aspectos do amor e da intimidade (Knudsen-Martin e Mahoney, 2009; Scott, 1995). Voltaremos a tratar dessas questões mais adiante.

2.2.1.2 O amor na questão do desenvolvimento humano

Os estudos sobre o desenvolvimento humano individual apontam as relações iniciais entre pais e filhos, bem como as relações de amizade, ou a história de conflitos e do divórcio dos pais como formadores dos relacionamentos românticos para a vida do adulto jovem (Hazan e Shaver, 1987). Tendo como pressuposto central a Teoria do Apego, que distingue diferentes tipos de vínculos, graus de intimidade e envolvimento emocional (afetividade), satisfação no relacionamento sexual e qualidade dos compromissos e responsabilidades relacionais, e de que decorrerão formas de constituição dos relacionamentos românticos no adulto jovem (Hazan e Shaver, 1987).

Assim, os relacionamentos românticos encontram base nas experiências de relacionamentos prévios, em especial no tocante a alguns de seus componentes, tais como as características da afeição ou do envolvimento emocional, responsabilidade relacional e social e compromisso para com a relação.

Além disso, de acordo com Erikson (1972, 1998), a intimidade nos relacionamentos românticos estaria diretamente relacionada com o desenvolvimento da identidade e da imagem corporal formada pelo indivíduo, sendo que somente indivíduos com uma identidade própria conseguem pensar e desejar envolver-se num relacionamento com o outro. Este tópico será abordado mais adiante, mas importa por ora reter que características do amor romântico também resultam de diferentes contribuições das experiências dos anos da adolescência, em particular a qualidade de satisfação esperada para a atividade sexual e a quais necessidades essa atividade responderia.

Porém, segundo Neves (2008), até a década de 1970, os estudos científicos sobre o amor foram escassos, tendo como justificativa ser este um tema complexo e de dificuldade de se garantir o rigor científico.

Já em 1969 Berscheid e Hatfield, pioneiros na exploração científica do amor, propõem dois tipos principais de amor: o apaixonado e o companheirismo. Amor apaixonado seria "um estado de anseio intenso pela união com outro "(Hatfield e Rapson, 1993, p. 5). Já o Amor companheiro, menos intenso do que o apaixonado está conectado a compromisso, apego e intimidade. Definido como "o afeto e ternura que sentimos por aqueles com os quais nossas vidas são profundamente entrelaçados" (Berscheid e Hatfield, 1969, p 9.), o amor companheiro remonta à profunda amizade, companheirismo fácil, a partilha de interesses comuns e atividades, mas não necessariamente inclui o desejo ou a atração sexual. Esse modelo deu origem à Escala de Amor e Paixão (PLS), amplamente utilizada, que contempla a passagem linear de amor-paixão em amor companheiro (Hatfield e Walster, 1978; Hatfield & Sprecher, 1986).

Outra compreensão proeminente é a proposta denominada de Estilos de Amor (Hendrick e Hendrick, 1992), com a seguinte tipologia: (a) o amor romântico, um foco intenso, valorizando e desejo de união com o amado, sem obsessão, (b) o amor obsessivo em que "O amante é ciumento, cheio de dúvidas sobre a sinceridade do parceiro e sujeito compromisso, a sintomas físicos, tais como a incapacidade de comer e dormir, experimenta excitação aguda alternando com depressão debilitante "(Hendrick e Hendrick, 1992, p 66.); e (c) o amor amizade, um sentimento de afeição natural, seguro, de amizade, confiança, que não envolve o desejo sexual e é semelhante ao amor companheiro. O amor romântico e o obsessivo correspondem à definição de Berscheid e Hatfield (1969) de amor apaixonado e sua operacionalização nas PLS. Já o amor amizade, corresponde à definição de amor companheiro proposta por Berscheid e Hatfield.

Uma terceira influência é a teoria triangular de Sternberg (1987), considerado um dos autores que mais contribuiu para uma visão multifacetada do amor, ao propor um quadro referencial que permite uma análise embasada em pressupostos cognitivos, emocionais e motivacionais (Neves, 2008). Conceituando o amor como constituído por três componentes - paixão, intimidade e compromisso - estabelece os seguintes tipos: amor apaixonado, derivado de uma combinação de intimidade e paixão, sem compromisso; amor desenfreado, da paixão sem compromisso ou sem intimidade; e amor fantasioso, da paixão e compromisso, mas sem intimidade. No entanto, de acordo com o próprio autor dessa tipologia, ao longo de relações de sucesso, a paixão geralmente diminui e aumenta a intimidade assim como o compromisso.

Outras abordagens descrevem os mecanismos que podem promover a existência ocasional do amor romântico em relacionamentos duradouros. Berscheid, Hatfield, Barclay (1969) afirma que interrupções temporárias, tais como separações breves e conflitos, podem reacender a paixão (incluindo o seu elemento obsessivo). Por outro lado, também pode ocorrer alteração no modelo de intimidade. Baumeister e Bratslavsky, (1999) sugerem que, se os

casais tiverem a oportunidade de aumentar a intimidade, também podem aumentar a paixão.

Mas parece ter sido a contribuição de Sternberg, que apresentou o amor romântico como uma construção social, uma invenção cultural recente e, pois, não universal, sendo também recente sua associação com o casamento, o que ainda está em pleno desenvolvimento na sociedade ocidental (Neves, 2008; Gergen, 1996).

Ainda, destaca-se a afirmação de Neves (2008) ao referir-se à contribuição de Sternberg, de que:

ao enunciar o amor como um fenômeno socialmente construído e não como uma realidade objetiva, homogênea e irreversível, e ao atribuir-lhes funções diversas, Sternberg abriu caminho para o aprofundamento do estudo das relações íntimas, permitindo que novas e mais integradas abordagens fossem a partir daí desenvolvidas. (pg. 91).

Atualmente, o discurso de amor romântico continua a existir juntamente com o da intimidade, e nesse sentido, conforme afirma Neves (2008) “... para além de ser um conceito multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo” (pg. 92).

Shumway (2003) aponta a estreita relação entre amor romântico e intimidade, ao afirmar que por um lado, o amor é a parte que oferece aventura, emoções intensas e a possibilidade de encontrar o par perfeito; e por outro, a intimidade oferece uma comunicação profunda, de amizade e de compartilhamento de longa duração.

2.2.1.3 Conclusões

Conforme apresentado, os primórdios do amor romântico conseguiam a sua expressão emocional fora do casamento, quer seja no namoro ou no adultério, porém não fornecia um modelo para a expressão continuada de emoção. Somente a partir do século XX encontram-se as qualidades esperadas em um casamento. O discurso de intimidade é uma expressão

dessas novas expectativas de relacionamento e uma resposta para a crise da relação entre casamento e amor.

O surgimento da intimidade, como uma nova prática relacional e um novo conceito, tem suas raízes na alienação causada pela fragmentação social do capitalismo. Fato esse que promoveu o surgimento do discurso da intimidade, pois muitas pessoas, incluindo cientistas sociais, moralistas públicos, políticos e psicanalistas, mas também os indivíduos em geral, foram perturbados pelo fracasso do casamento tanto em duração quanto em satisfação.

Essa transição pode ser exemplificada pelas ideias de Giddens (1993) ao argumentar que a ascensão do amor romântico possibilitou estabelecer um vínculo duradouro com o outro, sendo o precursor do relacionamento puro, que diz respeito a um relacionamento de igualdade sexual e emocional. Além disso, o autor fala da transição do modelo de amor romântico para o do amor confluyente, resultante das transformações que exigem relações íntimas igualitárias, que implicam num “mundo de negociação sexual, de “relacionamentos”, em que novas terminologias de “compromisso” e intimidade” vieram à tona” (pg. 17).

Passaremos a examinar, então, as relações interindividuais como âmbito das questões ligadas à intimidade entre homens e mulheres, com destaque para o adulto jovem.

2.2.2 O desenvolvimento da intimidade no contexto do amor romântico

O discurso da ‘intimidade’ pode ser considerado uma resposta mais direta ao reduzido papel social do casamento, em justificar-se, sobretudo, como o contexto legítimo exclusivo para as relações sexuais. As práticas sexuais, heterossexuais e homossexuais, passaram a ser situadas em um contexto de intimidade e não necessariamente de conjugalidade (Shumway, 2003; Giddens, 1993).

2.2.2.1 O conceito de intimidade

Na década de 1960, um novo termo ‘relacionamento’ surgiu para designar novas formas de relações comumente associadas com práticas sexuais e que criavam laços entre os indivíduos. O casamento era agora apenas uma das alternativas de construção de tais laços, embora ainda dominante. Será nessa década que intimidade é usada de forma ambígua, designando um contexto quer de "relações sexuais" quer de "proximidade afetiva" (Shumway, 2003).

Embora ambos os sentidos persistam até hoje, as conotações da palavra intimidade modificaram-se sutilmente durante o século XX. Do século XVII até o século XIX, intimidade foi um termo que serviu para conotar relações sexuais. No final do século XX, no entanto, a intimidade se tornou uma qualidade a ser medida na avaliação dos casamentos. Assim, ‘intimidade’ é hoje uma qualidade que os casamentos podem ou não ter, e que os casais têm conhecimento de que devem trabalhar para alcançar.

É somente após a Segunda Guerra Mundial, e principalmente após a década de 1960, que a intimidade se desenvolve como discurso mais significativo da relação afetiva e de vínculos de aproximação emocional do que da relação sexual, podendo ou não remeter também a esta. Esse novo discurso não surge do nada, mas provém daquela concepção de casamento antes denominada de "companheirismo", na sua forma da década de 1920, implicando relações de proximidade e de amizade.

O discurso da intimidade também precisa ser entendido como uma reação contra o individualismo e a supervalorização da autonomia, que parecia prescindir dos compromissos e maior proximidade afetiva com o outro da relação, na definição dos laços ou vínculos desta.

O feminismo também contribuiu para a reação contra o individualismo e o privilégio da autonomia psíquica. As feministas não só observaram as diferenças de gênero, isto é, o modo distinto como homens e mulheres se posicionavam no tocante ao afeto e ao relacionamento, mas também que a cultura machista tinha desvalorizado ambos. A influência do feminismo nas

formas de pensar e de se comportar pode ter sido a contribuição mais importante para o surgimento do discurso da intimidade, no que Anthony Giddens chama de "transformação da intimidade", uma mudança importante na prática humana que ocorreu durante o século XX. O argumento do autor é de que o caráter das relações interpessoais, antes relativamente fixo por leis e costumes, agora se tornou fluido. Giddens (1993) refere-se à intimidade como uma "...negociação transacional de laços pessoais de igual para igual..." (p. 11).

No entanto, a reestruturação dessas relações neste mundo transformado resulta em novas terminologias, como "compromisso" e "intimidade", sendo o principal referente e objeto do discurso intimidade, e o casamento continua a ser a forma preferida para chegar-se a tais relações.

Em suma, destaca-se a importância de inserir a discussão da intimidade no contexto do presente estudo por várias razões: por ser vital para a qualidade e estabilidade da família; pelo fato de que a intimidade envolve manter uma receptividade e um estado de abertura ao outro e de troca mútua, caracterizando um relacionamento em que cada um se situa de modo igual, com mesmo valor de manifestar sua opinião e tomar decisões na relação, isto é, em uma relação de igualdade de sujeitos; e por fim a importância da qualidade da intimidade até mesmo nos relacionamentos de namoro, conforme afirma Makepeace (1986), e cuja frustração pode conduzir a comportamentos agressivos e violentos.

2.2.2.2 Relações de intimidade e o adulto jovem

Da perspectiva dos estudos sobre o desenvolvimento humano duas tarefas são apontadas como marcantes para o período compreendido entre a adolescência e primeiros anos do adulto jovem: a identidade e a intimidade.

Erikson (1972, 1998) aponta que o desenvolvimento psicossocial de intimidade e identidade são processos inter-relacionados, mas com desenvolvimento específico cada qual. O autor também considera que,

embora outras formas de intimidade fizessem parte do desenvolvimento normal, só era possível experimentar a intimidade com maturidade, após o estabelecimento de um senso mínimo de identidade. Ele descreve a conquista dos atributos da intimidade como crítica, na transição da adolescência para a idade adulta, sendo essa transição uma extensão da vida, um ponto central, em que o passado e o presente afetam a trajetória da vida do adulto jovem.

Mas o autor também destacou a diferença entre homens e mulheres quanto à relação entre o desenvolvimento da identidade e o da intimidade, apontando que, no caso das mulheres, ajustes da identidade apenas se completariam nas experiências de um relacionamento íntimo.

Tais diferenças entre o modo masculino e feminino de estabelecer conexões entre intimidade e identidade serão trabalhadas na teoria de gênero, mas cabe ressaltar o pioneirismo de Erikson na preocupação em apontar este contraste entre homens e mulheres, o que posteriormente foi trabalhado por diversos autores da psicologia social e de outras áreas do conhecimento, da perspectiva da teoria de gênero.

Uma dimensão importante discutida na literatura na questão da intimidade é a família de origem e o processo de interação e de composição das regras familiares (Constantine, 1986). Além de criar estrutura e permitir as condições para o processo do desenvolvimento de seus membros, as regras familiares esclarecem limites interpessoais, regulam a comunicação e a intimidade na família. Nas famílias em que a distância emocional é a norma, pode haver regras implícitas ou explícitas contra a expressão dos sentimentos.

Regras familiares aqui são entendidas como regulamentos para os comportamentos e expressões de pensamentos e sentimentos entre os membros que permitem o funcionamento de maneira organizada e repetitiva, ou seja, a normatividade familiar. Estas regras que facilitam a comunicação e compreensão entre os membros da família são consideradas “saudáveis” ou “funcionais” (Constantine, 1986). Em contraste, as regras familiares que dificultam a comunicação, promovem a baixa autoestima, ou causam

distância emocional na família são consideradas "disfuncionais". Esta classificação, funcional e disfuncional, vem substituir uma tipologia que considerava a família dentro da dicotomia: saudável ou patológica. Nesse sentido observa-se a família mais do ponto de vista dinâmico de suas relações do que em modelos fixos.

Embora muito tenha sido escrito sobre a influência da família de origem sobre o desenvolvimento das habilidades interpessoais, como por exemplo, os estudos que apontam a influência da perspectiva intergeracional na qualidade das relações conjugais de intimidade, muito pouco tem sido escrito sobre as influências da experiência de seus membros nas relações de intimidade quando consideradas as relações de namoro (Carter e McGoldrick, 1995).

A conexão mais estreita entre a família de origem, regras e intimidade no namoro em relacionamentos de jovens adultos vem dos estudos de Waring et al. (1980) e Farnsworth (1988). Waring et al. (1980) apontam que para os adultos jovens as relações interpessoais foram profundamente influenciadas pelo nível de intimidade que eles observaram no relacionamento dos pais. Este efeito da relação parental foi explicado como resultado da normatividade familiar, ou seja, do modelo e das regras implícitas para as relações de intimidade na família.

Farnsworth et al.(1989) estudaram mulheres adultas de famílias disfuncionais (por exemplo, alcoolismo e violência) e descobriram que crescer nestes tipos de famílias aumenta o risco das mulheres apresentarem problemas para estabelecer e manter relações de intimidade, uma vez que essas famílias não possuem as características essenciais para o desenvolvimento de intimidade, ou seja, afeto, carinho e inter-relações pessoais promovidas por regras familiares funcionais.

Em contraste, há estudos que não tratam as relações de intimidade da perspectiva da funcionalidade familiar, mas sim da perspectiva de gênero que perpassa as famílias. (Gilligan, 1982; Thompson e Walker, 1989). A investigação demonstrou que esposas são mais propensas do que os maridos para expressar sentimentos e opiniões pessoais para seus

parceiros. (Thompson e Walker, 1989). Rubin (1984) aponta que para as mulheres a intimidade envolve o compartilhamento de pensamentos e sentimentos, enquanto que para os homens, a proximidade com o parceiro é mais importante do que as palavras, diferenças estas devido às primeiras experiências de desenvolvimento dentro da família.

Além da questão de desenvolvimento individual e das influências da família de origem para o estabelecimento de relações de intimidade, a questão da busca pelo parceiro implica num processo de negociação e resolução das diferenças entre a necessidade individual e aquela de abrir-se ao outro, em um movimento relacional. Nos trabalhos de Bagarozzi e Anderson (1996) acerca da interação conjugal, os autores apontam que a intimidade não se constitui como um conceito único, e que existem pelo menos oito componentes diferentes, como a intimidade física, sexual, psicológica, intelectual, estética, social e recreativa.

Para os autores a complexidade reside na combinação destes componentes entre duas pessoas, pois seria um erro supor que todas as pessoas experimentam o mesmo nível de necessidade para os oito componentes ou que atribuam o mesmo significado. Além disso, os autores apontam que qualquer espécie de intimidade pode ser fonte de grande ansiedade, uma vez que a proximidade interpessoal pode estar relacionada com a perda de autonomia, de controle sobre a própria vida e sobre a individualidade.

Com base neste referencial entende-se que as pessoas poderiam adotar duas posturas distintas no balanceamento entre individualidade e proximidade. Num extremo aqueles que temem a intimidade desenvolvem estratégias defensivas que permitem regular a proximidade e obter a distância que desejam. No caso de um distanciamento excessivo, estas pessoas podem provocar uma distância expressiva, resultando com frequência em ansiedade e depressão uma vez que este distanciamento evoca o medo do abandono.

No outro extremo estariam os indivíduos que necessitam de uma proximidade exacerbada, que tentam fundir-se com seus parceiros, que

buscam compartilhar a maior intimidade possível nas oito zonas, que de fato se diluem na relação, abandonando a identidade como indivíduo. Neste caso a separação é vista como perigo e é intolerável, como ameaça à integridade da relação e de desconfiança a cada vez que o parceiro se comporta, sente ou pensa de forma independente.

Essa abordagem nitidamente se centra nos aspectos individuais e psíquicos dos indivíduos em relação, derivando a crença que seria deste conjunto de comportamentos que nas primeiras etapas do desenvolvimento da relação se constitui o modo como o casal troca e compartilha a intimidade e as regras que nortearão toda a relação. Compartilhando essa visão, Haley (1991) aponta a influência das mencionadas regras no compartilhamento das relações de poder e liderança na relação, que podem ser simétricas ou complementárias, sendo que os conflitos conjugais se centrariam em torno da satisfação de um ou ambos os cônjuges com o atual padrão de interação.

Consequentemente, a questão da intimidade e de poder nos relacionamentos íntimos são cruciais para compreender os padrões de resolução de conflito e se a resolução envolverá comportamento violento como parte deste padrão. Uma vez que a intimidade é uma experiência fundamental que permite às pessoas envolverem-se entre si, as maneiras pelas quais os indivíduos respondem a tensão e conflito pode ter consequências importantes para a estabilidade do relacionamento. Nestas relações em que há a necessidade por parte de um dos parceiros de manter uma posição dominante sobre o outro, qualquer desafio à assimetria envolverá algum grau de conflito. Se este conflito conduzirá à violência depende da gama de soluções e recursos disponíveis aos parceiros.

Note-se, porém, que para os autores até aqui apresentados a qualidade das relações conjugais e de intimidade é dependente daqueles fatores individuais e psíquicos. Contudo, autores que trabalham a perspectiva de gênero já mencionam a importância da construção cultural em torno dos comportamentos dos indivíduos. Poderíamos, então, supor que a cultura pode fortalecer ou restringir esses aspectos de ordem psíquica individual, sem desconhecer que de algum modo os indivíduos

experimentam a cultura em sua vida cotidiana, introjetando-a e modificando-a como exteriorização da normatividade da vida social em seus comportamentos individuais. Assim, autores como Giddens (1993), que apontam para as mudanças das relações de intimidade no plano do social, mostram que a identidade e as relações interpessoais, incluindo as de intimidade, são para além das construções psíquicas e individuais, construções socioculturais históricas.

Diferenças de gênero na intimidade também podem surgir por causa das diferenças básicas na constituição da identidade de homens e mulheres. Embora estudos anteriores relacionados a gênero e intimidade têm-se centrado quase exclusivamente em casais conjugais, espera-se que haja semelhanças nas questões de gênero no que diz respeito à experiência de intimidade para jovens adultos em relações de namoro.

Uma das diferenças mais marcantes entre os jovens adolescentes e adultos jovens está no lugar que os relacionamentos românticos ocupam em suas vidas. Deixando a infância, os jovens adolescentes começam uma jornada que, para muitos, leva ao compromisso com um parceiro numa relação de intimidade. A literatura sobre fatores relacionados ao desenvolvimento do amor romântico é mais completa nas áreas de padrões de comportamento sexual (Rosenthal e Smith, 1997), padrões de afiliação namoro (Feiring, 1999), e influências familiares sobre os resultados interpessoais (Conger et al., 2000).

A contribuição dos relacionamentos românticos para o desenvolvimento da intimidade, no entanto, tem sido relativamente pouco estudada. Erikson (1972, 1998), por exemplo, dedicou pouca atenção ao amor dentro de seus escritos, e poucos pesquisadores têm tentado investigar se as experiências da juventude de amor romântico promovem ou impedem a identidade positiva e o desenvolvimento da intimidade. Assim, surpreendentemente pouca pesquisa tem sido feita de forma a explicitar a contribuição desses fatores para a conclusão bem sucedida da intimidade como uma tarefa central do desenvolvimento (Prager e Buhrmester 1998).

O mesmo pode ser dito em relação a namoro, etapa do desenvolvimento do relacionamento romântico, quer da perspectiva do desenvolvimento individual quer do desenvolvimento da família tem sido pouco explorado pelos pesquisadores e práticos. Encontram-se referências na literatura sobre a importância dessa etapa tanto para a constituição da história da família e da inserção do jovem no mundo adulto, mas para por aí.

Com base neste cenário passamos a abordar o tema do namoro em uma perspectiva história, relacional e social.

2.3 Namoro – relação entre parceiros íntimos

Segundo Roudinesco (2003), família é lugar de troca, de transmissão de saberes, atitudes e tradições. A autora aborda o desenvolvimento da família, a partir do paralelo com a evolução da humanidade e apresenta a história da família em três fases: a tradicional, a moderna e a contemporânea ou pós-moderna.

A primeira fase caracteriza-se pela união de interesses, casamentos com a finalidade de garantir a transmissão dos bens das famílias, denominando-a de família tradicional. Nessa configuração os casamentos eram arranjados entre os pais, sem que a vida sexual e afetiva dos parceiros fosse levada em conta.

Na segunda fase, final do séc. XVII e metade do séc. XX encontra-se o amor romântico, a reciprocidade dos desejos, além da divisão do trabalho dos membros da família. Nesse período busca-se pela satisfação pessoal e a educação passa a ser compartilhada com a escola.

A partir dos anos 1960 com o divórcio e separações conduzem a novos arranjos da família, que refletem nas funções de autoridade e de novos papéis para homens e mulheres. Essa terceira fase é marcada pela busca de relações íntimas ou de realização sexual, apontada como reflexo da importância dada à vida privada no século XIX.

Roudinesco (2003) além de apresentar a família a partir dessa perspectiva histórica, aborda os reflexos e impactos no núcleo familiar, especialmente nas funções parentais e nas formas de constituição da família. A autora entende a instituição família composta por várias outras instituições, tais como o namoro, o noivado, e o casamento.

Com base nessa perspectiva, destacar-se-á o namoro como uma temática central do presente estudo. Para tanto, faz-se necessário definir, contextualizar e identificar o que caracteriza o namoro quer da perspectiva de desenvolvimento das relações familiares, quer da perspectiva social de constituição da instituição família. Apresentam-se as concepções e a historicidade de uma perspectiva da sociedade geral, para posteriormente, apresentar os reflexos e particularidades para a realidade brasileira.

2.3.1 O contexto do namoro

Para compreensão do que é o namoro Azevedo (1986) afirma que é necessário buscar os conhecimentos advindos da história, da antropologia e da sociologia.

A partir da perspectiva histórica, namoro como uma instituição é um fenômeno relativamente recente que surgiu nos últimos séculos. Para muitos, o namoro é uma palavra fora de moda. Ele evoca visões de homens cortejando mulheres com pequenos objetos de afeto e de pedir a mão da mulher em casamento de joelhos (Azevedo, 1986; Bayley, 1989, 2004).

Dentro da perspectiva histórica a literatura apresenta dois termos, *courtship* e *dating*, presentes em diferentes momentos da história, que retratam as transformações da família, do casamento e do namoro na sociedade ocidental.

Antes do início do século XX, o namoro envolvia um homem e uma mulher passarem intencionalmente um tempo juntos para conhecer um ao outro com o propósito expresso de avaliar o outro como um potencial marido ou esposa. O homem e a mulher geralmente eram membros da mesma comunidade, e o cortejo geralmente era feito na casa da mulher, na

presença (e sob o olhar atento) de sua família, na maioria das vezes mãe e irmãos.

Segundo Bayley (1989) entre meados de 1800 e as primeiras décadas dos anos 1900, pode-se dizer da nova modalidade de relacionamento que foi adicionada como mais uma etapa para o até então conhecido “cortejo”. Para a autora este é um ponto importante para a compreensão do namoro, pois não se trata da passagem de um modelo de cortejo para um modelo de namoro, mas sim em tal passagem houve uma somatória, uma vez que segundo a autora o processo empregado por jovens para encontrar um parceiro ainda está dentro do que se entende por cortejo.

Em anos anteriores a 1800, no modelo de cortejar era esperado que os jovens adultos cortejassem com a intenção de encontrar um parceiro para o casamento. Nos Estados Unidos, na década de 1820, a palavra *dating*, hoje concebida com o significado de namoro, primeiramente foi mais associada com prostituição, utilizada como uma gíria das classes mais populares ao referir-se a um encontro com uma prostituta. No entanto, na época do jazz, na década de 1920, *dating* passa a ter a concepção de relacionamento íntimo com vistas à diversão, e na década de 1930, assumiu-se que qualquer jovem teria muitos *datings*, porém ainda associado às classes mais populares, principalmente nos centros urbanos, cujos espaços ficaram restritos, a varanda passa a não existir e a sala de estar passa a ser espaço importante para abrigar toda a família.

Concomitante a esta modificação do espaço familiar, a ascensão da cultura de entretenimento, com as salas de cinema e espaços de dança, fez com que o namoro rapidamente atingisse outros grupos sociais, incluindo homens e mulheres de todas as classes sociais.

Pode-se estabelecer paralelo com as fases da evolução da família apresentadas por Roudinesco (2003) com o que veio a ser considerado namoro, sendo que uma das mudanças mais importantes nas práticas de cortejo da sociedade ocidental ocorreu no início do século XX quando a corte mudou de um ato público conduzido no espaço privado (nas varandas ou sala de estar das famílias) para atos privados ou individuais conduzidos

em espaços públicos localizados, preferencialmente, nos espaços de lazer e divertimento.

Conforme Beth Bailey apresenta em seu livro de 1989 *From Front Porch to Back Seat: Courtship in Twentieth Century America*, na década de 1930 e 1940, com o advento do namoro, o cortejo ocorria cada vez mais em espaços públicos, como cinemas e salas de dança, em detrimento da distância física e do anonimato nos contextos abrigados e de controle da família e da comunidade. O espaço da sala de estar da família foi substituído pelo jantar, cinema e pelo espaço da dança entre outros.

Para a autora com a ampliação do entretenimento público em ascensão no início do século 20 promoveu a proliferação de artigos de revistas e livros que ofereciam conselhos sobre namoro, o casamento e as relações entre os sexos. Tal fato ampliou o conhecimento e autonomia dos jovens na forma de pensar mais ampla, incluindo as relações de intimidade, no caso também as questões vinculadas ao namoro e ao casamento.

Além disso, em meados do século XX, com o advento do controle de natalidade, assim como procedimentos mais seguros para o aborto ampliaram as possibilidades de namoro, além da menor pressão para casar como um meio para satisfazer desejos sexuais, de forma a surgir novos tipos de relacionamentos em que era possível viver junto sem casar e sem ter que lidar com filhos.

Bayley (1989, 2004) ressalta que ao se tentar entender como o namoro mudou ao longo do tempo, e como chegamos ao sistema de namoro e encontros que temos hoje, é preciso perceber a expressiva mudança cultural que ocorreu durante meados da década de 1940, principalmente devido à Segunda Guerra Mundial. A experiência de namoro e ideais daqueles que cresceram antes da Segunda Guerra Mundial eram profundamente diferentes dos adolescentes nos anos do pós-guerra, e as diferenças conduziram a muitos conflitos entre as gerações.

Antes da Guerra, o modelo de namoro valorizava o número de namoros, a competitividade entre os jovens e a popularidade, aspectos estes relacionados ao prazer e divertimento, sem ter como meta o casamento.

Ao final dos anos 1940 e início dos anos 1950, após a Segunda Guerra Mundial, devido em parte ao fato de que 250.000 homens nunca retornaram aos lares, e pela primeira vez nos Estados Unidos, as mulheres superaram os homens, e a consequente escassez de homens, duas coisas aconteceram nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial no tocante ao casamento: as taxas de casamento subiram, e a idade média dos que se casavam declinou. No entanto, a mudança mais notável no namoro do pós-guerra foi o início cada vez mais cedo de inclusão do jovem no sistema de namoro. A média de idade dos primeiros casamentos caía para 18 anos para as mulheres e 20 para homens, consequentemente, o início de namoro entrava para a adolescência. Nesse momento, o que era central no namoro do jovem era o ato de poder afirmar “estou firme” ou “vai firme”, apresentando-se como um costume antigo com um novo significado.

Assim, durante a década de 1950, passava-se de um sistema de namoro antigo com base na popularidade para um sistema próprio composto por um conjunto de regras e costumes. Por exemplo, tinha de haver algum sinal visível, como o anel de compromisso, presentes especiais, dado para a pessoa com quem se estava relacionando. Além disso, as relações eram exclusivas: nem homem, nem mulher poderiam namorar ou prestar muita atenção a qualquer pessoa do sexo oposto.

Esta forma de namoro era geralmente diferente do que é visto hoje, já que sexo antes do casamento não era considerado como norma.

Após a revolução sexual dos anos 1960 e 1970 o modelo de namoro com base na popularidade diminuiu, e casais passaram mais a “ficar” ou “sair” com grandes grupos do que estar em um namoro à antiga, e muitas vezes a passagem de “sair” para uma relação exclusiva, sem envolver pais ou avós, passa a ser chamada de namoro.

De acordo com Bayley (2004) muitos estudiosos das ciências sociais acreditam que este sistema contribuiu de forma expressiva para a cultura moderna do divórcio. Cada vez que um casal estável “quebra”, algo como um “mini-divórcio” ocorre. Cada parte deve retornar ou negociar os objetos,

as joias, CDs, e outros. E o que dizer de amigos? Quem fica com os amigos em comum?

Assim, a autora indaga se o que se tem é um sistema de namoro que valoriza o número de namoros, ou um sistema de uma relação estável que valoriza o que é chamado de "monogamia em série", com uma sucessão de relacionamentos exclusivos e sérios, como uma prática para o casamento? Ou ainda, se há uma combinação dos dois?

Segundo a autora o que se desenvolveu nas últimas décadas do século XX e início do XXI é um sistema de namoro do tipo "vale tudo". E, embora por muitos anos este fosse vendido sob o título de liberdade, aponta alguns desafios e questionamentos que o jovem de hoje enfrenta, pois ao herdar modelos de sistema de namoro se depara com questões do tipo: uma pessoa de cada vez ou várias? como se sabe quando simplesmente se vai sair ou se está namorando? como e quando falar com a outra pessoa sobre o relacionamento? e o sexo, quando e como acontece na relação?

2.3.2 O namoro no Brasil

O namoro no Brasil sofreu influências iniciais mais do modelo europeu, dada a colonização portuguesa, e em anos mais recentes, dos acontecimentos globais que contribuíram para as transformações das relações interpessoais e da família, sendo grande parte delas sob a influência econômica e sócio-cultural ditada pelo modelo americano de vida em sociedade.

Thales de Azevedo no livro *As regras do Namoro à antiga*, de 1986, aponta a necessidade de sistematização dos dados sobre as maneiras de fazer a corte e do namoro no Brasil. Do levantamento de publicações da antropologia e sociologia, retrata historicamente como o conceito de namoro se constituiu desde a época do Brasil colonial, em que a escolha do cônjuge se dava sob o regime patriarcal, cujo casamento estava vinculado aos interesses políticos, econômicos e sociais de grupos familiares.

O autor aponta que ainda no século XIX, pode-se ver retratado na obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, o casamento resultante do sistema patriarcal e vinculado aos interesses econômicos, políticos e sociais das famílias, sendo que o espaço do amor romântico estava confinado à descoberta e ao acaso do encontro proporcionado pela escolha da família.

Ainda segundo Azevedo (1989) foi no século XIX que o antigo padrão começa a ser substituído pelas exigências do amor romântico, resultante da revolução sexual que ocorreu nos finais do século XVIII na Europa, exemplificado na seguinte fala:

até então sexo e casamento tinham um objetivo mais social, da comunidade e da família; àquela altura começaram – entre outros motivos, por força do crescente individualismo – a ter um sentido mais afetivo (pg.8).

Desse movimento estrutura-se o padrão que seria conhecido como ‘namoro tradicional’, movimento este que reflete o surgimento do amor romântico e do casamento por amor.

Del Priore (2006) destaca dois modelos afetivos que existiam no Brasil até meados do século XVIII: o amor no casamento, que deveria ser casto, com objetivo da sobrevivência da espécie; e o amor-paixão, que deveria ser vivido fora do casamento, cuja função era de domesticação do instinto sexual.

No Brasil as influências do modelo escravocrata também estiveram presentes nas relações conjugais, com a mulher no papel submisso e obediente ao seu marido.

O namoro começa a se firmar a partir da presença marcante da colonização portuguesa, do maior contato com a comunidade europeia, como por exemplo, a ida dos filhos das famílias dos fazendeiros às universidades europeias (Azevedo, 1989; Del Priore, 2006).

Foi somente no século XX que o modelo de namoro conhecido atualmente se consolida, assumindo um caráter de compromisso e submetido às regras de decoros (Nascimento, 2009). As mesmas influências

que determinaram mudanças radicais nas relações afetivas, nas décadas de 30, 40 e 50 nos Estados Unidos e apontadas inicialmente no texto, influenciaram o namoro no Brasil, conforme afirma Nascimento (2009):

o beijo passa a fazer parte do namoro, os carros passam a ser uma opção para os encontros mais furtivos das jovens de classe média. Porém, assim como outros períodos, o namoro era regido por regras, que determinavam sua duração e os rigorosos padrões morais que deveriam ser seguidos para que o namoro fosse considerado sério e levasse ao matrimônio. Nesse período, as diferenças marcantes no namoro diziam respeito ao seu objetivo, que poderia ser a satisfação imediata, que fazia com que as moças ficassem mal faladas, ou ser sério, com o objetivo de casar, destinados às moças de família” (pg. 44).

Nas décadas de 60 e 70, as influências do movimento feminista, a liberdade sexual reforçada com o advento da pílula anticoncepcional, dos novos padrões de comportamento protagonizados pelo movimento hippie, entre outras, refletiram nas relações de namoro, que adquiriram uma maior fluidez, metáfora apropriada para descrever o estágio presente das relações de namoro na era moderna, alicerçada nas ideias de Baulmann (2001, 2004). O autor em sua obra clássica, “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, entende que as formas como se estabelecem os laços humanos na atualidade refletem diretamente nos traços da modernidade líquida, demarcada pelas relações fluidas, breves, com o objetivo do prazer instantâneo, dificultando o convívio social e a vivência de laços profundos.

Estas transformações refletiram nas formas como as pessoas estruturaram as relações afetivo-sexuais e de intimidade. Entre essas novas formas encontram-se as denominações tais como o ‘ficar’ e o ‘pegar’, designando, além do namoro, as recentes práticas afetivo-sexuais entre jovens (Meirelles, 2011).

Segundo Chaves (1995) no estudo sobre as condições que propiciaram o surgimento dessas novas práticas, o termo ‘ficar’, tem seu início na década de 1980 e surge como uma prática juvenil marcada pela

falta de compromisso, pela busca de satisfação do próprio desejo, pela ausência da obrigatoriedade da continuidade da relação ou da transformação da mesma em 'namoro'.

Abramovay, Castro e Silva (2004) destacam a ambivalência nas concepções apresentadas na literatura sobre o termo 'ficar', pois ora aparece como uma etapa anterior e precursora para uma relação de namoro, e ora aparece dissociada dessa relação, voltando-se para a busca do prazer sem compromisso.

Já Nascimento (2009) destaca o 'ficar' como uma forma alternativa ao namoro, cuja principal característica é a flexibilidade tanto em relação às regras existentes do namoro quanto à necessidade de fidelidade.

No estudo de Justo em 2005 sobre os modelos de relações afetivas entre adolescentes, o autor compartilha da concepção do 'ficar' como uma relação provisória e efêmera, mas destaca a associação do tempo, em que os sujeitos renovam seus desejos, em que não há espaços para adiamentos, apego, paciência e tolerância. Nesse sentido, evidencia-se a intolerância às frustrações, em uma cultura caracterizada pelo descarte, não só nos desejos, mas também dos relacionamentos com os outros.

Outro termo utilizado para fazer referência às relações afetivas entre os jovens é o 'pegar' apresentado no estudo de Messeder (2002) ⁵ apud Meirelles (2011) realizado com jovens definido como "uma forma de privilegiar o presente, não pressupõe nem compromisso, nem a consideração da alteridade do outro, nem fidelidade, tampouco a dificuldade de trocar de par a qualquer momento" (pg16).

A autora relaciona o uso desse termo ao exercício da masculinidade, ainda que também seja adotado por mulheres.

Não obstante, apesar das divergências conceptuais por referência à relação entre 'ficar' e 'namoro', ou apesar da diversidade de terminologias,

⁵ MESSEDER, S.A. Namorei não, Peguei: o pegar como uma forma de relacionamento amoroso-sexual entre os jovens. In: Décimo Terceiro Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002, Ouro Preto. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2002.

evidencia-se que os termos ‘ficar’ e ‘pegar’ retratam mudanças nas relações afetivas, principalmente, na questão de compromisso e da fidelidade.

Segundo Nascimento (2009) há necessidade de buscar entendimento do termo namoro, mesmo porque expressões como “namoro sério” ou “namoro firme”, utilizadas para fazer referência ao compromisso e diferenciação de relações efêmeras, remetem a algumas regras próximas ao namoro à moda antiga.

Assim, as referências ao compromisso e à fidelidade como categorias de distinção entre namoro, pegar e ficar, denotam que, mesmo com o uso de designações que aproximam os relacionamentos afetivo-sexuais do namoro de antigamente, as configurações das relações de intimidade e o compartilhamento de sentimentos ganharam novos contornos. Igualmente não se pode deixar de reconhecer que, desde a adolescência, os jovens investem uma energia afetiva e cognitiva considerável para conquistar, manter e para desvincular-se de relacionamentos amorosos.

2.3.3 Conclusões

Com base no exposto a concepção de namoro como reflexo das transformações sociais e culturais contemporâneas retrata a diversidade de práticas afetivo-sexuais desenvolvidas pelos jovens nas últimas décadas. Consequentemente as definições sobre namoro retratam tais transformações. Por exemplo, Sexton e Sexton (1982) definem o namoro como uma relação que vai desde o contato mais casual até o relacionamento com maior profundidade, envolvendo o elemento temporal.

Já para Rodrigues, Assmar e Jablonski (2002) namoro refere-se à adesão de uma pessoa a uma relação específica mesmo quando fatores ambientais se interpõem contra a associação. Ou ainda, para O’Leary (2000) refere uma interação diádica com envolvimento afetivo, com ou sem intimidade sexual.

Nascimento (2009, 2011) conceitua namoro “como a relação entre duas pessoas, permeada pelo desejo de ficarem juntas, com regras

estabelecidas de compromisso e fidelidade, na qual cada um reside em um lar diferente, podendo ou não ser uma relação que preceda um casamento” (pg.45).

Com base em todas essas questões apresentadas, enfatizamos três características que consideramos na situação de namoro, permeando as relações interpessoais: o amor, o compromisso e a intimidade.

Tais aspectos são destaques no trabalho de Gonzaga et al., (2001), ao afirmarem que no curso de manter o relacionamento mais duradouro, o namoro, os parceiros se deparam com a questão do compromisso, considerado como essencial na relação entre os parceiros diante de situações que possam ser ameaças à relação.

Para tanto consideram que o amor tem papel fundamental, sendo este sentimento que auxilia o individuo a conseguir comprometer-se. Além disso, postulam que, conforme a interdependência e o compromisso crescem, os parceiros se tornam mais propensos a serem íntimos. .

A questão do compromisso nas relações de namoro é apontada na literatura como central. Baumann (2004), ao tratar questão da juventude nesta virada de século, aponta que o relacionamento puro, proposto por Giddens (1993), é a forma predominante de convívio humano da sociedade atual, sendo resultante de uma sociedade caracterizada pela fragilidade dos vínculos estabelecidos. Consequentemente, entende as relações amorosas como ambivalentes, pois há necessidade de conciliar paixão com responsabilidade com o outro, tornando o compromisso uma questão crítica para os relacionamentos amorosos.

Para o presente estudo, e tendo em vista o conjunto de questões apontadas envolvendo as concepções e conceituações acerca da situação de namoro, adotamos uma noção de namoro tal como surge nas representações de jovens brasileiros. Teve como base uma pesquisa qualitativa usando a técnica de grupo focal realizada com universitários do Estado de São Paulo e que constituiu etapa inicial para o desenvolvimento da pesquisa multicêntrica internacional à qual o presente estudo esteve vinculado. Seus dados mostram que namoro é considerado como relação

espontânea entre duas pessoas, a partir do desejo despertado de ficarem juntas, sendo permeado por regras como compromisso e fidelidade, podendo envolver vida sexual, bem como objetivar ou não um casamento, apesar de ser visto como um 'treino' para este.

2. 4 Violência na relação de namoro

A violência que ocorre no contexto de relações entre parceiros íntimos tem sido uma área importante de investigação, especialmente no caso das relações conjugais (Frye e Karney, 2006). Em situação de namoro, porém, a produção tem sido relativamente escassa.

Os primeiros estudos iniciaram-se com a investigação de Makepeace (1981). As primeiras estimativas sobre a violência no namoro foram de que entre 22% a 67% dos relacionamentos envolviam algum tipo de violência (Henton et al., 1983; Laner e Thompson, 1982; Makepeace, 1981), sendo as formas moderadas de violência física as predominantes, embora, surpreendentemente, formas mais graves, também estiveram presentes. O estudo de Cate et al. (1982) encontrou que 38% dos estudantes universitários solteiros tinham experimentado algum tipo de violência física nos relacionamentos, e o mesmo padrão poderia ser encontrado entre os jovens do ensino médio (Henton et al., 1983).

Desde essa época, diversas pesquisas surgiram sobre a temática, variando de estudos de prevalência, de fatores de risco e de efetividade de programas de prevenção e intervenção para combater a violência nas relações de namoro (Foshee et al., 1996; Munoz-Riva, et al., 2007; O'Keefe, Brockopp e Chew, 1986).

Estes resultados iniciais influenciaram de tal forma as políticas públicas que, na década de 1990, registros que identificavam os parceiros em situação de namoro, como um grupo específico, passaram a fazer parte das estatísticas oficiais do governo americano referentes aos assassinatos ocorridos a partir do ano de 1992. Neste ano, das 3454 mulheres assassinadas, 10,3% dos crimes foram cometidos por namorados ou ex-

namorados; e dos 10351 homens assassinados, 1,4% foram cometidos pelas respectivas namoradas ou ex-namoradas (Bachman e Saltzman, 1995).

Talvez o achado mais surpreendente nestes primeiros estudos tenha sido o fato de como os estudantes percebem a violência. Nos estudos de Henton et al. (1983) mais de 25% das vítimas e 30% dos perpetradores, interpretavam a violência como sinal de amor. Segundo Straus e Gelles (1990), o mais surpreendente, ainda, não seria o fato de que a violência serviria para proteger a ideia de amor romântico, mas sim de que as vítimas de violência no namoro atribuíam a si próprias o início dos episódios de violência em taxas maiores do que atribuíam a seus parceiros, indicando maior probabilidade de se culpabilizarem pela ocorrência do que a seus agressores.

Assim, a violência no namoro passa ser vista como um processo interpessoal sério e potencialmente devastador, necessitando de investigação e do dimensionamento do problema para o desenvolvimento de programas de intervenção eficazes e de prevenção dirigidos a amenizar futuras ocorrências.

Nesta perspectiva, os estudos sobre a violência no namoro passam a preocupar-se também com as definições mais precisas do problema, com as estimativas de prevalências e a identificação de características pessoais, culturais e sociais associadas à violência no namoro, buscando elaborar referenciais teóricos para explicá-la. Alguns buscam também possíveis conexões entre a violência no namoro e a violência no casamento.

Será desse conjunto de questões que trataremos a seguir.

2.4.1 Conceituação

Uma dificuldade significativa na condução, replicação e compreensão da investigação relacionada com a violência no namoro tem sido a falta de consenso sobre a definição de violência no namoro (Ismail, Berman e Ward-Griffin, 2007). Existe uma grande variabilidade de definições adotadas pelos

pesquisadores, que em parte é devido à variabilidade dos tipos de atos, do grupo populacional e do tipo de relação considerados na categoria de namoro e da gravidade dos atos de violência ocorridos entre casais de namorados. O primeiro tipo de ato, por ser talvez a forma mais óbvia de violência, envolve força física, através de ameaça ou um ato de agressão física. Sugarman e Hotaling (1989b) apresentaram inicialmente a seguinte definição para violência no namoro: "o uso ou ameaça de força física ou restrição feita com a intenção de causar dor ou lesão aos outros "(p. 5).

Na década de 1990, os pesquisadores expandiram esta definição para incluir tanto o abuso sexual quanto o abuso psicológico, uma vez que estes outros tipos de violência frequentemente precedem ou ocorrem em conjunto com a violência física (Anderson e Danis, 2007; Hanleye O'Neill, 1997; O'Leary, 1999; Riggs & O'Leary, 1996; Shook et al., 2000). Anderson e Danis (2007) propõe então esta definição mais abrangente de violência no namoro: "a ameaça ou o uso real de abuso físico, sexual ou verbal por um membro de um casal de namorados contra o outro membro dentro do contexto de um relacionamento de namoro "(p. 88).

Esta definição é reflexo de um consenso mais amplo entre os pesquisadores que inclui três facetas da violência: física, psicológica e sexual.

A variabilidade das definições dificultou estimar a prevalência de cada uma destas três facetas da violência. No entanto, em qualquer delas o acúmulo de pesquisas sugere que uma proporção significativa de adolescentes tem experimentado violência nas suas relações de namoro. De outro lado, porém, as taxas de prevalência de violência no namoro são amplamente variáveis, dependendo da população estudada e da definição de caso adotada. Além disso, nem sempre é possível fazer comparações entre os estudos devido às diferenças de amostragem, metodologia e análises utilizadas. Também, a maioria dos estudos sobre a violência no namoro baseou-se unicamente no auto registro e na avaliação de apenas um membro da dupla, e algumas pesquisas têm demonstrado que a extrapolação dos dados de um indivíduo não é necessariamente

representativa do relato do respectivo parceiro (Hanley e O'Neill, 199; Bell e Naugle, 2007).

Outro aspecto a ser bem delimitado é a definição adotada para os tipos de violência.

Violência física: muitas vezes toma a forma de bater, dar socos, pontapés, ou jogar objeto no parceiro intencionalmente. Ocorre em aproximadamente de 20% a 37% dos relacionamentos de namoro (Halpern et al., 2001), (Bell e Naugle, 2007; Sears, Byers e Price, 2007).

Violência psicológica: pode envolver um insulto; humilhação, críticas, ameaças ou fazer um parceiro se sentir culpado ou inferior, e dizer coisas que perturbam ou prejudicam o parceiro (Hamby e Sugaram 1999, O'leary, 1999). Taxas de abuso psicológico são, em média, consideravelmente maiores do que a violência física, tanto para amostras do ensino médio quanto do ensino superior. Por exemplo, Neufeld, McNamara e Ertl (1999) revelaram que mais de 90% de uma amostra de mulheres universitárias experimentaram algum tipo de violência psicológica na relação de namoro em algum momento de suas vidas, e que destas quase 60% de vítimas de abuso psicológico, relataram que estes episódios aconteceram em pelo menos cinco ocasiões distintas. Outra pesquisa apresentou taxas semelhantes entre os estudantes de ensino médio (Banyard, Arnold e Smith, 2000; DeKeseredy, Schwartz e Tait, 1993).

Violência sexual: é caracterizada pela intimidação ou coerção deliberada de um parceiro contra o outro para obrigar a participação na relação sexual ou em práticas sexuais não desejadas (Cornelius e Resseguie, 2007). As taxas de prevalência de abuso sexual nas relações de namoro são geralmente mais baixas do que o abuso físico e psicológico, tanto para ensino médio quanto para o superior. Os dados apontam taxas que variam de 2,7% a 18% (Silverman et al., 2001).

2.4.2 Violência no namoro, prevalências e as questões de gênero

Ao examinar a complexidade do fenômeno da violência no namoro, é fundamental distinguir o envolvimento dos indivíduos como vítimas ou como agressores e atentar para os fatores que contribuem para a perpetração e a vitimização, observando-se também como essas duas questões se apresentam para homens e para mulheres. O contraste dos comportamentos (vítima ou agressor), assim como o contraste dos fatores que a eles se associam, em termos masculinos e femininos será a base de uma abordagem de gênero. A desigualdade de gênero e a desigualdade econômico-social (também denominada de classe social) são importantes situações relacionadas à violência por parceiro íntimo. Dois aspectos dessas situações parecem estar fortemente associados com a violência entre parceiros íntimos: a posição subordinada das mulheres nas relações interpessoais, que se articula com sua menor importância como sujeito social, e o uso normativo da violência para resolver conflitos (WHO, 2010).

Embora exista uma grande quantidade de pesquisas que avalia as diferenças de gênero no que diz respeito à agressão no namoro, os resultados têm sido ambivalentes e inconclusivos, gerando grande debate e polêmica em torno da questão da equivalência de gênero nas situações de violência.

No que diz respeito a se considerarem os que iniciam os atos de violência, muitos estudos mostram a semelhança entre as taxas obtidas para homens e mulheres (Riggs, O'Leary e Breslin, 1990; Follette e Alexander, 1992; Burke, Stets e Pirog-Bom, 1988). White e Koss (1991) constataram que 32% das mulheres relataram violência no relacionamento de namoro, enquanto 35% afirmaram que haviam iniciado tal comportamento. De outro lado, esses autores também mostram que a vitimização se acompanha da perpetração, em particular no caso dos homens: 39% dos homens relataram sofrer violência de seu parceiro, enquanto 37% relataram perpetrar agressão.

No entanto, também há pesquisas que sugerem que as mulheres praticam mais violência do que os homens (Foshee, 1996; Hettrich e O'Leary; 2007, Makepeace, 1983). Jezl et al. (1996) observaram que 67,5% dos homens relataram sofrer comportamento violento, em comparação com 50,8% das mulheres.

Sharpe e Taylor (1999) observaram que, para além da informação de que homens sofrem mais violência física do que as mulheres, as mulheres eram mais propensas a relatar a agressão sofrida. Do mesmo modo, Magdol et al. (1997) verificaram que 21% dos homens e 37% das mulheres relataram perpetrar violência no relacionamento íntimo. No entanto, tais dados parecem ser válidos para atos do tipo agressão física ou psicológica, já que muitos estudos apontam que os homens são mais propensos do que as mulheres a cometer atos de violência sexual contra o parceiro (Foshee, 1996; Sears et al, 2007).

A fim de esclarecer as discrepâncias sobre as taxas de prevalência de violência nas relações de namoro, Archer (2000) realizou uma metanálise sobre diferenças de gênero na violência no namoro. Incluiu artigos publicados entre 1976 e 1997, dissertações e estudos inéditos sobre namoro ou violência no casamento. Além disso, Archer (2000) analisou as fontes complementares de dados, incluindo os registros policiais, acidentes e registros de emergência, pesquisas e registros de crime de homicídio. Os resultados apontaram as mulheres como mais propensas a usarem pelo menos um ato de agressão física que os homens, embora a força dessa associação entre ser mulher e praticar violência física seja pequena. O mesmo estudo também mostrou que as mulheres fazem uso desse comportamento de modo repetitivo (Garcia et al., 2007). Já outros estudos (Arias e Johnson, 1989; Foshee, 1996) afirmam que os homens foram mais propensos a causar ferimentos, sendo que dos que sofreram algum dano 62% foram mulheres.

Os resultados acima, contudo, estão longe de serem reiterados pela literatura, tendo muitos outros estudos mostrado a presença maior de

homens na situação de agressores e das mulheres na situação de vítimas (Dobash e Dobash, 2001; Tjaden e Thoennes, 2000).

Outra questão em debate é trazida por dados recentes, indicando que a agressão interpessoal, frequentemente, não aparece no relacionamento de namoro até que o relacionamento tenha certo período de tempo (Arias et al., 1987). As pesquisas têm revelado que o tempo de namoro e o nível de compromisso são positivamente relacionados tanto com a violência física quanto a sexual (Arias et al. 1987; Stets e Pirog-Good, 1990). Isto nos sugere a importância de também se discutir a relação entre a violência no namoro e aquela da conjugalidade, como trataremos adiante.

De outro lado, esses resultados também devem explicar, pelo menos em parte, porque de 30% a 50% dos casais de namorado não romperam o relacionamento apesar da agressão interpessoal (Cate et al., 1982; Makepeace, 1981).

Outro estudo de Flynn (1990), por exemplo, observou que quanto maior o tempo de namoro antes do primeiro incidente, mais a mulher permaneceu no relacionamento.

Os resultados são surpreendentes porque parece lógico esperar que as pessoas agredidas pelos seus parceiros e que não são casadas, simplesmente terminariam o relacionamento. Segundo Carlson (1996) este é um padrão encontrado em jovens universitários, mas que provavelmente os parceiros que continuam o relacionamento tenham aprendido muito cedo na vida que a agressão seja uma forma legítima de resolução de conflito. Neste estudo, daqueles que não romperam o relacionamento, aproximadamente 60% relataram que a violência não teve efeito ou até melhorou o relacionamento (Cate et. al., 1982; Makepeace, 1981).

Outros estudos apontam que o nível de compromisso pode ser precursor da violência no namoro (Cate et al.; 1982, Stets e Pirog-Good, 1989) ou de que a violência solidifica o vínculo do casal (Billingham, 1987). Mas há outros estudos realizados que podem talvez explicar essas relações: estudos que mostram que 30% daqueles que não deixam o relacionamento explicam a violência como um ato de amor (Cate et. al., 1982; Makepeace,

1981); ou como o estudo de Flynn (1990), que encontrou uma correlação positiva entre recorrência da violência e o sentimento de amor (Follingstad et al., 1988, 1991); ou estudo com grupos focais brasileiros que encontrou a representação da ocorrência de violência na situação conjugal como uma fatalidade ou destino das mulheres, mostrando a aceitação do comportamento violento dos homens entre mulheres de baixa renda (Falcão et al., 2007).

Também se encontrou a justificativa de que as mulheres ficam no relacionamento porque acreditam que podem persuadir o companheiro a mudar, e assim, salvar a relação (Lloyd, Koval e Cate, 1989). Estudo brasileiro reiterou esse dado, para mulheres em situação de parceria conjugal (Schraiber et al., 2005).

Esse conjunto bastante díspar de resultados convive com e se alimenta de uma diversidade na busca das explicações para a ocorrência da violência, até mesmo como comportamento em geral e não necessariamente no namoro, dada a grande escassez de produção sobre este último caso, como apontaremos a seguir.

2.4.3 Modelos teóricos sobre a violência no namoro

Embora já existam muitos trabalhos relacionados com os fatores de risco, de prevalência e de desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção para a violência no namoro (Lewis e Fremouw, 2001; Cornelius e Resseguie, 2007; Whitaker et al., 2006), uma limitação notável dentro do campo é a falta de referenciais teóricos para explicá-la.

Embora algumas variáveis tenham sido apontadas como fatores relacionados à violência no namoro, incluindo o sexo (Barnyard et al., 2006), histórico de violência familiar (Hickman et al., 2004; Barnyard et al., 2006), uso de álcool (O'Keefe, 1997; Shook et al., 2000), baixa autoestima e depressão (Capaldi e Crosby, 1997; Foshee et al., 2004; Marshall e Rose, 1990), apenas alguns investigadores têm desenvolvido um corpo teórico sobre a violência no namoro (Follingstad et al., 1999; Riggs e O'Leary, 1989).

As implicações desta condição podem ser identificadas no trabalho de Whitaker et al., (2006) que, em uma análise recente de programas de prevenção para a violência no namoro, apontou que a maioria dos programas não discutia a fundamentação teórica que orientava o desenvolvimento e implantação do programa.

Portanto, o que se segue é uma apresentação sobre as teorias mais prevalentes sobre a violência interpessoal, embora não necessariamente específicas para violência no namoro. São apresentadas a teoria da aprendizagem social, teoria feminista e a teoria do apego, uma vez que entendemos que elas podem, até certo ponto, dialogarem na interpretação dos dados produzidos por nossos estudos.

Teoria da aprendizagem social

Teoria da aprendizagem social, introduzido por Bandura (1977a; 1977b), afirma que os comportamentos são aprendidos através da observação e imitação de outras pessoas. O comportamento é posteriormente mantido por meio de reforçamento, inicialmente pelo pai, e depois mais tarde por outras pessoas significativas. Um princípio fundamental desta teoria é que as primeiras interações com os pais são particularmente modelos marcantes a partir do qual uma criança aprende uma variedade de comportamentos.

No tocante à explicação do comportamento violento, a teoria da aprendizagem social pode contribuir significativamente para a compreensão da violência no namoro. Por exemplo, a hipótese da transmissão intergeracional da violência, que se baseia na teoria da aprendizagem social, propõe que as relações interpessoais agressivas e coercitivas são aprendidas a partir de interações violentas na família de origem (O'Leary, 1999).

Além disso, testemunhar ou sofrer violência no contexto familiar pode ensinar a criança que a violência é potencialmente reforçadora e funcional, na medida em que se permite expressar insatisfação, resolver problemas, e outros controles (Wekerle e Wolfe, 1999).

Embora haja alguma evidência de aumento do risco de perpetração quando abuso na infância ou violência interparental são relatados (Fang e Corso, 2007) a evidência é limitada e sugere um conjunto mais complexo de fatores que levam à violência no namoro. Follette e Alexander (1992) afirmaram:

Ao todo, os resultados sugerem que a modelagem do comportamento de violência na família de origem, não é suficiente para explicar a violência nas relações de namoro. O conceito de modelagem simples parece ter perdido sua utilidade. Em vez disso, será importante determinar uma variedade de preditores da agressão (p. 50).

Riggs e O'Leary (1989) desenvolveram um modelo teórico mais abrangente de agressão denominado "histórico relacional", modelo baseado principalmente na aprendizagem social e na teoria do conflito. Consistente com a perspectiva de aprendizagem social introduz adicionalmente a questão da aceitação da agressão como estratégia de resolução de conflitos, o que não se reduz ao aprendizado de modelos comportamentais, mas à representação social dos conflitos e às concepções racionais quanto às suas resoluções.

A teoria feminista

Uma análise feminista de comportamento violento sustenta que o abuso é o resultado de um sistema patriarcal subjacente da sociedade que incentiva a disputa de poder e controle entre homens e mulheres (Dobash e Dobash, 2001). A teoria feminista vê a violência interpessoal como uma manifestação de estruturas de poder decorrentes de dominação masculina e da subserviência feminina, compreendendo que esta desigualdade de poder leva a: 1. geração de conflitos para situações em que sobretudo mulheres, mas também homens, fujam aos papéis e atribuições dados a cada qual histórica e culturalmente (por exemplo: a mulher tornar-se a principal ou única provedora da renda da família; a mulher adotar comportamento sexual próximo do masculino ou o homem qualquer comportamento considerado

culturalmente feminino); 2. Aceitar a violência como forma de resolução desses conflitos, banalizando culturalmente comportamentos violentos nas relações de namoro (Schraiber et al., 2005).

Como mostra Scott (1995), coube aos homens historicamente o desempenho na esfera pública da sociedade e por isso sendo um indivíduo de maior valor social, com as atribuições, por exemplo, de ser trabalhador social e o provedor da família e aquele que é referência das grandes decisões nas relações familiares, principalmente em questões que irão envolver essa esfera pública da vida social, controlando os membros da família nesse sentido. Também se estabelece, por este maior poder, como indivíduo dotado de maior liberdade que as mulheres, as quais, então, são identificadas à vida privada doméstica e à reprodução da família.

Os homens serão, assim, em seu conjunto sujeitos de maior poder político, econômico, cultural, moral e sexual, ainda que possam ter exercícios diversos dessa referência hegemônica de identidade masculina (Schraiber et al., 2005, Couto e Schraiber, 2005, Gomes, 2010).

São essas atribuições de gênero que resultam em relações de poder desigual entre homens e mulheres e, em especial, quando a relação de algum modo evoca a família, a desigualdade pode antecipar conflitos usualmente conjugais e, assim, já no namoro, serem despertados embates por contrastes entre desempenhos culturalmente esperados e os que efetivamente ocorrem nas relações de intimidade e afetivo-sexuais entre homens e mulheres jovens. Como já comentado, as novas diferenças de desempenhos ocorrem com as mudanças econômicas da atualidade e hoje em dia as atribuições de homens e mulheres já não correspondem às identidades historicamente construídas.

Adicionalmente, quando há a aceitação como norma cultural de que esses conflitos sejam “solucionados” por violências, a literatura define essa violência como ‘violência de gênero’, mostrando Heise (1998) que há quatro tópicos consistentemente encontrados em sociedades com altas magnitudes de violência contra a mulher, indicando a subordinação de gênero nessas situações. São eles: normas culturais ou legais dando direito de propriedade

masculina sobre as mulheres; controle masculino sobre a riqueza da família; o controle masculino das decisões, em geral; e noções de masculinidade associadas à dominação e soberania, cabendo aos homens maior liberdade e poder de delimitar comportamentos femininos em nome da honra masculina.

A violência de gênero tem sido destacada nos estudos da violência contra a mulher (Giffin, 1994; Heise, Ellsberg e Gottemoeller, 1999; Heise e Garcia- Moreno, 2002; Castro e Casique, 2007'), ainda que nas situações experimentadas pelos homens, mesmo como uma violência entre homens, já se aponte também uma violência de gênero, em que o homem vitimizado é visto da perspectiva do feminino (Couto e Schraiber, 2005).

Lloyd (1991) afirma que perpetração e manutenção de violência no namoro é o resultado de uma combinação de valores patriarcais e do romantismo, o que leva à visão de que os homens estão no controle e as mulheres são dependentes. Carlson et al. (1987) mostram que o poder e a dependência aumentam a probabilidade de violência nas relações interpessoais. Vários pesquisadores, que estudam a violência sexual, também têm encontrado uma relação entre os fatores de poder e agressão no namoro, particularmente para os homens.

Da mesma forma, Stets e Pirog-Boas (1989) demonstraram que o controle interpessoal foi um fator significativo na previsão de perpetração masculina e feminina. Embora pareça ser uma relação entre poder e controle, não está claro se as questões de poder e controle estão presentes antes da violência ou se é um resultado natural da perpetração da violência. No entanto, a teoria feminista tem estado sob o foco de inúmeras pesquisas que mostram que as mulheres são também e em mesma proporção perpetradoras de violência contra os seus parceiros masculinos (Archer, 2000; Hettrich e O'Leary, 2007). Teóricas feministas alegam que a alta prevalência de violência perpetrada pela mulher é o resultado de comportamentos de autodefesa, o que é contra argumentado por Stuart et al. (2006).

Não obstante, a maioria dos estudos é concorde com a afirmação de que o tipo de ato de agressão e a gravidade desta difere bastante para os perpetradores homens relativamente às perpetradoras mulheres, sendo os primeiros responsáveis por atos de maior gravidade, tal como voltaremos a considerar mais adiante quando tratarmos especificamente do estudo descritivo dos nossos resultados.

A teoria do apego

Bowlby (1990; 1998) sugeriu que as crianças formam representações mentais ou modelos de relacionamentos com base em suas experiências com cuidadores durante a infância. Estes modelos de relacionamento são relativamente consistentes ao longo do tempo, e servem como referência para relacionamentos futuros. A teoria do apego argumenta que os adolescentes tendem a escolher parceiros de namoro com base nestes modelos (Waters et al., 1993). Hazan e Shaver (1987) em um estudo de relacionamentos de adultos mostraram que os indivíduos com estilos de apego seguro tendem a descrever a sua relação de amor como confiante, amigável e amoroso, e tendem a ter períodos mais longos de relacionamento. Em contraste, indivíduos inseguros descreveram a relação de amor com ciúmes e emocionalmente instável. Com base nessa orientação teórica, os indivíduos com estilos de apego inseguro resultantes da infância com relações instáveis podem estar em risco elevado, particularmente, para a violência no namoro, já que seus modelos de apego formaram-se ao longo de uma relação de dimensões de dominância e subordinação entre vítima e agressor.

2.4.4 Semelhanças entre violência no namoro e a violência no casamento

Mesmo com um corpo crescente de literatura sobre violência no namoro, houve relativamente poucas referências sobre possíveis semelhanças entre essa forma de violência e a violência no casamento. Por

causa das semelhanças entre namoro e casamento, é razoável supor que existam similaridades entre a agressão no casamento e no namoro.

Muitos pesquisadores têm especulado que a violência no namoro pode ser um precursor para a agressão no casamento, e que tal padrão de violência pode ser razoavelmente estabelecido durante o período de namoro (Carlson, 1987; Makepeace, 1981). O'Leary et al. (1989) conduziram um estudo longitudinal sobre a violência interpessoal e descobriram que os homens eram até três vezes mais propensos a usar a agressão no casamento se a violência tivesse ocorrido durante o período de namoro. No entanto, Follingstad et al. (1999) apontaram que, embora a violência no namoro possa ser um precursor para a violência no casamento em alguns casos, muitas pessoas que usam a violência nas relações de namoro não continuam a fazê-la no casamento. Por conseguinte, a ligação entre violência no casamento não tem sido tão sistematicamente avaliada como seria de esperar e a literatura, em grande parte, progrediu independente umas das outras.

Já outros pesquisadores, no entanto, notaram muitas semelhanças entre violência no casamento e no namoro, o que sugere a continuidade da agressão. Por exemplo, Carlson (1987) observou várias semelhanças entre agressão no casamento e no namoro, incluindo dispendir uma quantidade de tempo juntos com uma ampla gama de atividades, compartilhamento de informações pessoais que levam à vulnerabilidade emocional, altos níveis de investimento emocional e envolvimento, e um direito presumido de influenciar o parceiro.

Outro exemplo está na pesquisa de Follingstad et al. (1999), que aponta o uso de álcool e habilidades de comunicação empobrecidas como fatores de risco tanto para a violência no namoro quanto para a violência no casamento. Da mesma forma, a pesquisa mostrou que o abuso do álcool é precursor de ambas as violências (Carlson, 1987; Hines e Straus, 2007).

Apesar de suas semelhanças, cada uma das violências devem ter características únicas, destacando a importância de se investigar cada forma de violência separadamente. Relações conjugais são provavelmente

caracterizadas por maior vínculo familiar e econômico, com maior investimento e envolvimento no relacionamento. Por exemplo, nos estudos de Carlson (1987) o autor refere que os cônjuges muitas vezes têm obrigações econômicas entre si, podem ter filhos, e são mais susceptíveis de serem envolvidos com as respectivas famílias de origem, quando comparados com aqueles que vivem uma relação de namoro, supostamente mais livre.

No que diz respeito às variáveis intrapessoais, Follingstad et al. (1999) constataram que autoestima, medo de avaliação negativa e poucas habilidades para resolver conflitos não estiveram associados à violência no namoro em sua amostra de estudantes universitários, mas esses fatores mostraram-se estar relacionado com a violência no casamento (Burke, Stets, e Pirog-Bom, 1988; Holtzworth- Munroe e Hutchinson, 1993).

2.4.5 Conclusões

Enfim, pode-se dizer que as pesquisas relacionadas com a violência no namoro têm apontado algumas características dos indivíduos que relataram a violência no namoro, tais como: baixa autoestima, depressão, abuso de substâncias químicas, problemas de saúde, entre outros (Anderson e Danis, 2007; Makepeace, 1986). Além disso, as variáveis sociais e culturais, como por exemplo, os indivíduos com uma história de violência no namoro muitas vezes, evidenciam habilidades reduzidas para resolver problemas de forma efetiva e apresentam escassas habilidades de comunicação quando comparados com aqueles indivíduos não expostos a tal violência (Carlson, 1987; O'Leary et al., 1989), e podem desenvolver a crença de que a violência é um caminho de sucesso e normal para influenciar o parceiro e ganhar o controle no ambiente de relacionamento (Carlson, 1987; Cornelius e Resseguie, 2007; Munoz-Rivas et al., 2007).

Embora a pesquisa tenha progredido em ambas as áreas da violência no namoro e no casamento, não existem estudos que ampliem para a

compreensão das semelhanças e diferenças teóricas e práticas entre estes dois tipos de agressão interpessoal.

Nos últimos anos, a violência no namoro tem recebido maior atenção dos pesquisadores devido às consequências nefastas dessa violência, tanto na relação atual e como um precursor para a violência futura. No entanto, mesmo com vários estudos demonstrando a alta prevalência da violência, pouca atenção tem sido dada para o desenvolvimento de teorias específicas para a violência no namoro e de avaliação da relação entre a violência no namoro e a violência casamento.

Assim, conhecer o padrão da violência no namoro também pode contribuir para a compreensão de importantes questões na violência que acontece no casamento, principalmente pelo fato que esta última tradicionalmente acontece no espaço privado dos lares, ao passo que muitas das agressões do namoro acontecem no espaço público da escola.

3 METODOLOGIA DO ESTUDO: OBJETIVOS E DESENHO

São objetivos do presente estudo: identificar violências no namoro e conhecer em maior detalhamento as situações em que elas ocorrem nos relacionamentos de namoro entre jovens universitários brasileiros. Buscou-se para tal uma abordagem em três dimensões problemáticas: 1. estudar os diversos episódios de violência que ocorrem nestas situações, tipificando-os em termos dos atos de agressão que são perpetrados e que correspondem aos comportamentos dos indivíduos agressores; 2. estudar características dos envolvidos e do contexto desses episódios, que expressam relações importantes com as agressões praticadas; e 3. considerando que tais episódios de violência podem ter impactos na saúde dos envolvidos e que isto pode ser diferenciado pelos tipos de agressões sofridas e/ou perpetradas, estudar uma repercussão em particular, considerada bastante importante na literatura acerca de violência interpessoal.

O presente estudo foi realizado, como mencionado no capítulo inicial, com o banco de dados de uma pesquisa denominada International Dating Violence Study (IDVS). Essa pesquisa foi desenvolvida em 37 países e coordenada pelo sociólogo Murray Straus da Universidade de New Hampshire (USA). O coordenador montou um consórcio de pesquisadores locados em diversas universidades, representando as principais regiões do mundo. Estes pesquisadores foram escolhidos por suas experiências pregressas com a temática da violência familiar. A pesquisa foi realizada em 68 universidades, conforme apresentada no Anexo 1. Na ocasião, foi proposta a avaliação dos índices (taxas) de perpetração e de repetição de episódios de violência, entre parceiros íntimos na fase de namoro, violência essa identificada pela sigla VPIN.

A pesquisa teve a intenção de investigar a extensão na qual a VPIN é um fenômeno mundial, pelo menos nos setores da sociedade com nível de educação superior. Segundo seu coordenador a proposta se justificou por

ser esta uma etapa da vida crítica para o estabelecimento de padrões que podem persistir ao longo da vida, além de permitir a compreensão e discussão da etiologia da violência. Nas primeiras publicações dos resultados, foram apresentados estudos comparativos entre os diversos países participantes (Straus et al., 2004a, 2006).

A pesquisa ainda teve como objetivo identificar os tipos de violência psicológico, físico e sexual, considerando os atos praticados e obter informações sobre a repetição e a gravidade de cada qual, além dos agravos à saúde decorrentes.

Para melhor compreensão do banco de dados então resultante, a seguir são detalhados diversos aspectos metodológicos dessa pesquisa multi-países. Em tópico seguinte apresentam-se quais partes desse banco de dados produzido são as bases do presente estudo para a tese de doutoramento.

3.1 A pesquisa Multi-países sobre Violência no namoro

3.1.1 Os Sujeitos da Pesquisa e Amostra Final

O estudo foi realizado com estudantes universitários maiores de 18 anos de idade e que aceitaram o convite para responderem um questionário auto preenchido (Straus et al., 2004a, 2004b).

O questionário (Anexo 2) foi distribuído pelos pesquisadores responsáveis em cada país no espaço das salas de aula, em universidades escolhidas por conveniência, em todos os 37 países participantes. O critério de escolha das universidades foi ser um centro oficial e reconhecido de ensino superior em cada país, estar em funcionamento regular, identificar-se ao tipo comum de centros universitários do país e permitir o trabalho de campo.

O estudo no Brasil (Aldrighi, 2004) seguiu os mesmos critérios já descritos, sendo a amostra composta por estudantes de graduação matriculados em duas universidades do Estado de São Paulo: uma, privada, localizada na cidade de São Paulo e a segunda universidade pública

localizada no vale do Paraíba. Para cada Universidade foi escolhido mais de um curso (ou Faculdade). A escolha dos cursos teve como cuidado obter uma distribuição homogênea entre participantes do sexo masculino e feminino, pois alguns tinham uma configuração com predominância masculina, outros feminina ou mista. Como resultado, os estudantes que participaram da pesquisa pertenciam aos seguintes cursos de graduação: administração de empresas, comércio exterior, educação física, jornalismo, medicina e psicologia.

Inicialmente foram 510 alunos presentes nos espaços da sala de aula, distribuídos entre as duas universidades. Houve um total de 454 respondentes, que correspondeu a 10% de não resposta. Tal participação brasileira foi alta considerando a pesquisa global (Straus et al., 2004a). Tendo em vista que, no convite à participação foi informado que o objetivo da pesquisa era conhecer os relacionamentos afetivos entre jovens universitários, pode-se presumir que as possíveis recusas (questionários em branco) não foram devido às questões de violência.

As folhas óticas de respostas foram enviadas ao pesquisador líder nos USA e na sequência foram disponibilizados para o pesquisador responsável de cada país os dados correspondentes.

3.1.2 Definições de variáveis e construção do Instrumento

O VPIN valeu-se do instrumento já padronizado e utilizado em muitos estudos – As Escalas de Táticas de Conflito ou CTS (Straus, 1979, 2004a, 2004b). A escala CTS possui diversas versões anteriores a esta do VPIN: o CTS 1 e o CTS 2, usadas entre cônjuges. Para o estudo maior de parceiros em fase de namoro uma versão especial foi desenvolvida pelo coordenador do estudo que também é o próprio autor das escalas CTS prévias. Trata-se do questionário denominado “*IDVS questionnaire*” que ao mensurar a VPIN tem a teoria do conflito por fundamento teórico, do mesmo modo que as CTS (Adams, 1965; Straus, 1979). Esta teoria afirma que o conflito é parte inerente à condição humana, inclusive ao longo do casamento. Na

perspectiva sociológica as teorias de conflito enfatizam que o conflito não é somente inevitável, como também é componente útil e necessário da vida, mas a violência não é considerada uma forma válida de se lidar com os conflitos. Decorrente desta compreensão o uso de táticas construtivas como a negociação e a argumentação são recursos utilizados para evitar violência física, como também para propiciar relações mais satisfatórias (Straus, 2004a, 2005, Heise, Ellsberg, Garcia-Moreno, 2002).

O questionário IDVS, usado na pesquisa multi-países, foi desenvolvido, pré-testado, revisado, validado e utilizado em pesquisas sobre violência no namoro em mais de 15.000 estudantes em várias regiões do mundo e consiste em quatro partes: *Caracterização social e demográfica*, *Caracterização das violências (com base nas perguntas da Escala de Táticas de Conflito revisada- CTS2)*, *Caracterização do Perfil Pessoal e de Relacionamentos (PRP)* e *uma seção aberta às questões consideradas relevantes para cada país*. (Straus, 2004a, 2004b).

No sentido de adaptação cultural, o questionário final foi traduzido do original em inglês para a língua portuguesa e retrovertido por três profissionais com domínio de Inglês e experiência na temática investigada – dois portugueses e um brasileiro – e retrovertida para o inglês por um especialista fluente na língua inglesa. O teste de compreensão e conteúdo semântico foi conduzido por uma pequena amostra de estudantes universitários que dominavam ambos os idiomas, tanto em Portugal (08) quanto no Brasil (05). A primeira tradução foi realizada separadamente por cada um dos países, e posteriormente, comparada com a versão portuguesa e discutidas as principais divergências e pontos críticos da adaptação entre as duas versões, sendo a versão final acrescida de questões de interesse à realidade cultural brasileira.

Para a adaptação do instrumento alguns procedimentos foram definidos pelo pesquisador responsável em cada país no sentido de garantir a equivalência conceitual. No período de adaptação do instrumento os termos foram discutidos, revistos cuidadosamente pelo pesquisador e compartilhado com todo o grupo de pesquisadores, no sentido de facilitar

uma medida padronizada para todos os locais e garantir os benefícios da investigação das diferenças culturais.

Além do mais, precedendo a adaptação final do instrumento, cada pesquisador desenvolveu um estudo qualitativo no sentido de adequar a terminologia *dating* de acordo com a terminologia utilizada entre jovens de cada país participante. Este estudo foi compartilhado e discutido entre os pesquisadores antes do início da tradução e adaptação do instrumento questionário.

No Brasil, já haviam sido desenvolvidos alguns estudos independentes com adaptação da CTS-1 e CTS-2 (Reichenheim, Moraes e Hasselmann, 2000; Moraes, Hasselmann e Reichenheim, 2002, 2003), porém tais versões dessas escalas não foram utilizadas, uma vez que o próprio Murray Straus, rearranjou suas variáveis em novo modelo específico para a fase de namoro. Além do mais, como coordenador da pesquisa multi-países, ele acompanhou e discutiu passo a passo todo o processo de adaptação do novo instrumento, o VPIN (Aldrichi, 2004).

Escalas de Táticas de Conflito Revisada – CTS-2

A CTS - Escalas de Táticas de Conflito - originalmente foi criada para avaliar conflitos intrafamiliares, com objetivo de determinar as taxas de prevalência de violência física e psicológica no contexto familiar (Straus e Gelles, 1990).

Há duas escalas propostas por estes dois autores, sendo que a primeira delas atém-se à violência física. A inclusão de itens que avaliam a violência sexual, a violência psicológica e os danos decorrentes de todas elas, conformou a segunda escala, a CTS-2. Outro aspecto ampliado na CTS-2 são os itens que classificam a gravidade das agressões, de acordo com o dano provocado e que variam de moderada à grave. (Straus, 2004a, 2004b).

A literatura que se vale de instrumentos similares aponta algumas questões para a CTS, tais como: a estimativa da condição de perpetrador,

pois requer que os participantes revelem seu envolvimento em comportamentos que infringem certas leis, embora possam expressar elementos da cultura de aceitação da violência sobretudo para homens, e também as perguntas encadeadas cruzando ter sofrido com ter perpetrado, o que pode suscitar a valorização do revide (Schraiber et al., 2010). De outro lado, a forma de dispor as perguntas em questionário é feita no sentido de evitar vieses de respostas sequenciais indutoras de tipos de agressão.

Como já dito, estas escalas foram revistas por um dos autores, Straus, na elaboração do instrumento usado para a violência no namoro, o VPIN, resultando em 39 itens agrupados em pares de perguntas destinados ao participante e ao parceiro, perfazendo um total de 78 questões, com um formato de fácil manuseio e tempo breve de administração e resposta (cerca de 30 minutos). Mas manteve o agrupamento por par de perguntas em que uma aborda o comportamento do participante e outro o do parceiro, o que é revelado por apenas um dos parceiros da relação. (Straus, 2005).

Essas características podem ser observadas no Quadro 1 a seguir, o qual apenas ilustra o instrumento com algumas das suas perguntas. Trata-se aqui tão somente de mostrar o formato do instrumento usado, pois as perguntas efetivamente incorporadas ao presente estudo são apresentadas mais adiante no próximo tópico.

Quadro 1. Algumas perguntas do CTS-2 sobre relacionamento entre os parceiros

1. Eu mostrei ao meu parceiro (a) que eu me preocupei mesmo quando nós discordamos 2. Meu parceiro (a) demonstrou preocupar-se comigo mesmo quando nós discordamos 3. Eu expliquei meu lado do desacordo para o meu parceiro (a). 4. Meu parceiro (a) explicou o seu lado do desacordo para mim 5. Eu insultei ou xinguei meu parceiro (a). 6. Meu parceiro (a) fez isso comigo. 7. Eu atirei algo em meu parceiro (a) que poderia machucá-lo. 8. Meu parceiro (a) fez isso comigo. 9. Eu agarrei meu parceiro (a) pelo seu braço ou cabelo. 10. Meu parceiro (a) fez isso comigo.

Além da caracterização das violências, o questionário possui caracterizações do perfil pessoal e de relacionamentos do respondente (*Personal and Relationships Profile – PRP*), contando com diversos tópicos, tais como apresentados no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2. Tópicos do Perfil Pessoal e de Relacionamentos

<u>Perfil de Características Pessoais</u>	<u>Escala das relações interpessoais</u>
Personalidade Antissocial	AM - Manejo da Raiva
Personalidade Borderline	CP – Distúrbios de Comunicação
Histórico Criminal	COM - Conflito
Depressão	DOM -Dominação
Hostilidade de Gênero ao Homem	JEL - Ciúme
Hostilidade de Gênero à Mulher	RD - Compromisso com o relacionamento
Histórico de Negligência	RC - Relacionamento Conflituoso
Desordem de Estresse Pós-Traumático	NA - Autoimagem negativa
Integração Social	SUB - Abuso de Substância Química
	STR - Condições Estressoras
	SD – Adequação Social
	VS - Violência Socializada
	VA - Aprovação de Violência
	SAH - Histórico de Abuso Sexual

As perguntas seguem um formato padronizado, tal como ilustrado com algumas questões no Quadro 3. São afirmações simples e utilizam uma escala de resposta de 4 itens: “discordo plenamente”; “discordo”, “concordo” e “concordo plenamente”.

Quadro 3. exemplo de questões que compõem o PRP

<ol style="list-style-type: none"> 1. O relacionamento com meu parceiro(a) é o relacionamento mais importante que eu tenho. 2. Eu desistiria de quase tudo pelo meu parceiro (a). 3. Meu parceiro (a) não tem capacidade suficiente para tomar decisões importantes. 4. Frequentemente eu quebro coisas que pertencem a outros de propósito. 5. As pessoas geralmente gostam do meu parceiro (a). 6. Antes de deixar que eu mesma fique realmente brava com o meu parceiro (a), eu penso sobre o que acontecerá se eu perder minha paciência. 7. Uma mulher que foi estuprada provavelmente pediu por isto. 8. Eu tenho membros na família que me ajudariam se eu tivesse um problema. 9. Homens são mais desonestos do que as mulheres. 10. Meu parceiro (a) me critica frequentemente. 11. Raramente eu estou envolvida em atividades religiosas. 12. Meu parceiro (a) é essencialmente uma boa pessoa. 13. Eu sou sempre educada (o), até com as pessoas que são desagradáveis. 14. Algumas vezes eu não consigo lembrar o que aconteceu na noite anterior por causa da bebida. 15. Eu não consigo dizer coisas boas ao meu parceiro (a) mesmo que eu esteja pensando sobre elas.

Em geral os estudos que foram desenvolvidos com base nessas escalas apresentadas estabeleceram uma relação estreita com os padrões de violência entre parceiros íntimos e forneceram a identificação de características a serem exploradas em programas de intervenção (Straus et al.,1996).

3.2 O presente estudo com os dados produzidos na pesquisa multi-países

3.2.1 Os sujeitos do presente estudo e amostra final

O presente estudo valeu-se da mesma definição e captação de sujeitos da pesquisa multi-países. Mas do total dos 454 respondentes, foram elegíveis 362 universitários que se declararam estar ou terem estado em situação de namoro com pelo menos um mês de duração. Destes 362 sujeitos, 29,8% (108) não responderam as questões relativas à violência sofrida ou perpetrada.

3.2.2 Delimitação das variáveis utilizadas do instrumento VPIN

o presente estudo realizou-se um recorte específico do banco de dados, não se usando todas as informações ali contidas. Assim, as variáveis consideradas são apresentadas na sequência, discriminadas por cada dimensão de estudo.

Estudo descritivo

Para a caracterização sócio demográfica foram usadas as perguntas que constam do Quadro 4, a seguir.

Quadro 4. Caracterização social e demográfica

1. Qual é o seu sexo? Na folha de resposta, por favor, preencha totalmente o círculo abaixo do número 1 se você é um homem, e, preencha totalmente abaixo do número 2 se você é uma mulher.			
1 = Homem	2 = Mulher		
2 Qual é a sua situação na universidade			
1 = Calouro	2 = Segundo ano	3 = Intermediário	4 = Último ano
3. Qual a sua idade?			
1 = 18	2 = 19	3 = 20	4 = 21
5 = 22 – 24	6 = 25 – 29	7 = 30 – 39	8 = 40 ou mais
4. Quantos anos de educação seu pai completou?			
1 = 1º Grau	2 = 2º grau	3 = Técnico	
4 = Superior incompleto	5 = Superior completo	6 = Pós Graduação	
5. Quantos anos de educação sua mãe completou?			
1 = 1º Grau	2 = 2º grau	3 = Técnico	
4 = Superior incompleto	5 = Superior completo	6 = Pós Graduação	
6. Qual a renda familiar anual? (Faça uma estimativa)			
1 = Abaixo de R\$ 10.000,00	2 = R\$ 10.000,00 a 19.999,00		
3 = R\$ 20.000,00 à 29.999,00	4 = R\$ 30.000,00 à 39.999,00		
5 = R\$ 40.000,00 à 49.999,00	6 = R\$ 50.000,00 à 59.999,00		
7 = R\$ 60.000,00 à 69.999,00	8 = Acima de R\$ 70.000,00		
7 Qual a situação conjugal atual de seus pais?			
1 = casados entre si	2 = separados	3 = divorciados	
4 = nunca casados um com o outro e nem vivem juntos			
5 = nunca casados um com o outro e vivem juntos			
6 = um ou ambos os pais já morreram			
8. Indique qual das seguintes situações se aplica a você			
1 = Atualmente estou numa relação de namoro que permanece pelo menos um mês.			
2 = Eu estive numa relação de namoro que permaneceu pelo menos um mês, mas não estou agora.			
3 = Eu não estive numa relação de namoro que tenha permanecido pelo menos um mês. Se você responder 3, pule para a questão 16.			
NOTA: A palavra "parceiro" e "seu parceiro" referem-se à pessoa do relacionamento de namoro que você irá descrever nas questões seguintes. Responda toda questão em relação ao seu parceiro atual ou em relação ao parceiro mais recente (e sempre responda sobre a mesma pessoa)			
9. Com quem você está morando?			
1 = Com meu namorado (a) (ou eu estava com ele/ela antes do relacionamento terminar)			
2 = Em um apartamento próprio. Ninguém divide comigo			
3 = Com um colega que não é meu namorado (a)			4 = Com meus pais
5 = Outros			
10. Qual é o tipo de relacionamento com seu parceiro (a) ou o que era enquanto vocês estavam juntos?			
1 = Namoro	2 = Noivado	3 = Casado	4 = Não casados e vivendo juntos
11. Quanto tempo você está neste relacionamento (ou quanto tempo durou o seu relacionamento mais recente)			
1 = Menos de um mês	2 = Acerca de um mês	3 = Acerca de dois meses	
4 = 3 a 5 meses	5 = 6 a 11 meses	6 = Acerca de 1 ano	
6 = Mais de um ano, mas menos de 2 anos	8 = 2 anos ou mais		

Continuação do Quadro 4

12.Há quanto tempo este relacionamento terminou?		
1= Ele não terminou	2 = Menos de 1 mês	3 = Acerca de 1 mês
4= Acerca de 2 meses	5 = 3 a 5 meses	6 = 6 a 11 meses
7= Acerca de 1 ano	8 = Mais de um ano	
13.Qual é (era) o sexo de seu parceiro (a)		
1= masculino	2 = feminino	
14. O sexo é (era) parte de seu relacionamento?		
1 = não	2 = sim	

Das escalas de táticas perante os conflitos (CTS), não se valeu das informações sobre as negociações verbais, já que o presente estudo volta-se apenas para as situações de violência. Também não se usou as perguntas relativas aos ferimentos ou lesões. Na sequência apresentam-se as variáveis referentes à violência.

Violência na relação de intimidade no namoro: foi considerada a condição de ter sofrido algum tipo de agressão praticado intencionalmente pelo parceiro atual ou anterior.

Foi considerada violência sofrida na vida ter dado ao menos uma resposta positiva às questões sobre ter sofrido algum dos tipos de agressão pelo parceiro íntimo no namoro.

Em relação à violência perpetrada foi considerada ter dado ao menos uma resposta positiva às questões sobre ter praticado algum dos tipos de agressão em relação ao parceiro.

As violências foram identificadas em três tipos: violência física, violência psicológica e violência sexual.

Violência física: consiste em recorrer a atos que resultam em sequelas físicas indicadas pela gravidade das lesões, variando de tapas, socos, pontapés, espancamentos e o uso de objetos com a intensão de ferir e provocar danos.

Violência psicológica: ato verbal ou não que simbolicamente fere ou ameaça ferir o outro.

Violência Sexual: ações que visam compelir o parceiro a envolver-se em uma atividade sexual indesejada, abrangendo atos coercitivos que vão desde a insistência verbal, ameaças e uso da força física.

Para a caracterização da violência, foram usadas (utilizadas) as perguntas que seguem no Quadro 5.

Quadro 5. Violência e os tipos.

Violência Física	
1.	Eu atirei algo em meu parceiro (a) que poderia machucá-lo.
2.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
3.	Eu agarrei meu parceiro (a) pelo seu braço ou cabelo.
4.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
5.	Eu empurrei ou dei um tranco em meu parceiro (a).
6.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
7.	Eu utilizei uma faca ou arma com meu parceiro (a).
8.	Meu parceiro (a) fez isso para mim.
9.	Eu perdi a consciência ao ser atingida na cabeça pelo meu parceiro (a) numa briga.
10.	Meu parceiro (a) perdeu a consciência ao ser atingido na cabeça numa briga comigo.
11.	Eu esmurrei ou bati no meu parceiro (a) com algo que poderia machucá-lo.
12.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
13.	Eu estrangulei meu parceiro (a).
14.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
15.	parceiro (a) contra a parede.
16.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
17.	Eu espanquei meu parceiro (a).
18.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
19.	Eu agarrei a força meu parceiro (a).
20.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
21.	Eu esbofeteei meu parceiro (a).
22.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
23.	Eu queimei ou joguei água quente no meu parceiro (a) de propósito.
24.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
25.	Eu chutei meu parceiro (a)
26.	Meu parceiro (a) me chutou.
Violência psicológica	
1.	Eu insultei ou xinguei meu parceiro (a).
2.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
3.	Eu chamei meu parceiro (a) de gordo ou horrível.
4.	Meu parceiro (a) me chamou de gordo ou horrível.

Continuação do Quadro 5

5.	Eu destruí algo pertencente ao meu parceiro (a).
6.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
7.	Eu gritei ou berrei com meu parceiro (a).
8.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
9.	Eu saí abruptamente da sala, ou da casa ou do jardim durante um desentendimento.
10.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
11.	Eu acusei o meu parceiro(a) de ser um mal amante.
12.	Meu parceiro (a) me acusou disto
13.	Eu fiz algo para irritar o meu parceiro(a)
14.	Meu parceiro(a) fez isso comigo
15.	Eu ameacei bater ou atirar algo no meu parceiro (a)
16.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
Violência Sexual	
1.	Eu forcei meu parceiro (a) ter sexo comigo sem camisinha.
2.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
3.	Eu usei da força (como bater, dominar ou usar uma arma) para fazer meu parceiro (a) ter sexo oral ou anal.
4.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
5.	Eu utilizei da força (como bater, dominar ou usar arma) para fazer com que meu parceiro (a) fizesse sexo comigo.
6.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
7.	Eu insisti no sexo quando meu parceiro (a) não queria (mas não utilizei força física).
8.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
9.	Eu utilizei ameaças para fazer o meu parceiro (a) ter sexo oral ou anal.
10.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
11.	Eu insisti para meu parceiro (a) ter sexo oral ou anal (mas não utilizei força física)
12.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.
13.	Eu usei de ameaças para meu parceiro (a) fazer sexo.
14.	Meu parceiro (a) fez isso comigo.

De modo distinto da pesquisa multi-países, que propõe como leitura predominante o recorte dos episódios de violência ocorridos nos últimos 12 meses de relacionamento, neste estudo tomou-se para a análise episódios de violência por parceiro íntimo no namoro (VPIN) na vida.

Para o estudo descritivo as variáveis foram consideradas por meio de frequências e proporções. As violências sofridas e perpetradas foram apresentadas em cinco diferentes modos, objetivando a descrição detalhadas dos episódios de violência. Primeiramente foi apresentada a prevalência de cada tipo de violência independente da resposta dada aos demais tipos e, portanto, de eventuais superposições.

Em seguida, foram apresentadas as formas exclusivas e combinadas de violências, categorizando-as para maior diálogo com a literatura como: “nenhuma”, “psicológica exclusiva”, “psicológica combinada”, “física e/ou sexual” e “todas simultâneas”. Depois foram analisadas as proporções da sobreposição de qualquer tipo de violência sofrida com a perpetrada, nas categorias: “só sofreu”, “só perpetrou” e “sofreu e perpetrou”. Também se descreveram todas as violências sofridas e perpetradas com as questões utilizadas em cada tipo.

Por último, foram analisadas as proporções das sobreposições ocorridas entre os tipos psicológico, físico e sexual, referidos à violência sofrida e entre os referidos à perpetrada. Todas as análises foram seguidas do teste Qui-quadrado de Pearson para a comparação entre os sexos. Para algumas variáveis com ordenação, usou-se o teste de tendência. O Nível de significância adotado foi de 5%.

Nas correções das perdas de respostas para as questões de violência, usou-se o método de imputação múltipla de dados (Hair et al., 2005). As variáveis selecionadas para a imputação probabilística foram: “relação sexual com o parceiro”, associada com as violências, e “sexo”, que a literatura aponta ter associação com violências sofridas e perpetradas em relações conjugais.

Estudo de fatores associados

Para este estudo foram consideradas as seguintes variáveis sociodemográficas que a literatura aponta como possíveis relações com o evento da violência entre parceiros íntimos: sexo, faixa etária, coabitação, tempo de namoro e ter vida sexual no namoro.

A faixa etária dos participantes, que variou de 18 a 40 anos de idade, foi agrupada em duas categorias, uma correspondente ao período dos 18 a 21 anos de idade e a outra de 22 anos ou mais, tendo como critério serem os intervalos de maior concentração e corresponder à faixa etária do jovem universitário brasileiro.

Em relação à coabitação foi considerada sua ocorrência ou não para o relacionamento atual.

Em relação à variável tempo de namoro, que corresponde ao tempo de duração do relacionamento de namoro atual ou anterior considerado pelo participante ao responder o questionário, esta variável foi agrupada em três categorias: até 5 meses; de 6 meses a 1 ano e 11 meses; de 2 anos ou mais. Essa categorização seguiu o tamanho da amostra. .

Em relação a ter vida sexual no namoro as respostas foram classificadas de acordo com a ausência ou presença da vida sexual como parte da relação de namoro.

Também se caracterizou a distribuição da ocorrência das variáveis relacionadas ao estilo pessoal de vida, de relacionamentos, de experiências de violência na infância e de agravos à saúde, discriminadas da seguinte forma: ciúme, histórico de abuso na infância, ideia negativa de gênero, aprovação de violência e uso de substâncias psicoativas, discriminadas na sequência.

Todas as variáveis categóricas, apresentadas na sequência, foram classificadas como positivas quando a resposta era “concordo plenamente” ou “concordo”; e negativa quando a resposta era “discordo plenamente” ou “discordo”

Violência na infância: extensão de ter vivenciado e/ou, testemunhado episódios de violência no período da infância nas relações com o grupo familiar. A variável referiu-se a presença ou ausência de atos de violência física a partir de pelo menos uma resposta positiva às questões específicas ao histórico de violência familiar, conforme Quadro 6.

Quadro 6. Questões referentes à histórico de violência familiar

Violência física na infância : extensão de ter vivenciado e/ou, testemunhado o uso de violência no período da infância nas relações com o grupo familiar.

- 1.Quando eu era criança, eu vi minha mãe ou meu pai chutar, empurrar ou bater com muita força nos seus parceiros.
- 2.Quando eu era menor de 12 anos, eu era espancada(o) ou agredida(o) muito pela minha mãe ou pai.

Ideia negativa do comportamento masculino: concepção e ideia negativa em

relação ao homem. A variável referiu-se à concordância ou não com as afirmações apresentadas, sendo computada a partir de pelo menos uma resposta positiva a uma das categorias de concordância (concordo plenamente ou concordo) às questões específicas ao sexo masculino.

Ideia negativa do comportamento feminino: concepção e ideia negativa em relação à mulher. A variável referiu-se à concordância ou não com as afirmações apresentadas, sendo computada a partir de pelo menos uma resposta positiva às questões específicas ao sexo feminino.

As questões referentes às variáveis estão apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7. Questões referentes às concepções sobre comportamentos masculinos e femininos

<u>Visão negativa do comportamento masculino:</u> concepção e ideia negativa em relação ao homem
1. Os homens tratam as mulheres duramente.
2. Homens são grosseiros.
<u>Visão negativa do comportamento feminino:</u> concepção e ideia negativa em relação à mulher.
1. As mulheres tratam os homens duramente.
2. Mulheres são grosseiras.

Ciúme: extrema preocupação com a exclusividade das relações do parceiro. A variável referiu-se à concordância ou não com as afirmações referentes ao relacionamento com o parceiro. Devido à alta prevalência de ciúme como positivo, 94,3% da amostra, preferiu-se recategorizar essa variável levando-se em conta como positivo apenas os casos que responderam, no questionário original, “concordo plenamente”, optando-se pelas formas de expressão mais exacerbadas do ciúme conforme apontada pela literatura associada à violência. As questões estão apresentadas no quadro 8.

Quadro 8. Questões referentes à variável ciúme

<u>Ciúme:</u> extrema preocupação com a exclusividade das relações do parceiro.
1. Eu odiaria se meu parceiro (a) confiasse um segredo a outra pessoa além de mim.
2. Eu iria odiar se meu parceiro (a) desse muita atenção para alguém que não fosse eu.
2. Eu ficaria chateada se meu parceiro (a) abraçasse alguém por muito tempo.
3. Eu sentiria ciúmes se meu parceiro (a) ajudasse alguém do sexo oposto.
4. Eu ficaria zangada se alguém abraçasse meu parceiro (a) por muito tempo.
5. Eu odiaria se alguém prestasse muita atenção no meu parceiro (a).
6. Eu ficaria brava (o) se meu parceiro (a) paquerasse outra pessoa.

Aceitação da violência: extensão na qual o uso da violência física é aceitável numa variedade de situações das relações interpessoais. A variável referiu-se à concordância ou não com as afirmações apresentadas, sendo computada a partir de pelo menos uma resposta positiva às questões específicas à variável, conforme apresentadas no quadro 9.

Quadro 9. Questões referentes à variável aceitação da violência

Aceitação da violência: extensão na qual o uso da violência física é aceitável numa variedade de situações das relações interpessoais.

1. Uma mulher que foi estuprada provavelmente pediu por isto.
2. Quando um menino está crescendo, é importante para ele ter algumas brigas de soco e pontapé.
3. Um homem não deveria se afastar de brigas físicas com outros homens.
4. Eu consigo pensar numa situação que eu aprovaria uma esposa esbofetear seu marido.
5. Se uma esposa recusa-se a fazer sexo, algumas vezes é correto, fazer com que ela o faça.
6. Às vezes, é necessário para os pais bater num adolescente que responde mal ou se mete em confusão.
7. Uma vez que o ato sexual atinge certo ponto, um homem não pode parar até que esteja satisfeito.
8. Um menino que é agredido por outro deve revidar a agressão.

Uso de substância psicoativa: uso excessivo de álcool ou outro tipo de droga. Para esta variável as respostas foram agrupadas em três categorias: nunca ter feito uso de álcool e drogas; ter feito uso de álcool; uso concomitante de álcool e drogas. Agrupou-se o uso exclusivo de drogas à categoria álcool e drogas por este representar apenas 5,4% da amostra geral. Os agrupamentos foram computados a partir de uma resposta positiva a cada uma das questões específicas, apresentadas no quadro 10.

Quadro 10. Questões referentes à variável uso de substância psicoativa

Uso de substância psicoativa:

1. Algumas vezes eu não consigo lembrar o que aconteceu na noite anterior por causa da bebida.
2. Eu temo que tenha problemas com drogas.
3. Algumas vezes eu bebo 5 ou mais bebidas ao mesmo tempo, mas nos finais de semana.
4. As vezes eu bebo o suficiente para me sentir realmente alta(o) ou bêbada(o).
5. No passado, eu usei cocaína, crack ou drogas pesadas (como excitantes, heroína e derivados de ópio) mais de uma ou duas vezes.
6. Eu já estive em tratamento por problemas com drogas

Para estudo de associação a temática da violência foi analisada a partir de apenas duas variáveis:

Violência sofrida: foram considerados casos positivos qualquer experiência de violência física, violência psicológica e/ou sexual sofrida durante o relacionamento de namoro.

Violência perpetrada: foram considerados casos positivos qualquer experiência de violência física, violência psicológica e/ou sexual perpetrada durante o relacionamento de namoro.

Para estimar as razões de prevalências, utilizou-se a análise de regressão de Poisson com estimativa de variância robusta (Coutinho, Scazufca, Menezes, 2008). Inicialmente, realizou-se o modelo de regressão univariada, diferenciando-se as categorias em violência sofrida na população de estudo, violência perpetrada na população de estudo; violência sofrida para homens e mulheres e violência perpetrada para homens e mulheres, adotando-se os níveis de significância de 20%. Para compor o modelo de regressão multivariada foram consideradas todas as variáveis associadas ao evento violência sofrida e para violência perpetrada com valores de $p < 0,20$. Permaneceram no modelo final as variáveis independentes que se mantiveram associadas ao desfecho após o ajuste para as variáveis acima discriminadas. Para aceitação das associações investigadas no modelo final, adotou-se o valor de $p < 0,05$.

Estudo da relação entre depressão e violência

Para este estudo foi selecionada a variável depressão como um recorte para o estudo da relação entre violência e saúde mental, por ser este um dos quadros mais importantes apontados pela literatura que estuda a violência interpessoal.

Depressão: distúrbios somáticos, cognitivos e de humor. A variável referiu-se a presença ou ausência de comportamentos, sentimentos ou pensamentos

atribuídos como possíveis sintomas depressivos, a partir de pelo menos uma resposta positiva às questões que constam do Quadro 11.

Quadro 11. Questões referentes à variável depressão

Depressão:
1. Eu tenho prazer com o dia a dia da minha vida.
2. Frequentemente, eu acordo me sentindo muito bem.
3. Minha vida geralmente transcorre bem.
4. Frequentemente eu estou de bom humor.
5. Eu estou tão triste, que às vezes eu pergunto a mim mesmo por que continuo a viver.
6. Eu penso que acontecerão boas coisas para mim no futuro.
7. Coisas terríveis aconteceram comigo que me deixaram indefesa (o) e horrorizada (o)
8. Eu tenho pensado em me matar.

As variáveis independentes, neste estudo, foram as variáveis já definidas e apresentadas nas duas dimensões de estudo preliminares, a saber: sexo, faixa etária, coabitação, tempo de namoro, ter vida sexual, ciúme, histórico de abuso na infância, ideia negativa de gênero, aprovação de violência e uso de substâncias psicoativas.

A variável violência sofrida foi categorizada como violência física, violência exclusivamente psicológica, violência psicológica, violência sexual exclusiva e a combinação de violência física e sexual. Além disso, a variável violência sofrida foi categorizada de acordo com a repetitividade dos tipos de violência.

Para a estimativa da associação entre violência sofrida e depressão foi realizado modelo de Poisson com estimativa de variância robusta do tipo confirmatório. O modelo final foi ajustado pelas demais variáveis que apresentaram $p < 0,20$ na análise univariada. Nível de significância adotado foi de 5%.

Na análise estatística utilizou-se o programa STATA 10.0.

3.3 Cuidados Éticos

A privacidade e a participação de natureza voluntária foi respeitada, com instruções que os poderiam devolver o questionário em branco no mesmo lugar que os demais questionários, de forma a não ter possibilidade de identificação. Também foi informado que poderiam omitir qualquer questão que não desejassem responder.

Os procedimentos adotados foram os previstos pelo VPIN, de forma a estar de acordo com os preceitos éticos de pesquisa em seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição que a sediou pesquisa (15/02/ 2002, Protocolo nº 92/09/2001) e da que sediou o presente estudo (17 /11/ 2001, Protocolo nº 293/10) (Anexos 3 e 4)..

A coleta de dados se deu nos espaços de sala de aula regular dos respectivos cursos. Inicialmente foi informado da realização de uma pesquisa intercultural entre jovens universitários de diversas nacionalidades e que o Estado de São Paulo estaria representando naquele momento o Brasil no estudo.

Para a aplicação os participantes foram distribuídos na sala de aula conforme orientação do estudo maior, em carteiras alternadas de forma a garantir uma maior privacidade. Foi disponibilizado um envelope para a colocação do questionário respondido e outro para a folha de resposta de leitura ótica, também de forma a garantir a não identificação do sujeito e a liberdade de participação ou não no estudo. Também foram divulgados serviços destinados ao atendimento psicológico e/ou especializados no acolhimento às pessoas em situação de violência, além do e-mail e telefone de contato da coordenadora da pesquisa.

A seguir são considerados os resultados obtidos e em função das três abordagens escolhidas como dimensões específicas no estudo da violência no namoro, apresentam-se os resultados e sua discussão particularmente a cada uma dessas três dimensões estudadas, a saber: 1. o estudo descritivo da magnitude da violência sofrida e da violência perpetrada; 2. a relação

entre as violências e os fatores do contexto em que ocorrem; e 3. a relação entre as violências e agravos à saúde, tendo a depressão como caso relevante.

Para cada qual são considerados os resultados e a discussão destes frente à literatura também específica.

4. RECORTES ESPECÍFICOS NO ESTUDO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO: Questões da Literatura, Resultados e Discussão

4.1 As violências na situação de namoro: um estudo descritivo das prevalências das violências psicológica, física e sexual

Neste estudo, como antes referido, estimaram-se as prevalências da violência sofrida e da perpetrada, para os tipos psicológico, físico e sexual, entre os universitários pesquisados, contrastando-se os resultados obtidos para os homens e as mulheres. Também se estudou a sobreposição entre os diferentes tipos de violência e a condição de ser sofrida ou perpetrada.

A literatura que especificamente trata dessas estimativas de prevalência e discute o sentido relacional e sociocultural de seus tipos e/ou magnitudes, foi já considerada à Introdução desta Tese. Cabe, aqui, apenas retomar que apontamos, então, ao menos três ordens de questões, as quais serão discutidas relativamente a nossos resultados. São elas: as altas prevalências de violência sofrida e também de perpetrada; a similar distribuição da violência sofrida e perpetrada para homens e mulheres, indicando uma possível equidade de gênero no comportamento violento; e a discussão da existência ou não de possível conexão entre a violência no namoro e aquela verificada na conjugalidade.

Resultados

Da amostra final de 362 participantes, 134 (37%) eram do sexo masculino e 228 (63%) do sexo feminino. A maior parte estudava na universidade privada e cursava os dois primeiros anos do respectivo curso, correspondendo a 70% da amostra, com as mulheres, tendencialmente, mais presentes nos primeiros anos da graduação ($p_{tend} < 0,001$). (Tabela 1).

Tabela 1. Frequências e proporções total e estratificada por sexo das características sociodemográficas e relativas ao relacionamento. São Paulo. 2002.

Variável		Total	Sexo			
			Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%
Faculdade (n=362)						
Universidade privada	197	54,4	68	50,8	129	56,6
Universidade pública	165	45,6	66	49,2	99	44,4
P						0,282
Anos na universidade (n=359)						
Calouro	210	58,5	56	42,1	154	68,1
2º ano	70	19,5	30	22,6	40	17,7
Junior	76	21,2	45	33,8	31	13,7
Sênior	3	0,8	2	1,5	1	0,5
P						<0,001
Idade (n=360)						
18	68	18,9	12	9,1	56	24,6
19	70	19,4	15	11,4	55	24,1
20	68	18,9	28	21,2	40	17,5
21	44	12,2	19	14,4	25	11,0
22-24	57	15,8	25	18,9	32	14,0
25-29	32	8,9	22	16,7	10	4,4
30-39	21	5,9	11	8,3	10	4,4
P						<0,001
Renda familiar (n=350)						
abaixo de r\$ 10.000,0	89	25,4	24	18,2	65	29,8
r\$10.000,00 a 19.999	86	24,6	30	22,7	56	25,7
r\$20.000,00 a 29.999,	42	12,0	15	11,4	27	12,4
r\$30.000,00 a 39.999,	37	10,6	17	12,9	20	9,2
r\$40.000,00 a 49.999,	24	6,9	11	8,3	13	6,0
r\$50.000,00 a 59.999,	14	4,0	6	4,5	8	3,7
r\$60.000,00 a 69.999,	13	3,7	6	4,5	7	3,2
acima de r\$70.000,00	45	12,8	23	17,5	22	10,0
P						0,148
Situação do namoro (n=362)						
Mês ou mais	221	61,0	74	55,2	147	64,5
Anterior	141	39,0	60	44,8	81	35,5
P						0,081
Tipo relacionamento/coabitação (356)						
Namorado/mora parceiro	2	0,6	1	0,8	1	0,4
Namorado/não mora parceiro	58	16,3	26	19,7	32	14,3
Noivo/mora parceiro	13	3,6	9	6,8	4	1,8
Noivo/não mora parceiro	266	74,7	92	69,7	174	77,7
Casado/mora parceiro	15	4,2	4	3,0	11	4,9
Casado/não mora parceiro	2	0,6	0	0	2	0,9
P						
Término do namoro (n=355)						
Não terminou	217	61,2	72	55,0	145	64,7
<1 mês	21	5,9	6	4,6	15	6,7
1 mês	13	3,7	6	4,6	7	3,2
2 meses atrás	14	3,9	8	6,1	6	2,7
3 a 5 meses	25	7,0	14	10,7	11	4,9
6 a 11 meses	14	3,9	5	3,8	9	4,0
1 ano	15	4,2	4	3,0	11	4,9
> 1 ano	36	10,2	16	12,2	20	8,9
P						0,172

Continuação da Tabela 1

Variável		Total	Sexo			
			Homens		Mulheres	
Sexo do parceiro (n=361)						
Relação homossexual	9	2,5	5	3,8	4	1,8
Relação heterossexual	352	97,5	128	96,2	224	98,2
P						0,299
Escolaridade materna (n=362)						
1º grau	67	18,6	29	21,8	38	16,7
2º Grau incompleto	36	10,0	14	10,5	22	9,7
2º Grau completo	58	16,1	19	14,3	39	17,2
Superior incompleto	50	13,9	16	12,0	34	15,0
Superior completo	113	31,4	40	30,1	73	32,2
Pós-graduação	36	10,0	15	11,3	21	9,2
P						0,757
Estado conjugal dos pais (n=358)						
Casado	256	71,5	85	64,4	171	75,7
Separado	26	7,3	11	8,3	15	6,6
Divorciado	38	10,6	20	15,2	18	8,0
Não casado, não junto	7	2,0	4	3,0	3	1,3
Não casado, junto	4	1,1	2	1,5	2	0,9
Falecido	27	7,5	10	7,6	17	7,5
P						0,163

A idade dos participantes variou de 18 a 39 anos, com idade mediana de 20 anos e 69,4% entre 18 e 21 anos de idade. O sexo feminino correspondeu à população mais jovem quando comparado com o masculino, com $p_{\text{tend}} < 0,001$ (Tabela 1). Quando se observa a renda familiar, 62% das famílias encontravam-se nas três primeiras faixas de renda, não diferindo entre os sexos dos respondentes (Tabela 1). Ainda, na tabela 1, no que diz respeito ao relacionamento íntimo, verificou-se que mais da metade da amostra refere o relacionamento atual com duração de mais de um mês (61%), sendo 55,2% para homens e 64,5% para as mulheres, enquanto que

39% referem que já tiveram um relacionamento anterior com duração de pelo menos um mês. A maioria (91%) informou não residir com o parceiro, ser da categoria heterossexual e 71,2% referiram que a vida sexual fazia parte do relacionamento. Considerando-se que 9% da amostra coabitava com o parceiro e que o estudo foi desenhado para discutir a violência no namoro, testou-se se esta categoria poderia dar diferença nos resultados quanto à magnitude e tipos de violência. Como não houve diferença para homens e nem para mulheres, considerou-se a amostra como um todo no diálogo com a literatura sobre violência no namoro. Por fim, em relação às características dos pais, verificou-se que a ocorrência mais frequente da escolaridade foi o nível superior e mais para a situação paterna (55,3%), mas não para a materna (44,4%). Referente ao estado conjugal, a maioria (71,5%) encontrava-se casado (Tabela 1).

Na Tabela 2, observa-se alta prevalência (76%) de violência sofrida e/ou perpetrada, com o predomínio da violência psicológica, seguida da sexual, independentemente de qualquer sobreposição ou combinação. No entanto, após estratificação dos tipos de violência sofrida e perpetrada, e considerando os tipos exclusivos e as combinações, não foi a violência psicológica exclusiva, mas suas formas combinadas, as mais prevalentes, na violência sofrida (41,5% -150 casos) e também na perpetrada (40,1% - 145 casos). Não houve diferenças estatisticamente significativas das violências entre os homens e as mulheres (Tabela 2). Ao analisar qualquer tipo de violência sofrida e perpetrada segundo o tempo da duração do relacionamento, verificou-se que houve uma tendência de aumento dos episódios das violências (sofrida e perpetrada) com o aumento do tempo dos relacionamentos, em ambos os sexos ($p_{tend} < 0,001$). Ainda destaca-se, que 84% dos universitários, relataram sofrer e perpetrar violência contra seu (sua) parceiro (a), independentemente do sexo (Tabela 2).

Tabela 2. Prevalência de violência sofrida e perpetrada e a frequências e proporções da sobreposição das duas ocorrências (sofrida e perpetrada). São Paulo, 2002

Variáveis	Total (n=361)			Homens (n=133)			Mulheres(n=228)		
	N	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)	N	%	IC(95%)
Violências sofridas independente das sobreposições									
Psicológica									
Não	119	33,0	28,1;37,8	48	36,1	27,9;44,3	71	31,1	25,1;37,2
Sim	242	67,0	62,2;71,9	85	63,9	55,7;72,1	157	68,9	62,8;74,9
P									0,335
Física									
Não	269	74,5	69,9;79,0	96	72,2	64,5;79,8	173	75,9	70,3;81,5
Sim	92	25,5	21,0;30,0	37	27,8	20,1;35,5	55	24,1	18,5;29,7
P									0,437
Sexual									
Não	220	60,9	55,9;65,9	84	63,2	54,9;71,4	136	59,6	53,2;66,0
Sim	141	39,1	34,0;44,0	49	36,8	28,6;45,1	92	40,4	33,9;46,7
P									0,510
Física e/ou sexual e/ou psicológica									
Não	87	24,1	19,7;28,5	33	24,8	17,4;32,2	54	23,7	18,1;29,2
Sim	274	75,9	71,5;80,3	100	75,2	67,8;82,6	174	76,3	70,8;81,9
P									0,809
Violências sofridas combinadas									
Nenhuma	87	24,1	19,7;28,5	33	24,8	17,4;32,3	54	23,7	18,1;29,2
Psicológica exclusive	92	25,5	20,9;30,0	36	27,1	19,4;34,7	56	24,6	18,9;30,2
Psicológica combinada	104	28,8	24,1;33,5	29	21,8	14,7;28,9	75	32,9	26,7;39,0
Física e/ou sexual	32	8,9	5,9;11,8	15	11,3	5,8;16,7	17	7,5	4,0;10,9
Todas simultâneas	46	12,7	9,3;16,2	20	15,0	8,9;21,2	26	11,3	7,2;15,6
P									0,192
Violências perpetradas independente das sobreposições									
Psicológica									
Não	108	29,9	25,2;34,7	41	30,8	22,9;38,7	67	29,4	23,4;35,3
Sim	253	70,1	65,3;74,8	92	69,2	61,3;77,1	161	70,6	64,7;76,6
P									0,7773
Física									
Não	273	75,6	71,2;80,1	101	75,9	68,6;83,2	172	75,4	69,8;81,0
Sim	88	24,4	19,9;28,8	32	24,1	16,7;31,3	56	24,6	18,9;30,2
P									0,915
Sexual									
Não	237	65,6	60,7;70,6	81	60,9	52,5;69,2	156	68,4	30,7;47,4
Sim	124	34,4	29,4;39,3	52	39,1	62,3;74,5	72	31,6	25,5;37,6
P									0,147
Física e/ou sexual e/ou psicológica									
Não	85	23,6	19,1;27,9	28	21,0	14,1;28,0	57	25,0	71,9;85,9
Sim	276	76,4	72,0;80,8	105	79,0	19,3;30,6	171	75,0	69,3;80,6
P									0,394
Violências perpetradas combinadas									
Nenhuma	85	23,6	19,1;27,9	28	21,0	14,0;28,1	57	25,0	19,3;30,7
Psicológica exclusive	108	29,9	25,2;34,7	38	28,6	20,8;36,3	70	30,7	24,7;36,7
Psicológica combinada	103	28,5	23,8;33,2	39	29,3	21,4;37,2	64	28,1	22,2;33,9
Física e/ou sexual	23	6,4	3,8;8,9	13	9,8	4,7;14,9	10	4,4	1,7;7,1
Todas simultâneas	42	11,6	8,3;14,9	15	11,3	5,8;16,7	27	11,8	7,6;16,1
P									0,333
Sobreposição sofrida e perpetrada									
Só sofreu	23	7,7	19,1;27,9	6	5,4	14,0;28,1	17	9,0	19,3;30,7
Só perpetrou	25	8,4	25,2;34,7	11	9,9	20,8;36,3	14	7,4	24,7;36,7
Sofreu e perpetrou	251	83,9	8,8;15,6	94	84,7	5,8;16,7	157	83,6	8,4;17,1
P									0,424

Na Tabela 3, descreve-se detalhadamente cada tipo de violência sofrida e perpetrada, encontraram-se padrões similares de ambas as violências, independentemente do sexo. Entre elas, a mais prevalente foi a psicológica, seguida da sexual e da física moderada, sendo a menos prevalente a física grave.

Tabela 3. Frequências e proporções totais e estratificadas por sexo das perguntas referentes às violências sofridas e perpetradas. São Paulo. 2002

Variáveis	Total		Sexo			
	N	%	Homens N	%	Mulheres N	%
<u>Violências sofridas</u>						
Física moderada	Parceiro atirou algo em mim que poderia ter machucado					
	Parceiro torceu meu braço ou puxou meu cabelo					
	Meu parceiro empurrou ou me deu um tranco					
	Meu parceiro me agarrou a força					
	Meu parceiro me esbofeteou					
Nunca	280	77,6	104	78,2	176	77,2
Pelo menos uma vez	81	22,4	29	21,8	52	22,8
P						0,826
Física grave	Meu parceiro utilizou uma faca ou arma contra mim					
	Me esmurrou					
	Tentou me estrangular					
	Me atirou contra a parede					
	Me espancou					
Nunca	330	91,4	118	88,7	212	93,0
Pelo menos uma vez	31	8,6	15	11,3	16	7,0
P						0,176
Psicológica	Meu parceiro me insultou, me xingou					
	Gritou ou berrou comigo					
	Saiu abruptamente da sala, ou da casa ou do jardim durante um desentendimento.					
	Fez algo para me irritar					
	Me chamou de gordo horrível					
Sexual	Destruíu algo meu					
	Me acusou de ser mal amante					
	Ameaçou de bater ou jogar algo					
	Me obrigou fazer sexo sem camisinha (n=167)					
	Insistiu para fazer sexo quando não queria (n=167)					
Nunca	119	33,0	48	36,1	71	31,1
Pelo menos uma vez	242	67,0	85	63,9	157	68,9
P						0,335
Sexual	Insistiu para ter sexo oral ou anal (n=167)					
	Usou força para ter sexo oral ou anal (n=169)					
	Usou força para fazer sexo (n=168)					
	Me ameaçou para fazer sexo oral ou anal (n=168)					
	Me ameaçou para fazer sexo (n=167)					
Nunca	220	60,9	84	63,2	136	59,6
Pelo menos uma vez	141	39,1	49	36,8	92	40,4
P						0,510

Continuação da Tabela 3

<u>Violências perpetradas</u>						
Física moderada	Atirei algo que poderia ter machucá-lo					
	Torci o braço ou puxei seu cabelo					
	Empurrei ou dei um tranco					
	Agarrei meu parceiro a força					
	Esbofetei meu parceiro					
Nunca	276	76,4	103	77,4	173	75,9
Pelo menos uma vez	85	23,6	30	22,6	55	24,1
P						0,735
Física grave	Utilizei uma faca ou arma contra ele					
	Esmurrei					
	Tentei estrangular					
	Atirei contra a parede					
	Espanquei					
Nunca	340	94,2	125	94,0	215	94,3
Pelo menos uma vez	21	5,8	8	6,0	13	5,7
P						1,000
Psicológica	Insultei, xinguei					
	Gritei ou berrei					
	Sai abruptamente da sala, ou da casa ou do jardim durante um desentendimento					
	Fiz algo para irritar					
	Chamei de gordo(a), horrível					
Nunca	108	29,9	41	30,8	67	29,4
Pelo menos uma vez	253	70,1	92	69,2	161	70,6
P						0,812
Sexual	Obriguei fazer sexo sem camisinha					
	Insisti para fazer sexo quando não queria					
	Insisti para ter sexo oral ou anal					
	Usei força para ter sexo oral ou anal					
	Usei força para fazer sexo					
Nunca	237	65,6	81	60,9	156	68,4
Pelo menos uma vez	124	34,4	52	39,1	72	31,6
P						0,147

Do total das violências sofridas (Figura 2), observou-se que entre as formas exclusivas as proporções foram: 33,6% psicológica, 8,4% sexual e 1,5% física. Já considerando também as sobreposições das violências, a maior magnitude, corresponde à combinação da psicológica com a sexual, seguida dos três tipos simultâneos. Não se observou diferenças estatisticamente significativas entre sexo.

Em relação aos tipos de violências perpetradas, as proporções apresentaram distribuição semelhante às sofridas: nas exclusivas, 39,1% psicológica, 4,7% sexual e 2,9% física e nas sobreposições destas ocorrências, também se verificou o mesmo padrão. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres. (Figura 3)

Sobreposição da violência sofrida total (n=274), sem diferença estatisticamente entre sexo p=0,069

Sobreposição da violência sofrida entre os homens (n=100)

Sobreposição da violência sofrida entre as mulheres (n=174)

Figura 2: Sobreposição das violências sofridas – 2002

Figura 3: Sobreposição dos tipos de violência perpetrada

Discussão

No contato com a literatura ressalta-se a diversidade dos estudos de prevalência para a violência entre parceiros íntimos no namoro, com diferenças de concepção de violência, refletidas nos instrumentos utilizados, de características da amostra e na forma de registro e estratégias de análise. Na comparação com outros estudos internacionais que utilizaram metodologias diversas, mas com características de amostra semelhantes e análise de dados com a mesma definição de caso utilizada neste estudo, o valor aqui encontrado, de 75,9% para experiência de algum tipo de violência na vida, está bastante próximo do limite superior (82%) mostrado pela literatura (Shook et al., 2000; Renner e Whitney, 2010), inclusive no tocante a reciprocidade das agressões (Laner e Thompson, 1982; McKinney, 1986). Já

os estudos internacionais participantes, como este, do mesmo estudo multicêntrico IDVS, publicaram apenas a análise para prevalência das violências ocorridas nos últimos 12 meses da data da aplicação do questionário (Straus et al., 2004a; Chan et al., 2008; Machado, Matos e Moreira, 2003). Quando comparadas as magnitudes de cada tipo de violência, os resultados do presente estudo de que a violência psicológica e a sexual são, nesta ordem, as duas taxas mais elevadas, tanto na modalidade “sofrida” quanto na “perpetrada”, são similares aos apresentados por esses outros estudos internacionais (Paiva e Figueiredo, 2004; Scott e Straus, 2007; Lysova, 2007).

Um dos aspectos que alguns autores consideram na análise da violência por parceiro íntimo no namoro é o fato de que este evento tende a emergir desde idades mais jovens, quando os envolvidos ainda se encontram no ensino médio (Hickman, Jaycox e Aronoff, 2004; Sears, Byers e Price, 2007; Billingham, 1987). Quando as prevalências entre estes dois grupos são avaliadas separadamente, os valores para a violência física entre jovens no ensino médio variam entre 15% a 20%, enquanto que para os jovens adultos o intervalo está entre 20 a 30% (Billingham, 1987). No caso da violência psicológica os valores ficam entre 82% a 87% para o grupo dos jovens adultos e 95% para os mais jovens (Cornelius, Shorey e Kundle, 2009).

Estudo recente da população brasileira com esse segmento mais jovem, na faixa etária de 15 a 19 anos, na região de Manaus (Njaine et al., 2009), aponta que 88,7% e 89,2% da amostra refere ter sofrido e perpetrado respectivamente algum tipo de violência. Ressalta-se que não há uma referência explícita se a violência considerada foi ou não a ocorrida nos últimos 12 meses, porém, este estudo valeu-se de instrumentos como o CTS e outros semelhantes usualmente utilizados para avaliar a violência ocorrida nos últimos 12 meses. Apesar de metodologias distintas, o valor encontrado da violência sofrida (75,9%) e perpetrada (76,9%) no presente estudo, mantém o achado de magnitudes próximas entre a violência perpetrada e a sofrida.

Enquanto que a maioria das pesquisas sobre violência no namoro dá maior importância aos fatores associados à violência física e à vitimização, pouca ênfase é atribuída para a violência psicológica ou à sua combinação com a violência física. Em adolescentes a concomitância entre esses dois tipos de violência é expressiva. Estudos internacionais sobre o tema, como na revisão de Mahoney, Williams e West (2001), afirmam que aproximadamente em 28% dos jovens, em algum momento dos relacionamentos afetivos, estiveram presentes tipos de violências superpostos. Mesmo considerando que o presente estudo tratou da violência ocorrida na vida, essa combinação das violências física e psicológica também foi aqui encontrada, ainda que em taxa menor do que a sobreposição das violências psicológica e sexual. Ao destacar a importância da violência psicológica, o presente estudo está em consonância com outros que a apontam como precursora da violência física no relacionamento íntimo na fase de namoro (Hamby e Sugarman, 1999; Murphy e O'Leary, 1989; Jackson, 1999; O'Leary, 2000).

No tocante à violência sexual, os resultados encontrados no presente estudo apresentam a mesma tendência dos estudos internacionais. Estes mostram magnitudes da violência sexual perpetrada que variam de 3% a 37% para os homens e de 2% a 24% para as mulheres e, no caso da violência sofrida, magnitudes que variam de 14% a 43% para as mulheres e de 0,3 a 36% para os homens (Hickman, Jaycox e Aronoff, 2004; Muñoz-Riva et al., 2009). A literatura comenta a maior ocorrência da violência sexual sofrida para mulheres que homens, o que apenas se confirma para este banco de dados quando se examina a ocorrência nos últimos doze meses (Aldrichi, 2004). As revisões de Hickman, Jaycox e Aronoff (2004) e de Muñoz-Rivas et al. (2009) apontam para o número reduzido de estudos sobre a violência sexual entre jovens e o jovem adulto, quase sempre relativos à realidade norte-americana. Os autores alertam para conclusões prematuras e a necessidade de ampliar a compreensão deste tipo de violência, e, ainda, para sua superposição com o tipo psicológico.

Outra questão diz respeito ao comportamento de homens e mulheres. No presente estudo os comportamentos não diferem estatisticamente, em consonância com outros, quer os que pesquisaram a violência ocorrida nos últimos 12 meses, cuja grande maioria refere que a mutualidade das agressões varia de 47% a 94,6% (Straus e Ramirez, 2007, Straus et al., 2004), quer os que consideraram a ocorrência de violência na vida (Laner, Thompson, 1986). Alguns autores indicam que tanto no namoro, quanto na convivência marital, haveria reciprocidade das agressões da violência ocorrida nos últimos 12 meses (Archer, 2000). No entanto, outros apontam questões metodológicas a serem discutidas e diferenças quanto ao tipo e a gravidade das violências quando se comparam homens e mulheres, deixando de haver simetria na violência sexual e em casos mais graves da violência física (Sears, Byers e Price, 2007; Billingham, 1987). Cabe notar que a maior perpetração de homens do que mulheres na violência do tipo sexual é um resultado que não muda para os estudos que consideram os últimos 12 meses, relativamente aos que observaram a ocorrência de violência na vida.

Segundo a metanálise de Archer (2000), a mutualidade para a violência física parece ser importante tanto para o namoro assim como em coabitação, diferindo quanto às magnitudes das taxas encontradas, que são maiores na situação de namoro. Na mesma tendência, o estudo de Straus et al. (2004) aponta a diferença das prevalências no namoro, quando comparadas com a de parceiros casados em coabitação: enquanto aqueles mostram uma taxa de violência de 69%, a taxa entre os casados é de 50%.

O estudo de Stets e Straus (1989) refere que a violência física e outros tipos de violência decrescem rapidamente com a idade. Os resultados também mostram que os valores reportados para as mulheres na violência física são maiores do que para os homens, principalmente quando mais jovens. Essas observações fazem supor que para as mulheres as taxas de violência física parecem decrescer ao passarem das situações de namoro para as de coabitação ou conjugalidade. De fato, se contrastarmos as taxas ora encontradas para mulheres universitárias paulistas com mulheres

paulistas com parcerias conjugais, como no estudo de Schraiber et. al (2007a), as magnitudes da violência sofrida por mulheres em situação de conjugalidade, embora muito elevadas, são menores que as encontradas em situação de namoro. Nestes mencionados estudos, a mutualidade não foi encontrada, e os homens foram os principais agressores das mulheres na violência física e sexual.

O mesmo achado da não mutualidade das violências, é apontado por O’Leary (2000) no artigo, em resposta à metanálise de Archer (2000), ao argumentar sobre a limitação da generalização da mutualidade para amostras distintas. Nesta mesma direção encontram-se os estudos de Laner e Thompson (1982); Billingham (1987) e Chan et al.(2008) que consideram o tempo de relacionamento, bem como o tipo de envolvimento afetivo, se namoro ou conjugalidade, como fatores de forte influência no perfil observado das violências. Estes estudos apontam para a “juventude”, no sentido de faixas etárias de menor idade, como fator associado às maiores taxas de violência, bem como o “tempo de relacionamento” mediado pelo “nível de envolvimento afetivo”, como fatores cruciais no desencadeamento da violência no namoro.

Ainda que se possa pensar a violência no namoro como precursora da violência conjugal, a realidade é que existem poucos estudos que discutem as similaridades e diferenças entre a violência que ocorre em situação de namoro em contraste com a que ocorre em situação conjugal.

4.2 O contexto das violências no namoro: estudo de alguns fatores associados à ocorrência de violências

Diferentes modelos teóricos tentam descrever os fatores de risco e de proteção para a violência entre parceiro íntimo, dentre estes os baseados em aspectos biológicos, psicológicos, culturais e conceitos de igualdade de gênero, tal como já considerado à Introdução desta Tese. Cada um destes modelos contribui para abordagens específicas da violência ou em dados

recortes, tais como a questão geracional, ou a norma sociocultural e mesmo aquela de natureza psicossocial, que apoiam a aceitação da violência na resolução dos conflitos e no comportamento individual de cada sujeito, ou ainda, a cultura da desigualdade de gênero que propicia determinado perfil de conflitos nas relações afetivo-sexuais ou de intimidade. Tais abordagens, construindo uma melhor compreensão de distintos aspectos da violência, ajudam a construir programas que visam reduzir fatores de risco modificáveis e fortalecer os fatores de proteção.

As informações particulares aos fatores associados são decorrentes, na sua maioria, de estudos transversais de base populacional, existindo também estudos em grupos populacionais que são escolares ou clientela de serviços de saúde.

Dentre os fatores associados destacam-se: o ciúme (Follingstad et al., 1991); o uso de álcool (Makepeace, 1987, Stets e Henderson, 1991), e as questões da sexualidade (Lane e Gwartney-Gibbs, 1995).

Um aspecto relevante para os estudos é o da comparação entre os sexos, pois apontariam se os fatores associados são os mesmos para homens e para mulheres. Nesse sentido, um levantamento realizado por Medeiros e Straus (2006) no período de 1970 a 2004 identificou 51 estudos com inclusão da informação para homens e mulheres. Seus resultados foram:

Agressão moderada, 8 fatores de risco estiveram relacionados com a probabilidade de agressão ao parceiro. Para todos os 8 fatores, a relação foi semelhante para homens e mulheres. Os fatores associados encontrados foram: *manejo da raiva; traços de personalidade antissocial; traços de personalidade borderline; relacionamento conflituoso; problemas de comunicação; dominância; atribuição negativa ao parceiro e abuso de substâncias químicas.*

Agressão grave: 10 fatores de risco associados, igualmente semelhantes para homens e mulheres, sendo estes: *manejo da raiva; personalidade*

antissocial, conflito com parceiro; problemas de comunicação; histórico criminal; dominância; ciúme; atribuição negativa ao parceiro; histórico de negligência e aprovação da violência.

Os autores apontam que homens e mulheres diferiram quanto ao histórico de abuso sexual, quanto ao abuso de substâncias químicas e quanto a sintomas de estresse pós-traumático (incluindo depressão). Estes fatores foram associados com um aumento da probabilidade de agressão ao parceiro para homens e mulheres, mas o efeito foi mais forte para os homens.

Outros estudos apontam que a idade e nível de escolaridade não têm sido consistentemente associados a um aumento de risco para mulheres sofrerem violência, o que não é igual para homens (Foshee et al., 2004).

O'Keefe e Treister (1998) encontraram baixa autoestima associada com a sofrer violência no namoro para as mulheres, mas não para os homens, enquanto que, Foshee et al. (2004) encontraram baixa autoestima associada com sofrer violência para as mulheres na etapa de namoro, mas não para os homens.

Existem estudos que apontam ter encontrado que o uso de álcool e drogas está associado com perpetração de violência no namoro tanto para homens como para mulheres (Foshee et al., 2001; O'Keefe, 1997). Já Eaton et al. (2007) encontraram uso de álcool foi associado com sofrer violência no namoro para as mulheres, mas não para os homens.

O'Donnell et al. (2006) observaram que o abuso de álcool na adolescência esteve associado com perpetração de violência física na idade do adulto jovem para ambos os sexos, e foi associado com sofrer violência para o sexo feminino.

O conjunto dos fatores de interesse para uma análise de associação com a violência no namoro, mostrado pela literatura ora apresentada, foi considerado em nosso estudo, conforme os resultados a seguir.

Resultados

Os dados gerados foram distribuídos em quatro Tabelas. A violência sofrida para a amostra como um todo está representada na Tabela 4. Os dados da violência sofrida para homens e mulheres estão representados na Tabela 5. Os fatores associados à violência sofrida para a amostra como um todo são: ter vida sexual no namoro, faixa etária, tempo de namoro, uso de substância psicoativa e aceitação da violência.

Na violência sofrida para as mulheres ter vida sexual no namoro, tempo de namoro e aceitação da violência se mostraram associados. Enquanto que para os homens, os fatores associados foram: ter vida sexual no namoro, faixa etária, tempo de namoro e uso de substância psicoativa.

TABELA 4. Análise univariada da VPI para violência sofrida e fatores associados entre jovens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	GERAL %(N)	RP	IC(95%)	P
Vida sexual				<0,001
Não	22,3%(61)	1		
Sim	77,7%(213)	1,41	1,19 – 1,67	
Idade				0,017
18 a 21 anos	66,7(182)	1		
22 ou mais	33,3%(91)	1,14	1,02 – 1,28	
Coabitação				0,346
Não	90,1%(247)	1		
Sim	9,9%(27)	1,08	0,91 – 1,29	
Tempo namoro				<0,001
Até 5 meses	29,3(80)	1		
6 m até 1 ano e 11 meses	33,7(92)	1,24	1,05 – 1,47	
De 2 anos ou mais	37%(101)	1,38	1,18 – 1,60	
Subst psicoativa				0,013
Não	44,1%(117)	1		
Só álcool	39,3%(104)	1,09	0,95 – 1,25	
Álcool e drogas	16,6%(44)	1,21	1,05 – 1,40	
Violência infância				0,819
Não	87,3%(234)	1		
Sim	12,7%(34)	1,02	0,85 – 1,21	
Aceitação de violência				0,035
Não	46,7%(127)	1		
Sim	53,3%(145)	1,13	1,00 – 1,27	
Ciúme				0,537
Não	63,8%(162)	1		
Sim	36,2%(92)	1,03	0,91 – 1,17	
Ideia negativa -comportamento feminino				0,163
Não	17,5%(10)	1		
Sim	82,5%(47)	1,10	0,96 – 1,26	
Ideia negativa – comportamento Masculino				0,949
Não	24,0%(25)	1		
Sim	76,0%(79)	1,00	0,88 – 1,14	

Tabela 5. Análise univariada da VPI para violência sofrida e fatores associados por sexo entre jovens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES				HOMENS			
	N(%)	RP	IC(95%)	P	%(N)	RP	IC(95%)	P
Vida sexual				0,002				0,012
Não	23,6%(41)	1			20%(20)	1		
Sim	76,4%(133)	1,37	1,12-1,69		80%(80)	1,48	1,09-2,01	
Idade				0,174				0,039
8 a 21 anos	75,3%(131)	1			51,5%(51)	1		
22 ou mais	24,7%(43)	1,11	0,95-1,29		48,5%(48)	1,22	1,00-1,47	
Coabitação				0,071				0,865
Não	90,8%(158)	1			89,0%(85)	1		
Sim	9,2%(16)	1,18	0,98-1,41		11%(11)	0,97	0,70-1,34	
Tempo namoro				0,005				<0,001
Até 5 meses	30,4%(53)	1			27,2%(27)	1		
6 m até 1 ano e 11 meses	33,3%(58)	1,13	0,93-1,38		34,3%(34)	1,47	1,10-1,96	
Mais de 2 anos	36,2%(63)	1,28	1,07-1,53		38,4%(38)	1,57	1,19-2,06	
Subst psicoativa				0,077				0,037
Não	53,5%(92)	1			26,9%(25)	1		
Só álcool	35,5%(61)	1,09	0,94-1,28		46,2%(43)	1,15	0,87-1,53	
Álcool e drogas	11% (19)	1,18	0,97-1,44		26,9%(25)	1,34	1,01-1,77	
Violência na infância				0,956				0,646
Não	88,9%(153)	1			84,3%(81)	1		
Sim	11,1%(19)	0,99	0,78-1,25		15,7%(15)	1,06	0,82-1,37	
Aceitação de violência				0,030				0,328
Não	56,3%(98)	1			29,6%(29)	1		
Sim	43,7%(76)	1,16	1,01-1,34		70,4%(89)	1,12	0,89-1,41	
Ciúme				0,278				0,589

Continuação da Tabela 5

	N(%)	RP	IC(95 %)	P	%(N)	RP	IC(95%)	P
Não	57,6%(95)	1			75,3%(67)	1		
Sim	42,4%(70)	1,08	0,93-1,25		24,7%(22)	0,93	0,72-1,20	
Ideia negativa- comporta- mento feminino				0,127				0,520
Não	13,8%(4)	1			21,4%(6)	1		
Sim	86,2%(25)	1,13	0,96-,34		78,6%(22)	1,07	0,85-1,35	
Ideia negativa - comporta- mento masculino				0,885				0,975
Não	22,9%(14)	1			25,6%(11)	1		
Sim	77,1%(47)	1.01	0,85-,19		74,4%(32)	0,99	0,80-1,23	

Embora o estudo descritivo tenha apontado que a maioria de homens e de mulheres (mais de 80%) são ao mesmo tempo vítimas e agressores, há, entre as mulheres, uma porcentagem maior de exclusivamente vítimas (9% comparativamente a 5,4% dos homens), e entre os homens uma porcentagem maior de exclusivamente agressores (9,9% comparativamente a 7,4% das mulheres). Assim, o segmento populacional dos que sofrem violência não é composto pelos mesmos sujeitos dos que a perpetraram, daí termos realizado o estudo em separado dessas modalidades de violência.

Assim sendo, as magnitudes consideradas para a violência perpetrada para a amostra como um todo e por sexo estão representadas respectivamente nas Tabelas 6 e 7. Para a variável violência perpetrada para a população geral ter vida sexual, faixa etária e tempo de namoro se mostraram associados. No tocante à violência perpetrada por sexo, para as mulheres ter vida sexual, faixa etária, coabitação, tempo de namoro e ciúme mostraram-se associados, enquanto que para os homens ter vida sexual no namoro e tempo de namoro foram associados.

TABELA 6. Análise univariada da VPI para violência perpetrada e fatores associados entre jovens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	GERAL %(N)	RP	IC(95%)	P
Vida sexual				< 0,001
Não	23,2% (64)	1		
Sim	76,8% (212)	1,34	1,13 – 1,57	
Idade				0,009
18 a 21 anos	66,4% (182)	1		
22 ou mais	33,6% (92)	1,15	1,03 – 1,29	
Coabitação				0,150
Não	89,9%(248)	1		
Sim	10,1% (28)	1,12	0,95 – 1,31	
Tempo namoro				<0.00 1
Até 5 meses	29,8%(82)	1		
6 m até 1 ano e 11 meses	33,1% (91)	1,20	1,02 – 1,41	
Mais de 2 anos	37,1% (102)	1,36	1,17 – 1,57	
Subst psicoativa				0,102
Não	44,9% (120)	1		
Só álcool	39,3% (105)	1,07	0,94 – 1,22	
Álcool e drogas	15,8% (42_)	1,13	0,96 – 1,32	
Violência na infância				0,881
Não	87,7% (235)	1		
Sim	12,3% (33)	0,98	0,82 – 1,18	
Aceitação de violência				0,060
Não	47% (129)	1		
Sim	53% (145)	1,11	0,99 – 1,25	
Ciúme				0,097
Não	62,3%(157)	1		
Sim	37,7% (95)	1,10	0,98 – 1,24	
Ideia negativa- comportamento feminino				0,127
Não	17,5% (10)	1		
Sim	82,5% (47)	1,11	0,96 – 1,28	
Ideia negativa- comportamento masculino				0,476
Não	22,1%(23)	1		
Sim	77,9%(81)	1.04	0,92-1,18	

Tabela 7. Análise univariada da VPI para violência perpetrada e fatores associados por sexo entre jovens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES N(%)	RP	IC(95%)	P	HOMENS %(N)	RP	IC(95%)	P
Vida sexual				0,010				0,016
Não	23,6%(41)	1			20%(20)	1		
Sim	76,4%(133)	1,30	1,06-1,59		80%(80)	1,40	1,06–,84	
Idade				0,035				0,163
18 a 21 anos	75,3%(131)	1			51,5%(51)	1		
22 ou mais	24,7%(43)	1,17	1,01- 1,35		48,5%(48)	1,13	0,95-1,35	
Coabitação				<0,001				0,612
Não	90,8%(158)	1			89,0%(85)	1		
Sim	9,2%(16)	1,28	1,12–1,47		11%(11)	0,92	0,66–,26	
Tempo namoro				0,001				0,007
Até 5 meses	30,4%(53)	1			27,2%(27)	1		
6 m até 1 ano e 11 meses	33,3%(58)	1,14	0,92-1,41		34,3%(34)	1,32	1,03–,69	
Mais de 2 anos	36,2%(63)	1,35	1,12-1,63		38,4%(38)	1,36	1,07-1,73	
Subst psicoativa				0,099				0,608
Não	53,5%(92)	1			26,9%(25)	1		
Só álcool	35,5%(61)	1,07	0,91-1,26		46,2%(43)	1,06	0,84–,33	
Álcool e drogas	11% (19)	1,19	0,98-1,45		26,9%(25)	1,06	0,82–.38	
Violência na infância				0,756				0,924
Não	89,3%(150)	1			84,4%(81)	1		
Sim	10,7%(18)	0,96	0,74–,24		15,6%(15)	1,01	0,78–,30	
Aceitação de violência				0,231				0,208
Não	56,3%(98)	1			29,6%(29)	1		
Sim	43,7%(76)	1,09	0,94-1,26		70,4%(89)	1,14	0,78–,30	
Ciúme				0,039				0,987
Não	57,6%(95)	1			75,3%(67)	1		
Sim	42,4%(70)	1,17	1,00-1,36		24,7%(22)	1,00	0,80–,25	
Ideia negativa – comportamen to feminino				0,216				0,396
Não	17,2%(5)	1			17,8%(5)	1		
Sim	82,8%(24)	1,12	0,93-1,35		82,2%(23)	1,09	0,88-1,35	
Ideia negativa– comportamen to masculino				0,306				0,828
Não	21,3%(13)	1			23,3%(10)	1		
Sim	78,7%(48)	1,08	0,92-1,28		76,7%(33)	0,97	0,79-1,19	

A partir dos dados apresentados na análise univariada, as variáveis que foram incluídas no modelo foram todas as que tiveram um $p < 0,20$, juntamente com as variáveis que teoricamente são justificadas, descritas e apresentadas nas Tabelas 8, 9 e 10 na sequência para a violência sofrida e perpetrada entre homens e mulheres.

Modelos Multivariados

Violência sofrida

No modelo que analisou violência sofrida no namoro (psicológica, física e /ou sexual) entre os sujeitos do sexo feminino, foram incluídas as variáveis ter sexo no namoro, faixa etária, coabitação, tempo no namoro, aceitação da violência, uso de substância psicoativa e ideia negativa para comportamento masculino. Apenas ter vida sexual no namoro e aprovação da violência se mantiveram significativas no modelo final, sendo que ter vida sexual fez com que tempo de namoro perdesse a associação com violência sofrida. A variável faixa etária também perdeu associação ao se incluir tempo de namoro (Tabela 8).

Tabela 8. Análise multivariada da VPI para violência sofrida por sexo entre jovens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES		HOMENS	
	RP	IC(95%)	RP	IC(95%)
Vida sexual				
Não	1		-----	-----
Sim	1,29	1,05 -1,59	-----	-----
Tempo namoro				
Até 5 meses	1		1	
6 m até 1 ano e 11 meses	1,08	0,89 – 1,31	1,50	1,11 – 2,02
Mais de 2 anos	1,15	0,96 – 1,37	1,56	1,18 – 2,00
Aceitação de violência				
Não	1		-----	-----
Sim	1,14	1,00 – 1,30	-----	-----
Subst psicoativa				
Não	-----	-----	1	
Só álcool	-----	-----	1,19	0,91 – 1,56
Álcool e drogas	-----	-----	1,32	1,01 – 1,72

Entre os homens foram incluídas no modelo de violência sofrida no namoro as seguintes variáveis: ter vida sexual, tempo de namoro, uso de substância psicoativa e faixa etária. No modelo com homens, a inclusão de tempo de namoro, ter vida sexual, histórico de abuso e idade perderam a associação com sofrer violência, enquanto uso de substância psicoativa se manteve associada. Portanto, os fatores associados a sofrer violência entre os homens são: ter tempo de namoro maior de 6 meses e uso de álcool e drogas conjuntamente.

Para as mulheres quando estudados apenas os casos de violência sofrida de tipo físico e/ou psicológicos, excluindo-se a violência sexual, ter vida sexual deixa de ser significativo e tempo de namoro se mantém associado (Tabela 9), mas aceitação de violência também perde associação. Todas as outras variáveis apresentaram $p > 0,05$ na multivariada.

Tabela 9. Análise multivariada da VPI para violência sofrida do tipo física e psicológica para mulheres universitárias. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES	
	RP	IC(95%)
Vida sexual		
Não	1	
Sim	0,97	0,69 – 1,35
Tempo namoro		
Até 5 meses	1	
De 6 m até 1 ano e 11 meses	1,34	0,88 – 2,03
Mais de 2 anos	1,75	1,17 – 2,62
Aceitação de violência		
Não	1	
Sim	1,27	0,97 – 1,68

Violência perpetrada

Para os homens qualquer variável que se inclua no modelo perde a associação, mesmo quando foram analisadas apenas variáveis: tempo de namoro e ter vida sexual no namoro.

No caso das mulheres apenas aceitação de violência, histórico de violência familiar, ideia negativa sobre comportamento masculino e ideia negativa sobre comportamento feminino não foram incluídas no modelo. Ter vida sexual no namoro, nesse caso, perde a associação ao se incluir tempo de namoro. Coabitação perde associação ao ser incluída a variável ciúme. Assim mantêm-se associadas as variáveis uso de substância psicoativa (associação droga e álcool), ciúmes e tempo de namoro maior do que 2 anos (Tabela 10).

Tabela 10: Análise multivariada da VPI para violência perpetrada para as mulheres universitárias. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES	
	RP	IC(95%)
Tempo namoro		
Até 5 meses	1	
De 6 m até 1 ano e 11 meses	1,14	0,91 – 1,43
Mais de 2 anos	1,43	1,12 – 1,64
Ciúme		
Não	1	
Sim	1,19	1,03 – 1,37
Subst psicoativa		
Não	1	
Só álcool	1,12	0,95 – 1,36
Álcool e drogas	1,29	1,02 – 1,62

Discussão

Uma compreensão amplamente aceita é que a violência na intimidade é um comportamento essencialmente aprendido. Se as crianças testemunham ou sofreram algum tipo de agressão física em sua família de origem, começará a ver a violência como uma forma adequada de lidar com o problema e com as frustrações. Um resultado deste processo de aprendizagem é a violência com o significado de resolução de conflito sendo replicada no relacionamento adulto. Esse comportamento, ademais, é muito reforçado pelas desigualdades de gênero e a norma cultural que banaliza a violência como comportamento individual. Por tudo isso, incluir como possível fator associado o testemunho ou a vivência de violência na infância é dos aspectos mais importantes no estudo dos fatores associados. Como mostram (Straus et al.1980, Rosenbaum e O'Leary, 1981; O'Leary, 1988; Fagan et al.1983), o histórico de testemunhar ou sofrer violência na infância para homens e para mulheres associa-se com envolver-se em situações de violência na vida adulta, seja como vítima ou agressor.

Hotaling e Sugarman (1990) na revisão da literatura sobre os efeitos de testemunhar a violência familiar sugerem que os meninos que testemunham a violência doméstica são mais propensos a usar a violência contra os seus próprios parceiros, quer na fase de namoro ou contra as respectivas esposas. Já as meninas também podem ser mais violentas nas relações de namoro, mas essa exposição não parece ser um fator de risco para tornar-se agressora para o período da conjugalidade.

No entanto, outros dados sugerem que, embora algumas crianças possam ser profundamente afetadas pela exposição à violência, muitas não desenvolvem problemas ao longo da vida (King et al., 1995). Uma literatura considerável sobre fatores de proteção ou resiliência avalia o quanto crianças expostas às situações extremas gerenciam não só a sobrevivência, mas também conseguem prosperar em face da adversidade (Garmezy,

1991; Rutter, 1990).

Alguns estudos têm encontrado conflito parental e familiar não violento associado com perpetração e sofrer violência entre jovens desde o período de namoro na adolescência (Tschann et al, 2009).

Kinsfogel e Grych (2004) descobriram que a exposição ao conflito interparental esteve associada ao maior uso de agressão física e verbal entre os homens, mas não para as mulheres.

Quando se considera o histórico familiar, um tipo de experiência que ganha destaque nas pesquisas é o histórico de abuso físico ou sexual. Casos de abuso na infância têm sido citados como fatores de risco para a vitimização e perpetração mais tarde. Abuso Físico ou sexual antes de 18 anos apresenta um risco significativo para sofrer violência por parceiro íntimo futura entre as mulheres (Breitenbecher, 2001; Desai, et al. 2002). Mulheres adultas e adolescentes com histórias de infância de vitimização física ou sexual tinham maior probabilidade de sofrer violência íntima quando comparadas com mulheres que não relataram ter sofrido violência na infância (Banyard, Arnold e Smith, 2000; Barnes et al. 2009; Coid et al, 2001; Whitfield et al., 2003). Maus-tratos na infância têm sido identificados como um fator de risco para o uso de ameaça e agressão física contra o parceiro na etapa do namoro para o sexo masculino (Wolfe et al., 2001). Abuso sexual na infância foi encontrado como preditor significativo de perpetração de violência no início da idade adulta para o sexo masculino (Fang e Corso, 2007). Entre as mulheres, as experiências de abuso físico na infância e negligência também têm sido associadas com perpetração de violência (Fang e Corso, 2007).

Outros estudos contrastam com os resultados acima, como o do próprio Gelles (1980) um dos percussores nos estudos de violência no namoro, como também os que os efeitos de violência familiar declinam ao longo dos anos e que fatores mais recentes são mais importantes (White, Merrill, Koss, 1995, Gwatney-Gibbs, Stockard, Bohmer, 1987).

Assim como Weiss (1989) e os estudos mencionados acima (White, Merrill, Koss, 1995, Gwatney-Gibbs, Stockard, Bohmer, 1987), em nossos

resultados o histórico de violência na infância não foi associado às situações de violência na vida adulta, para homens e para mulheres e ainda na violência sofrida e na perpetrada. Para o nosso estudo, esse dado, contudo, deve ser relativizado, pois se trata no presente caso de histórico de violência física, e ainda assim não avaliada quanto à gravidade. Assim, é possível supor que a violência sexual tenha um papel maior nessa associação ou a violência física mais grave. A maioria deles aponta associação positiva.

Já no tocante a outros fatores apontados pela literatura, tais como vida sexual, tempo de namoro, coabitação, uso de substância psicoativa ou alguns comportamentos de gênero, também se mostraram associados às situações de violência, mas na análise univariada e mesmo assim nem sempre ao mesmo tempo com a violência sofrida e a violência perpetrada.

Mesmo no modelo final, também nossos resultados reiteram associações encontradas na literatura para homens e mulheres, embora não como as mesmas associações para os dois sexos. Tal é o caso, por exemplo, da violência sofrida associada ao uso de substância psicoativa para homens, e violência sofrida associada à aceitação da violência para as mulheres. Tempo de namoro maior de dois anos e ter vida sexual já se mostraram associados a sofrer violência para homens e para as mulheres, semelhantes aos encontrados por Kaura e Lohman (2007).

Chamamos aqui a atenção para essa importância do início da vida sexual, em sua relação com a ocorrência de violência, também apontada pela literatura. Ela expressa bem as questões da desigualdade de gênero, com o surgimento do sentimento de posse do outro e de comportamentos de gênero esperados, como possíveis desencadeantes de conflitos e da relação de associação entre o exercício da vida sexual e o da violência na relação de parceria íntima.

Quando observamos a violência perpetrada, para mulheres e para homens há uma mudança dos fatores a ela associados. No caso das mulheres, o número de fatores associados aumenta e chama a atenção a presença da associação da aceitação da violência na violência sofrida que desaparece na perpetrada enquanto que se incluem ter ciúmes e uso de

substância psicoativa. No caso dos homens apenas a violência sofrida apresenta alguns dos fatores estudados em associação.

Chama a atenção a presença da associação com uso de substância psicoativa para as mulheres na condição de agressoras, já que esse uso é muito maior para a população masculina de modo geral do que para a feminina. A esse respeito a literatura comenta que o uso de substância psicoativa foi encontrado tanto para homens quanto para mulheres, sendo que a diferença estaria em que para os homens todos os tipos de violência estiveram associados, enquanto que para as mulheres somente a violência psicológica manteve-se associada (Kaura e Lohman, 2007).

Nesse sentido, nossa conclusão é a de que esta discrepância aqui observada quer entre homens e mulheres quanto aos fatores associados e também relativamente quer à violência sofrida como à perpetrada, todas elas merecem ser exploradas em profundidade em novas pesquisas. Aparentemente, na situação de namoro, homens e mulheres estão submetidos a fatores diversos entre si como aspectos do contexto social, demográfico e cultural conectados com as situações de violência em que se envolvem.

Uma última questão a comentar diz respeito ao pequeno número de fatores encontrados em associação com a violência em nosso estudo, seja para mulheres e também para os homens em que nenhum fator restou no modelo final, ainda que alguns tenham tido associação na análise univariada. Uma possibilidade a ser considerada é a frequência muito alta do desfecho, em que quase 75% da amostra já sofreu algum tipo de violência na vida, o que faz com que seja mais difícil identificar fatores que discriminem quem sofreu de quem não sofreu.

Importa destacar que nossos resultados são similares a alguns pontos destacados na revisão sistemática apresentada por Straus e Medeiros (2006), que inclui os resultados do estudo internacional, ainda que em nosso caso examinamos a violência na vida e o estudo maior internacional, a violência no último ano. Isso significa que o Brasil/São Paulo não parece ser um contexto com grandes diferenças relativamente aos demais países do

estudo, apontando para certa homogeneidade dos dados. Essa homogeneidade também chama a atenção internamente a nossa amostra, tanto para homens como para mulheres, pois ao tomarmos universitários, podemos ver pelo estudo descritivo, a grande concentração da amostra em indicadores sociais e demográficos comuns. Isso, aliado ao fato de que o tamanho da amostra brasileira, assim como a dos demais países participantes, em razão dos principais objetivos desse estudo internacional, foi uma amostra relativamente pequena, e isso ainda mais para os homens frente à amostra das mulheres. Esses dois fatores, homogeneidade de estatuto social e demográfico, assim como o tamanho da amostra, podem ter contribuído para o número bem menor de fatores associados e inclusive a não permanência de nenhum deles no modelo final para os homens, relativamente ao grande conjunto de fatores apontado pela literatura.

4.3 A associação entre Depressão e Violência

A nossa escolha do estudo da relação entre a depressão, como agravo a saúde, e a violência decorre da literatura que aponta a depressão como uma das principais consequências da violência no namoro, sobretudo como impacto sobre a saúde mental de quem a sofre. Enquanto a noção de saúde mental engloba uma variedade de tipos sofrimentos e sintomas mentais, as maiores manifestações na saúde mental daqueles que sofrem violência no namoro estão nos quadros de depressão, de ansiedade e somatizações (Coker et al 2002. Golding 1999; Sutherland et al. 2001).

A investigação sobre os problemas de saúde mental que resultam da vitimização pela violência no namoro tem focado principalmente nas mulheres (Carlson et al 2003; Howard e Wang, 2003; Dye e Eckhardt 2000; Goodkind et al. 2003; Clements et al. 2004).

Dentre os estudos que encontraram a depressão como o quadro mais comumente relatado (Goodkind et al. 2003; Eshelman e Levendosky, 2012),

Carlson et al. (2003) relatam que mulheres vítimas de violência têm quatro vezes mais chances de depressão do que aquelas que não foram vítimas e na meta-análise de mais de 80 estudos também sobre mulheres, feita por Golding (1999), revelou-se que 48% das vítimas relataram depressão. Essa mesma meta-análise conclui que tal associação mostrou-se igualmente importante em estudos populacionais ou com mulheres que estavam em abrigos e as que são usuárias de serviços de emergência de atendimento à violência. Outros estudos com mulheres também descobriram que as que sofreram violência no namoro apresentam taxas variando de 39% (Beach et al. 1985) a 83% (Campbell et al. 1995; Kaura e Lohman, 2007).

Consistente com esses resultados, o trabalho de Campbell (2002) constatou que a maioria das mulheres desenvolve os principais sintomas depressivos após o início da agressão no relacionamento.

Apesar de haver um número crescente de estudos que mostram que os homens também são vítimas de violência no namoro, poucos têm examinado diretamente as diferenças das prevalências para homens e mulheres.

Alguns estudos sugerem que os efeitos da violência no namoro sobre a saúde mental também pode ser prejudicial para os homens (Dye e Eckhardt 2000; McFarlane et al. 2000; Sabina e Straus, 2008). Enquanto esses pesquisadores argumentam que os homens sofrem os efeitos negativos para a saúde mental associados com a vitimização por violência no namoro, a literatura também considera que é mais aceito o agravo na saúde mental das mulheres (Jackson et al. 2000).

Desse modo, nosso estudo buscou verificar a relação entre a depressão e a violência em seus diversos tipos, assim como a influência da recorrência dos atos nessa relação, comparando homens e mulheres.

Resultados

Para a análise das possíveis associações entre os eventos relacionados à depressão e violência sofrida foram consideradas como

variáveis de ajuste as seguintes: ter vida sexual, faixa etária, coabitação, relacionamento atual, tempo de namoro, ciúme, histórico de violência familiar, aceitação da violência, ciúme, ideia negativa de gênero masculino e ideia negativa de gênero feminino. Para a exposição aos episódios de violência a variável foi categorizada por tipo de violência, discriminadas em violência exclusivamente psicológica, violência física, violência sexual sem a física e violência física e sexual concomitantes. Já para a recorrência dos episódios de violência, estas foram categorizadas como: não ter sofrido nenhuma vez violência, ter sofrido uma vez qualquer violência e ter sofrido mais de uma vez qualquer violência.

Na tabela 11, encontra-se a análise univariada da associação entre depressão e tipos de violência, para mulheres e homens. Ter sofrido violência do tipo físico, do tipo sexual sem o físico e a do tipo sexual e físico concomitantes, para as mulheres, mostraram-se associados à depressão, enquanto que para os homens ter sofrido violência sexual sem a física e ter sofrido violência física e sexual concomitantes mostraram-se associados à depressão.

Na tabela 12 apresenta-se o modelo confirmatório final em que são considerados os tipos de violência e a associação com depressão. Para as mulheres ter sofrido violência física exclusiva e ter sofrido violência física e sexual concomitantes mantiveram-se associadas à depressão. Ter sofrido violência sexual sem a física perde associação ao se incluir a variável uso de substância psicoativa.

Para os homens ter sofrido violência sexual sem a física e ter sofrido violência física e sexual perde a associação ao se controlar por tempo de namoro. Isso talvez se deva ao fato de os homens com depressão, têm um tempo de duração de namoro menor, e com isso, um tempo menor de exposição a sofrer violência no namoro.

Tabela 11. Análise univariada da associação entre a depressão e os tipos de violência entre jovens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES				HOMENS			
	N(%)	RP	IC(95%)	P	%(N)	RP	IC(95%)	P
Violência psicológica exclusiva	57,2% (32)	1,18	0,82 – 1,69	0,349	57,1%(20)	0,81	0,56–1,18	0,263
Violência física	73,1%(19)	1,51	1,05 – 2,18	0,024	53,3%(8)	0,76	0,45 – 1,29	0,319
Violência sexual sem física	61,9%(39)	1,28	0,91 – 1,80	0,146	50,0%(13)	0,71	0,45 – 1,12	0,145
Violência física e sexual concomitantes	75,9%(22)	1,57	1,11– 2,22	0,010	45,5%(10)	0,65	0,39 – 1,08	0,102

Tabela 12. Modelo confirmatório da associação entre a depressão e os tipos de violência entre mulheres universitárias. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES		
	RP	IC(95%)	P
Violência psicológica exclusiva	1,23	0,85 – 1,76	0,263
Violência física exclusiva	1,52	1,05 – 2,22	0,026
Violência sexual sem a física	1,34	0,93 – 1,92	0,106
Violência sexual e física concomitante	1,61	1,13 – 2,29	0,008

NOTA: Modelo ajustado por ter vida sexual, relacionamento atual, tempo de namoro e violência na infância.

Na tabela 13, encontra-se a análise univariada da associação entre a recorrência de episódios de violência e a depressão, para mulheres e homens. Mostraram-se associados à depressão ter sofrido violência uma vez e ter sofrido mais de uma vez para as mulheres, enquanto que para os homens ter sofrido violência mais de uma vez mostrou-se associado.

Nas tabelas 14 e 15, é considerado o modelo final confirmatório para a recorrência de episódios de violência sofrida, o que, tanto para os homens quanto para as mulheres não houve nenhuma associação.

Tabela 13. Análise univariada para a associação entre a depressão e a recorrência das violências entre jovens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES				HOMENS			
	N(%)	RP	IC (95%)	P	%(N)	RP	IC (95%)	P
Nenhuma violência sofrida	43,9% (18)	1,03	0,95– 1,12	0,411	68,0%(17)	0,90	0,78–1,03	0,152
Sofreu violência uma vez	61,8%(21)	1,40	0,90– 2,17	0,126	61,1%(11)	0,89	0,56– 1,42	0,648
Sofreu violência mais de uma vez	65,8%(52)	1,49	1,02– 2,19	0,038	50,0%(19)	0,73	0,48–1,11	0,150

NOTA: Modelo ajustado por ter vida sexual, relacionamento atual, tempo de namoro, violência na infância, ideia negativa de comportamento masculino e uso de substância psicoativa (álcool e drogas associados).

Tabela 14. Modelo confirmatório da associação entre a depressão e a recorrência de violência entre mulheres universitárias. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	MULHERES		
	RP	IC(95%)	P
Sofreu violência uma vez	0,72	0,44 – 1,19	0,213
Sofreu violência mais de uma vez	0,77	0,52 – 1,15	0,215

NOTA: Modelo ajustado por ter vida sexual, relacionamento atual, tempo de namoro, violência na infância e uso de substância psicoativa (álcool e drogas associados)

15. Modelo confirmatório da associação entre a depressão e a recorrência de violência entre homens universitários. São Paulo, 2002

VARIÁVEIS	HOMENS		
	RP	IC(95%)	P
Sofreu violência uma vez	1,32	0,86 – 2,04	0,198
Sofreu violência mais de uma vez	1,42	0,96 – 2,10	0,074

NOTA: Modelo ajustado por tempo de namoro

Discussão

Da mesma forma que os recortes de estudo já apresentados, das prevalências e dos fatores associados, a presente análise sobre a depressão relacionada à violência no namoro é pioneira no Brasil, além de especialmente apresentar informações sobre o impacto na saúde mental tanto para mulheres quanto para homens.

O estudo de Sabina e Straus (2008), vinculado ao estudo maior internacional (IDVS) do qual extraímos nosso presente banco de dados, teve como foco a análise da relação das violências e os transtornos mentais. Apresenta os resultados de cada um dos tipos de violência e a associação com sintomas depressivos, como também amplia o estudo das sobreposições da violência, denominada pelos autores de polivitimização, tendo como justificativa o fato de que aproximadamente 75% das populações estudadas experimentarem dois ou mais tipos de agressão no relacionamento (Coker et.al. 2005; Sabina e Straus, 2008).

Os autores referem ter encontrado somente dois estudos, de Coker et.al (2005) e de Basile et. al (2004), que realizaram a análise considerando-se as diversas combinações dos tipos de violência sofrida e a relação com sintomas depressivos. Ressalta-se que ambos os estudos não tiveram a relação de namoro como exclusiva, mas sim abarcaram as diversas combinações de relacionamento por parceiro íntimo.

Tal como nesses citados estudos, no presente caso tomamos cada um dos tipos de violência como também as sobreposições entre eles, sendo classificadas como: violência psicológica exclusiva, violência física exclusiva, violência sexual (sem a violência física) e as violências física e sexual concomitantes.

O estudo de Sabina e Straus (2008) apresenta os seguintes resultados: sintomas depressivos mostraram-se associados com sofrer violência psicológica para homens, enquanto que para as mulheres, com sofrer violência do tipo físico e psicológico. Quando consideradas as sobreposições, os resultados mostraram-se um pouco diferentes. Para os homens, não houve nenhuma associação, enquanto que para as mulheres,

a violência psicológica exclusiva, a violência sexual exclusiva e as violências psicológicas e sexuais concomitantes mostraram-se associadas à depressão.

Os resultados do modelo confirmatório utilizado no nosso estudo são bem semelhantes: mostraram-se associadas à depressão para as mulheres ter sofrido as violências sofridas do tipo física exclusiva e física e sexual concomitantes; para os homens, também não encontramos nenhuma associação com a depressão, apesar de que na análise univariada, em nosso caso, mostraram-se associadas as variáveis ter sofrido violência sexual sem a física e ter sofrido violência física e sexual concomitantes.

O estudo de Amanor-Boadu et.al. (2011) avaliou a diferença entre jovens universitários e o impacto da violência no namoro nos transtornos mentais (destacando a depressão), problemas com álcool e nível de satisfação no relacionamento, com especial atenção à violência física. Os resultados indicam que sofrer violência física, ainda que moderada, esteve associada ao aumento dos níveis de depressão, enquanto que a violência grave esteve associada ao aumento de sofrer danos físicos. Os resultados ainda indicam que sofrer violência física, tanto para homens e mulheres, implica em consequências para a saúde mental como um todo.

Ressalta-se que no nosso estudo a violência física foi a de maior destaque na associação da depressão consonante com o estudo de Amanor-Boadu et al. (2011), mas diferentemente do encontrado pelos autores, essa associação só se manteve para as mulheres.

Alguns estudos também apresentaram as sobreposições das violências diferenciando-as em moderadas e graves e encontraram que as do tipo grave aumentam o risco de sintomas depressivos (Coker et.a, 2005; Basile et al. 2004; Sabina e Straus. 2008), em contraste com o estudo de Amanor-Boadu (2011).

Nosso estudo não considerou a gravidade, mas esta pode estar representada em nossos resultados pelo fato de que não só violência física exclusiva, mas também a concomitante com a sexual se mostraram associadas à depressão para as mulheres.

Tais dados revelam a importância da análise da concomitância dos tipos de atos ocorridos nas violências, o que deve ser bem considerado nos serviços de saúde. Também nos chama atenção o fato de que aqueles que já sofrem violência física e sexual têm maior probabilidade de procurar ajuda e serem diagnosticados. Adicionalmente deve-se pensar também na perspectiva dos agressores e sua superposição com a vitimização.

No contraste dos resultados entre homens e mulheres, pode-se dizer que temos aqui uma reafirmação de que as consequências da vitimização no namoro para as mulheres são mais expressivas, enquanto que para os homens é importante se examinar com maior detalhamento as especificidades para a questão do ponto de vista masculino. Neste cabe lembrar que, tendo por base a teoria de gênero que adotamos, para os homens o envolvimento em situações de violência, além de extremamente superpostas a vitimização com a perpetração, pode ainda não representar sofrimentos mentais e sim reafirmações de identidades culturalmente valiosas, não suscitando sentimentos negativos.

Campbell et al. (1995), por exemplo, afirmam que o agravo à saúde está relacionado à vitimização, enquanto que os problemas de saúde mental de perpetradores são tipicamente vistos como causas ou desencadeantes do comportamento violento, mas não consequências (Bland e Orn, 1986; Dinwiddie, 1992).

No tocante à recorrência da violência, há poucos estudos realizados e estes são estudos com mulheres. Eshelman e Levendosky (2012) mostram que com o aumento da frequência dos episódios de violência há um aumento nos sintomas depressivos, como também no número e extensão dos ferimentos. Outro estudo (DeJonghe e Levendosky. 2008) apresenta a relação entre a repetitividade e o tempo de exposição à violência como os piores fatores para problemas de saúde mental entre as mulheres.

No nosso estudo as variáveis estudadas foram: não sofreu violência, sofreu violência uma vez e sofreu violência mais de uma vez. Na análise univariada ter sofrido violência uma vez e ter sofrido mais de uma vez mostram-se associadas à depressão para as mulheres, enquanto para os

homens somente ter sofrido violência mais de uma vez. No modelo confirmatório as recorrências não se mostraram associadas nem para os homens e nem para as mulheres.

Uma primeira conclusão é a de que a repetitividade deve ser mais explorada em estudos futuros, sendo bastante plausível que esteja relacionada não só ao surgimento de sofrimento mental, mas à gravidade deste, tal como apontam estudos de violência por parceiro íntimo na conjugalidade.

Já quanto a outros fatores que reforçariam a ligação entre violência por parceiro íntimo e depressão, a meta-análise de Golding (1999) aponta a aceitação da violência no namoro como uma variável importante, assim como Jackson et al. (2000), enquanto que Campbell et al. (1995) apontam as relações de poder como um possível fator de mediação entre a violência e a depressão.

Em uma variedade de populações, a depressão está relacionada com a falta de controle e poder sobre a vida (Mirowsky e Ross, 1989). Os pesquisadores têm apresentado a relação entre depressão em mulheres, impotência e falta de controle dentro de relações íntimas (Campbell et al., 1995; Hume, 2008). Uma explicação para essa relação pode ser que a violência dentro de relações resulta em desequilíbrios de poder entre a vítima e o perpetrador, sendo que os sentimentos de impotência, causado por um relacionamento abusivo, em longo prazo são preditivos para depressão em mulheres mais do que a própria violência (Campbell et al., 1995), o que indica que a ligação entre a violência e depressão pode ser decorrente da questão de poder.

Em nosso estudo, os fatores 'aceitação da violência' como conduta social e 'relações de poder' apenas se mostraram associados às situações de violência, e para as mulheres, no recorte já apresentado no estudo dos fatores associados. Porém não se mostraram relacionados à ligação entre depressão e violência neste modelo confirmatório.

Um aspecto de destaque apontado por Barnett (2000) é o fato das mulheres que têm um histórico de vulnerabilidade à depressão podem ter

uma maior probabilidade de responder ao estressor da violência na intimidade com depressão ou contribuir para uma diminuição da probabilidade de sair do relacionamento. Já para Leher et al.(2006) sintomas depressivos estão associados ao risco de sofrer violência nos relacionamentos futuros, independente de fatores como a violência no namoro anterior ou histórico de violência na infância. Os autores também encontraram que o risco para sofrer violência no namoro aumentava conforme aumentavam os sintomas depressivos.

Essa relação também pode ser pensada em nossos resultados, em razão do estudo ser do tipo transversal e não termos o controle da temporalidade entre os eventos. Essa relação pode ser entendida ao menos para a relação entre a violência atual, incluída na medida da violência na vida, e a depressão atual. Por outro lado, essas associações ficam mais fracas, pois a relação pode perder força com o passar do tempo desde a exposição à situação de violência. Não obstante, o que nosso estudo mostra e de forma original é que essa relação entre a depressão e o envolvimento em situações de violência pode ocorrer e deve ser melhor investigada em pesquisas e em atendimentos nos serviços, para mulheres e também para homens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomamos aqui o conjunto dos três recortes que usamos para nosso estudo sobre a violência no namoro, entendendo-os como três articuladas dimensões particulares com as quais podemos nos aproximar do problema da violência nas relações de parceria íntimo afetiva e sexual. Esse conjunto representa, em primeiro lugar, importantes achados empíricos e que apresentam novos aspectos para os quadros teóricos explicativos da violência, em especial os que aqui utilizamos.

Além disso, desse conjunto também podemos extrair algumas conclusões, que, menos que explicações sobre a ocorrência da violência nas relações de parceria íntima e para o segmento populacional de adultos jovens universitários, elas constituem novas hipóteses para estudos futuros.

Uma primeira conclusão diz respeito às elevadas magnitudes das prevalências encontradas, o que de modo geral reitera a literatura tanto para estudos brasileiros como para contextos socioculturais de outros países. Este dado em si aponta que no segmento de jovens universitários, que são uma população de faixa etária mais avançada que aqueles do ensino médio, reiteram-se as altas magnitudes encontradas entre estes últimos, como mostra estudo brasileiro (Minayo, 2010). Nesse sentido, nossa conclusão é de que parece não haver grandes mudanças na realidade da ocorrência da violência no namoro com o avançar das idades dos jovens.

Mas ao ser contrastado com as estimativas encontradas para a situação de parceria íntima conjugal, o que é representado por grupos populacionais de faixas etárias ainda mais velhas e considerando-se o próprio contexto de São Paulo, seja em estudos conduzidos com mulheres (Schraiber et al., 2007a; Schraiber et al., 2007b) ou com homens (Schraiber et al., 2012), as prevalências na situação de namoro são mais elevadas e diminuem na conjugalidade, embora em taxas ainda preocupantes como fenômeno social e relacional entre parceiros íntimos.

Ao mesmo tempo, para esse mesmo contraste entre as prevalências da situação de namoro e aquelas da conjugalidade, a mutualidade das agressões, também debatida enquanto equivalência de gênero, parece mudar em direção às maiores taxas das violências contra as mulheres do que contra os homens. Além disso, chama a atenção o fato de que, em termos da gravidade dos episódios e das repetições dos mesmos, as situações de violência mais graves e mais repetitivas (às vezes chamadas de crônicas) são as voltadas contra as mulheres, o que parece não se alterar com a conjugalidade (Jacobson e Gottman, 1998).

Assim, considerando-se os quadros teóricos aqui apresentados, em especial a teoria de gênero, explicando a origem dos conflitos nas relações de intimidade afetivo-sexual, e a teoria da aceitação da violência na resolução dos conflitos (aspecto também compartilhado como norma cultural da teoria de gênero), poderíamos propor a hipótese de que, sobretudo diante das mudanças recentes dos papéis e atribuições de homens e mulheres como decorrência da modernidade mais tardia, gerando conflitos entre o que é esperado enquanto relação de parceria e o que é efetivamente praticado em uma multiplicidade de novas situações por homens e mulheres em suas vidas cotidianas, há mais conflitos e que são resolvidos por atos violentos entre os jovens em suas relações de namoro do que entre as relações de parcerias do tipo conjugal. Podemos entender que estas últimas já se expressem como uma acomodação dos papéis e atribuições de gênero, até buscando novo equilíbrio nas relações. E este parece ser uma reprodução atualizada da tradição de gênero, com maior submissão das mulheres frente às expectativas dos homens. Estes parecem de algum modo retomar o poder de disciplinar e controlar o comportamento das mulheres, na vida íntima e na vida pública, já que os estudos mostram conflitos e violências contra as mulheres nessas duas esferas da vida social.

Assim, a situação de conjugalidade parece alterar quer a mutualidade das agressões, quer o sentido das violências e os agressores, para mulheres e para homens, em contraste com a situação de namoro. Esta afirmação configura uma relevante hipótese para novos estudos.

Uma segunda conclusão que podemos extrair do presente estudo, diz respeito ao fato de termos encontrado como resultado, e reiterando outros estudos já mencionados, a presença do relacionamento sexual nas relações de intimidade do namoro como fator associado às violências, além de, em termos das prevalências encontradas, ter sido a violência especificamente sexual uma ocorrência mais provável contra as mulheres do que contra os homens. Este último aspecto, quando novamente contrastamos o presente estudo com os das situações de conjugalidade, mostra não se alterar. Ou seja, a violência sexual parece ser em qualquer das situações, namoro ou conjugalidade, um diferencial de gênero e contra as mulheres, ainda que, em todas as situações configure uma magnitude sempre menor que as violências físicas ou as psicológicas.

Mas aqui chamamos a atenção para o fato de que o exercício da sexualidade, e desde seu início nas situações de namoro, está de algum modo ligado à violência. Este resultado tem um profundo significado em termos dos programas de educação sexual para os jovens tanto quanto em termos de possíveis programas de prevenção da violência nas relações de parcerias íntimas e da promoção da maior qualidade dessas relações. Há pouca ou nenhuma articulação entre esses dois programas ou essas duas temáticas: a educação sexual e a prevenção da violência. Contudo, essa integração parece ser urgente. Esta também se constitui em outra importante hipótese para novos estudos, quer das redes causais da violência, quer como programas de intervenção, sobretudo para jovens escolares, do ensino médio ou universitário.

Uma terceira conclusão a que chegamos neste estudo da violência no namoro diz respeito aos possíveis fatores associados às violências em termos de aspectos dos contextos demográficos, sociais, econômicos e culturais em que ocorrem. O presente estudo reiterou fatores como a experiência de situações de violência na infância, por testemunho ou sofrimento pessoal, a aceitação da violência como comportamento e o sentimento de ciúmes, assim como reiterou a maior exposição decorrente do maior tempo de namoro como associação importante, sugerindo possível

cronicidade como talvez um padrão futuro de ocorrência. Nesses aspectos, o presente estudo apenas confirma outros resultados, o que é importante, pois o segmento ora estudado é original no país.

Mas nos chama a atenção o fato de que entre a situação masculina e a feminina há diferenças, e embora a violência na infância seja importante associação para homens e mulheres, o que é conforme com os quadros teóricos aqui usados, o conjunto dos fatores associados não é, em nosso estudo, o mesmo, para homens e mulheres. A explicação aqui pode dever-se ao nosso tamanho de amostra masculina, menor que a feminina, mas também pode decorrer de padrão distinto de significados sociais, culturais e mesmo emocionais da violência enquanto comportamento nas relações de intimidade, para homens e para mulheres.

Temos aqui uma terceira hipótese para futuras investigações e que é, de algum modo, reforçada pelo comportamento da variável uso de drogas e álcool, distinto para homens se contrastado com o encontrado para mulheres, nas associações. Isto é relevante considerando-se que sócio culturalmente é bastante diverso o uso de drogas e álcool como comportamento masculino e feminino.

Uma última linha de conclusão, e que nos reitera esta última hipótese levantada, diz respeito especificamente à associação entre depressão e violência, no contraste entre homens e mulheres. Os estudos sobre mulheres, e em geral com a situação de conjugalidade, apontam sempre a forte associação entre sofrer violência e ter sintomas de depressão ou especialmente ideação e tentativa de suicídio (DeVries et al., 2011), muito embora em alguns estudos, como em nosso caso, o desenho transversal impede a clara linha da temporalidade nas relações causais. Não obstante, é válido o dado de que há forte associação entre esses eventos (sofrer violência e ter sintomas de depressão ou ideação/tentativa de suicídio), em qualquer relação sequencial. No presente estudo também encontramos essa associação para as mulheres.

Já para homens essa associação não foi encontrada em nosso estudo. Em um estudo paulista com homens em situação de conjugalidade

(Albuquerque, 2012), os dados mostram associação entre sofrer violência e ter sofrimento mental, a qual, no entanto, se modifica quando ajustada para homens que são também agressores. O autor do estudo, porém, chama a atenção para a pequena amostra de homens que seriam apenas agressores. Essa diferenciação entre vítimas e agressores não pode ser feita em nosso estudo dada a grande superposição dessas condições, mas, não há dúvida, a nosso ver, que temos aqui uma questão a ser melhor pesquisada: uma outra nova hipótese a ser estudada, agora, mostrando sentido diverso do sofrimento mental para homens e para mulheres implicado em situações de violência em parcerias íntimas afetivo-sexuais.

Esse sentido diverso também pode ser interpretado, em conformidade com a teoria de gênero aqui utilizada, enquanto sendo o comportamento violento parte da educação dos meninos e sua socialização nos referenciais de masculinidade hegemônicos culturalmente, bem como parte da aceitação da violência como norma social (Couto e Schraiber, 2005; Gomes, 2010). O significado distinto desse comportamento para homens relativamente às mulheres com o sofrimento mental, portanto, pode resultar em relação distinta com o desenvolvimento de sofrimento mental.

Outro aspecto a ser destacado é o de que todas essas novas hipóteses levantadas com base em nossos dados constituem situações muito relevante também para a elaboração de programas de intervenção, seja no plano dos serviços de saúde, seja no plano das escolas e universidades, onde se concentram o específico segmento populacional de jovens.

É interessante apontar que este aspecto da violência entre jovens é trazido para o contexto escolar e, muitas vezes, compartilhado com colegas e amigos, o que revela outra especificidade dessa violência no namoro, em contraste com a relação marital e de coabitação, quando o ato fica confinado no espaço de intimidade. Por outro lado, deixa clara a grande oportunidade que esta característica permite para os programas de prevenção.

Não obstante, mesmo facilitando a existência de programas de prevenção, há que se lembrar de que os jovens não têm o comportamento

de buscar ajuda para tais assuntos, e na maioria das vezes, não reconhecem os atos como violência. A importância de um conjunto de ações que propicie ao jovem, na busca da autonomia, condições para o desenvolvimento de uma postura de não legitimação da violência no relacionamento afetivo, ainda precisa ser conquistada.

6 ANEXOS

Anexo 1

COVERAGE OF THE INTERNATIONAL DATING VIOLENCE STUDY

AFRICA (3)

South Africa

Tanzania

ASIA(7)

China

China,Hong Kong

China, Taiwan

India

Japan

South Korea

Singapore

AUSTRALIA, NEW ZEALAND (2)

Australia

New Zealand

EUROPE (14)

Belgium - Flemish and French sites

Germany

GreatBritain

Greece

Hungary

Lithuania

Malta

Netherlands

Portugal

Romania

Russia

Spain

Sweden

Switzerland - French & German sites

LATIN AMERICA (4)

Brazil

Guatemala

Mexico

Venezuela

MIDDLE EAST (2)

Iran

Israel

NORTH AMERICA(2)

Canada – Anglo and French sites

USA – Mexican American , Historically Black Colleges, other sites

Anexo 2

RELACIONAMENTOS ESTUDO DE CARACTERÍSTICAS

Agradeço pela contribuição de seu tempo nos ajudando neste importante estudo.

O que estamos fazendo

Somos um grupo de pesquisadores da Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Estamos estudando o relacionamento que os estudantes têm com o namorado e as posturas sobre relacionamentos. Existem questões sobre as experiências com sua própria família e sobre sua pessoa. Algumas das questões são sobre relacionamento sexual, mas você não tem que estar sexualmente ativo para participar. Nós pretendemos encontrar formas novas e melhores para identificar as potencialidades e fragilidades das pessoas nos relacionamentos e esperamos que esta informação possa ser utilizada para ajudar pessoas com problemas de relacionamento.

O Questionário é Confidencial e Voluntário

TODAS as suas respostas serão completamente confidenciais e anônimas. Nós NÃO solicitaremos o seu nome e as respostas a estas questões nunca serão associadas com você em hipótese alguma. FAVOR NÃO COLOQUE O SEU NOME EM NENHUM LUGAR.

A participação neste estudo é estritamente voluntária e você não é obrigado a completar este questionário. Se você decidir responder o questionário, após você ter terminado, você pode por o questionário numa caixa próxima a porta e sair. Se você escolher não responder, você pode por o questionário em branco na mesma caixa próxima a porta de saída e deixar e ninguém saberá se você decidiu não responder ao questionário.

Você pode omitir qualquer questão ou parar a qualquer momento, mas você nos ajudará muito mais ao responder todas as questões que puder.

Seus comentários

Você pode escrever comentários no questionário, mas não na folha de respostas. De fato, esperamos que você escreva muitos comentários no questionário. Mas, POR FAVOR, não faça nenhuma anotação extra na folha de respostas, porque de outra forma o computador não será capaz de computá-las.

Maiores informações sobre o estudo

Nós forneceremos a você uma folha com informações quando você finalizar o questionário. Você pode contatar-nos no telefone 5041-9014, e-mail: siberi01@uol.com.br com Tânia Aldrighi ou na Clínica da Faculdade de Psicologia, no telefone 3236-8342.

PARTE 1 – Informações de Antecedentes

COMO UTILIZAR A FOLHA DE RESPOSTA

- 1.UTILIZE UM LÁPIS PRETO MACIO – NÃO UTILIZE CANETA**
- 2.FAÇA MARCAS PRETAS FORTES DE FORMA A PREENCHER COMPLETAMENTE O CÍRCULO.**
- 3.APAGUE NITIDAMENTE QUALQUER QUESTÃO QUE VOCÊ DESEJE MUDAR.**
- 4.SE UMA QUESTÃO NÃO SE APLICAR A VOCÊ, VOCÊ PODE DEIXÁ-LA EM BRANCO.**
- 5.COMECE RESPONDENDO NA LINHA 1 DO LADO DIREITO DA FOLHA DE RESPOSTA**

11. Qual é o seu sexo? Na folha de resposta, por favor, preencha totalmente o círculo abaixo do número 1 se você é um homem, e, preencha totalmente abaixo do número 2 se você é uma mulher. 1 = homem 2 = mulher

12. Qual é a sua situação na universidade

- 1 = Calouro
- 2 = Segundo ano
- 3 = Intermediário
- 4 = Último ano

13. Qual a sua idade?

- 1 = 18
- 2 = 19
- 3 = 20
- 4 = 21
- 5 = 22 –24
- 6 = 25 – 29
- 7 = 30 –39
- 8 = 40 ou mais

14. Quantos anos de educação seu pai completou?

- 1 = 1º Grau
- 2 = 2º grau
- 3 = Técnico
- 4 = Superior incompleto
- 5 = Superior completo
- 6 = Pós Graduação

15. Quantos anos de educação sua mãe completou?

- 1 = 1º Grau
- 2 = 2º grau
- 3 = Técnico
- 4 = Superior incompleto
- 5 = Superior completo
- 6 = Pós Graduação

16. Qual a renda familiar anual? (Faça uma estimativa)

- 1 = Abaixo de R\$ 10.000,00
- 2 = R\$ 10.000,00 a 19.999,00
- 3 = R\$ 20.000,00 à 29.999,00
- 4 = R\$ 30.000,00 à 39.999,00
- 5 = R\$ 40.000,00 à 49.999,00
- 6 = R\$ 50.000,00 à 59.999,00
- 7 = R\$ 60.000,00 à 69.999,00
- 8 = Acima de R\$ 70.000,00

17. Qual a situação conjugal atual de seus pais?

- 1 = casados entre si
- 2 = separados
- 3 = divorciados
- 4 = nunca casados um com o outro e nem vivendo juntos
- 5 = nunca casados um com o outro e vivem juntos
- 6 = um ou ambos os pais já morreram

18. Indique qual das seguintes situações se aplica a você

- 1 = Atualmente estou numa relação de namoro que permanece pelo menos um mês.
- 2 = Eu estive numa relação de namoro que permaneceu pelo menos um mês, mas não estou agora.
- 3 = Eu não estive numa relação de namoro que tenha permanecido pelo menos um mês. Se você responder 3, pule para a questão 16.

NOTA: A palavra “parceiro” e “seu parceiro” referem-se à pessoa do relacionamento de namoro que você irá descrever nas questões seguintes. Responda toda questão em relação ao seu parceiro atual ou em relação ao parceiro mais recente (e sempre responda sobre a mesma pessoa)

19. Com quem você mora atualmente?

- 1 = Com meu namorado (a) (ou eu estava com ele/ela antes do relacionamento terminar)
- 2 = Em um apartamento próprio. Ninguém divide comigo
- 3 = Com um colega que não é meu namorado (a)
- 4 = Com meus pais
- 5 = Outros

20. Qual é o tipo de relacionamento com seu parceiro (a) ou o que era enquanto vocês estavam juntos?

- 1 = Namoro
- 2 = Noivado
- 3 = Casado
- 4 = Não casados e vivendo juntos

21. Quanto tempo você está neste relacionamento (ou quanto tempo durou o seu relacionamento mais recente)

- 1 = Menos de um mês
- 2 = Acerca de um mês
- 3 = Acerca de dois meses
- 4 = 3 a 5 meses
- 5 = 6 a 11 meses
- 6 = Acerca de 1 ano
- 7 = Mais de um ano, mas menos de 2 anos
- 8 = 2 anos ou mais

22. Há quanto tempo este relacionamento terminou?

- 1 = Ele não terminou
- 2 = Menos de 1 mês
- 3 = Acerca de 1 mês
- 4 = Acerca de 2 meses
- 5 = 3 a 5 meses
- 6 = 6 a 11 meses
- 7 = Acerca de 1 ano
- 8 = Mais de um ano

23. Qual é (era) o sexo de seu parceiro (a)

- 1 = masculino
- 2 = feminino

24. O sexo é (era) parte de seu relacionamento?

- 1 = não
- 2 = sim

PARTE 2. VOCÊ E SEU PARCEIRO (A)

As seguintes afirmações são sobre você ou sobre o relacionamento entre você e alguma outra pessoa (como por exemplo, seu parceiro ou seus pais). Por favor, leia cada afirmação e preencha um dos círculos que indica o quanto você **concorda ou discorda**.

Para questões sobre seu relacionamento com seu parceiro:

Se você está atualmente num relacionamento que permanece **um mês ou mais**, responda sobre seu relacionamento.

Se você **não está** num relacionamento, mas esteve num relacionamento que permaneceu **um mês ou mais** no passado, responda sobre como foi durante o tempo do relacionamento mais recente.

Se você **não** esteve num relacionamento que permaneceu **um mês ou mais**, omita a questão sobre parceiros e relacionamentos.

1 = Discordo plenamente

2 = Discordo

3 = Concordo

4 = Concordo Plenamente

25. O relacionamento com meu parceiro(a) é o relacionamento mais importante que eu tenho.
26. Meus pais asseguravam-se que eu ia à escola.
27. Eu desistiria de quase tudo pelo meu parceiro (a).
28. Meu parceiro (a) não tem capacidade suficiente para tomar decisões importantes.
29. Frequentemente eu sinto um vazio.
30. Frequentemente eu quebro coisas, de propósito, que pertencem a outros.
31. As pessoas geralmente gostam do meu parceiro (a).
32. Eu faria qualquer coisa para impedir que as pessoas me abandonem.
33. Eu consigo me acalmar quando eu estou zangada com o meu parceiro (a).
34. Antes de ficar muito furiosa com o meu parceiro (a), penso sobre o que acontecerá se eu perder minha paciência.
35. Meus pais não me protegiam completamente.
36. Uma mulher que foi estuprada provavelmente pediu por isto.
37. Eu tenho membros na família que me ajudariam se eu tivesse um problema.
38. Homens são mais desonestos do que as mulheres.
39. Meu parceiro (a) me critica frequentemente.
40. Raramente estou envolvida em atividades religiosas.
41. Meu parceiro (a) é essencialmente uma boa pessoa.
42. Eu sou sempre educada (o), até com as pessoas que são desagradáveis.
43. Algumas vezes eu não consigo lembrar o que aconteceu na noite anterior por causa da bebida.
44. Eu não consigo dizer coisas agradáveis ao meu parceiro (a) mesmo que eu esteja pensando sobre elas.
45. Desde a idade de 15 anos, tenho roubado ou tentado roubar algo que vale mais do que R\$ 100,00.
46. Quando eu era criança, eu vi minha mãe ou meu pai chutar, empurrar ou bater com muita força nos seus parceiros.
47. Frequentemente, fico ressentida (o) com as mulheres.
48. Eu posso sentir meu sangue subir à cabeça quando eu fico brava (o) com meu parceiro (a).
49. Minto para passar uma imagem pessoal melhor.
50. Eu tenho prazer com o dia a dia da minha vida.
51. Eu tento não pensar nas coisas horríveis que aconteceram comigo.
52. Frequentemente, eu acordo me sentindo muito bem.
53. Desde os 15 anos, eu tenho roubado dinheiro (de qualquer um, incluindo a família).
54. Quando eu era criança, as pessoas (adultos e crianças) que não eram parte da minha família empurravam, apertavam ou esbofeteavam, ou atiravam coisas em mim.

55. Eu peço desculpas ao meu parceiro (a) quando eu digo algo que não devia.
56. Os homens tratam as mulheres duramente.
57. Minha vida geralmente transcorre bem.
58. Um menino que é agredido por outro deve revidar a agressão.
59. Meu parceiro (a) faz coisas justamente para me irritar.
60. Tem tido ocasiões em que me aproveitei sobre alguém.
61. Quando eu era criança, as pessoas (adultos ou crianças) que não eram parte da minha família me falaram para revidar se alguém me batesse ou xingasse.
62. Meus relacionamentos têm grandes altos e baixos.
63. Antes dos 18 anos, um adulto da minha família fez sexo comigo (vaginal, anal ou oral).
64. Os homens me irritam muito.
65. Algumas vezes eu tenho dúvidas se o meu relacionamento com meu parceiro (a) irá continuar.
66. Meu parceiro e eu discordamos sobre que tipos de carinhos são permitidos em público.
67. Os homens respeitam as mulheres.
68. Meus pais não me consolavam quando eu estava desanimada.
69. As mulheres tratam os homens duramente.
70. Eu temo que eu tenha problemas com drogas.
71. Eu não penso sobre o que eu faço afetará outras pessoas.
72. Eu desisto facilmente de projetos difíceis.
73. O casamento é para sempre.
74. Eu não gosto do meu trabalho ou das minhas aulas.
75. Uma vez que o ato sexual atinge certo ponto, um homem não pode parar até que esteja satisfeito.
76. Não importa com quem esteja conversando eu sempre sou um bom ouvinte.
77. Eu não revelo ao meu parceiro (a) quando eu discordo de coisas importantes.
78. Eu tenho direito de saber tudo o que meu parceiro (a) faz.
79. Frequentemente, eu consigo falar ao meu parceiro (a) quando estou para perder o controle.
80. Quando eu era adolescente, eu apanhei muito do meu pai ou mãe.
81. Antes dos 18 anos, outra criança em minha família me fez olhar ou tocar suas partes íntimas (órgãos sexuais), ou olhou ou tocou as minhas.
82. Antes dos 15 anos, eu roubei ou tentei roubar um valor maior de R\$ 100,00.
83. É certo violar a lei conquanto que você não seja prejudicado.
84. Meu pai ou minha mãe falavam para revidar se alguém me batesse ou xingasse.
85. Eu evito fazer qualquer coisa que lembre situações horríveis que me aconteceram no passado.
86. Nunca fico irritado quando as pessoas expressam idéias muito diferentes das minhas.
87. Quando eu era criança, eu frequentemente via crianças que não eram da minha família se envolver em brigas ou bater um no outro.
88. Geralmente estou de bom humor.
89. Eu consigo pensar numa situação que eu aprovaria uma esposa esbofetear seu marido.
90. Algumas vezes eu fico irritada (o) com as pessoas que pedem favores.
91. Eu tenho convivido com amigos que têm tido problemas com a justiça.
92. Eu tenho objetivos na minha vida que tento alcançar.
93. Eu me sentiria enganada (o) se meu parceiro (a) estivesse muito ocupado para gastar o seu tempo comigo.
94. Frequentemente eu faço coisas que são contra a lei.
95. Eu penso que acontecerão boas coisas para mim no futuro.
96. Se uma esposa recusa-se a fazer sexo, algumas vezes é correto, fazer com que ela o faça.
97. Quando eu estou bebendo, frequentemente, eu misturo 5 ou mais bebidas ao mesmo tempo.
98. Eu odiaria se meu parceiro (a) confiasse um segredo a outra pessoa além de mim.
99. Algumas vezes, eu bebo 5 ou mais bebidas ao mesmo tempo, mas nos finais de semana.
100. Eu tenho amigos que cometeram crimes.

101. Quando um menino está crescendo, é importante para ele ter algumas brigas de soco e pontapé.
102. Não há nada que eu possa fazer para controlar minhas emoções quando meu parceiro (a) briga comigo.
103. Quando eu era uma criança, eu vi um membro de minha família que não era meu pai ou mãe, empurrar, apertar, esbofetear ou atirar alguma coisa em alguém.
104. Antes dos meus 18 anos, um adulto em minha família me fez olhar ou tocar suas partes íntimas (órgãos sexuais), ou olhou ou tocou os meus.
105. Eu tenho pensado seriamente sobre terminar meu relacionamento com meu parceiro (a).
106. Constantemente, procuro por sinais de perigo.
107. Eu oscilo entre pensar que meu parceiro (a) é perfeito ou terrível.
108. Eu consigo pensar numa situação que eu aprovaria um marido esbofetear a sua esposa.
109. Para progredir, eu tenho feito algumas coisas, que não são corretas.
110. Eu sou facilmente frustrada (o) pelas mulheres.
111. Meu parceiro (a) gosta de me deixar brava.
112. É difícil eu avançar no meu trabalho se não sou encorajada (o).
113. Frequentemente eu faço coisas que outras pessoas consideram perigosas.
114. Cuidar do meu parceiro (a) significa mais para mim do que me cuidar.
115. Quando eu era menor de 12 anos, eu era espancada (o) ou agredida (o) muito pela minha mãe ou pai.
116. Eu reconheço quando eu estou irritada com meu parceiro (a).
117. Meu parceiro (a) precisa ter em mente que eu é que mando.
118. Meu parceiro (a) e eu discordamos acerca dos hábitos irritantes de cada um.
119. Quando meu parceiro (a) me diz algo humilhante, eu geralmente respondo na mesma moeda.
120. Geralmente é culpa do meu parceiro (a) quando eu fico brava.
121. As pessoas frequentemente me interrompem quando estou conseguindo ter as coisas prontas.
122. Eu sou facilmente amedrontada.
123. Meu parceiro (a) e eu discordamos se está correto dizer um ao outro que discordamos.
124. Antes dos meus 18 anos, um adulto que não era parte da minha família fez sexo comigo (vaginal, anal ou oral).
125. Às vezes eu bebo o suficiente para me sentir realmente alta ou bêbada.
126. Desde os 15 anos, eu bati ou ameacei bater em alguém que não era parte da minha família.
127. Geralmente eu tenho a palavra final quando meu parceiro (a) e eu discordamos.
128. Meu (minha) parceiro (a) me trata bem.
129. Mulheres me irritam bastante.
130. Eu não tenho dinheiro suficiente para minhas necessidades diárias.
131. Meu parceiro (a) e eu discordamos a respeito dos seus amigos e família.
132. Meus pais (a) não me ajudaram no meu desenvolvimento.
133. Eu estou sempre disposta a admitir quando eu cometo um erro.
134. Eu consigo dar uma pausa no meio de uma discussão com meu parceiro (a)
135. Eu às vezes fico ressentida quando não consigo o que eu quero.
136. Homens são grosseiros.
137. Minha relação com meu parceiro (a) vale o empenho que lhe dedico.
138. Eu vou à igreja, sinagoga ou templo religioso uma vez ao mês ou mais.
139. Um homem não deveria se afastar de brigas físicas com outros homens.
140. Eu já tive pensamentos de me cortar ou me queimar.
141. No passado, eu usei cocaína, crack ou drogas pesadas (como excitantes, heroína e derivados do ópio) mais de uma ou duas vezes.
142. Minha vida sexual com meu parceiro (a) é boa.
143. Eu fico perturbado por ser quem sou.
144. Meus pais não se preocupavam se eu enfrentava problemas na escola.
145. Eu frequentemente me prejudico com as coisas que eu faço.

146. Eu já tive uma overdose de drogas ou um problema de saúde grave por causa de uso de drogas.
147. Antes dos meus 18 anos, outro adolescente que não era da minha família me fez olhar ou tocar nas suas partes íntimas (órgãos sexuais), ou olhou e tocou os meus.
148. Quando percebo que vou ficar brava com meu parceiro (a) eu tento conversar comigo para me acalmar.
149. Às vezes, é necessário para os pais dar uma bofetada num adolescente que responde mal ou se mete em confusão.
150. Eu tenho o direito de me envolver em qualquer coisa que meu parceiro (a) faça.
151. Eu estou tão triste, que às vezes eu pergunto a mim mesmo por que continuo a viver.
152. Antes dos 18 anos, um adulto que não é da minha família me fez olhar ou tocar as suas partes íntimas (órgãos sexuais), ou olhou e tocou os meus.
153. Já tive momentos nos quais eu senti inveja da sorte dos outros.
154. Desde os 15 anos, eu agredi fisicamente alguém com o propósito de machucá-lo.
155. Coisas terríveis aconteceram comigo que me deixaram indefesa (o) e apavorada (o)
156. Eu odiaria se meu parceiro (a) desse muita atenção para alguém que não fosse eu.
157. Quando não entendo o que meu parceiro (a) quer dizer, eu peço mais explicações.
158. Eu gostaria que meu parceiro (a) e eu nos dêssemos melhor do que realmente nos damos.
159. Quando meu parceiro (a) e eu temos problemas eu o (a) culpo.
160. Minha moradia não é satisfatória (muito barulho, problemas com a vizinha, falta de ventilação, etc.).
161. Eu ficaria chateada se meu parceiro (a) abraçasse alguém por mais tempo que o habitual.
162. Meu parceiro (a) e eu discordamos acerca de quando ter ou não relações sexuais.
163. Eu partilho meus pensamentos com as pessoas da minha família.
164. Eu, às vezes, tento me vingar mais do que esquecer e perdoar.
165. Eu me sinto triste freqüentemente.
166. Eu sentiria ciúmes se meu parceiro (a) ajudasse alguém do sexo oposto.
167. Mulheres são grosseiras.
168. Quando meu parceiro (a) é legal comigo eu fico imaginando o que ele quer.
169. Eu somente trato mal às pessoas quando elas merecem.
170. Antes do 18 anos, outro garoto (a) da minha família fez coisas comigo que agora eu acho que foi abuso sexual.
171. Quando meu parceiro (a) quer conversar sobre os nossos problemas eu tento evitar falar sobre eles.
172. Eu tenho problemas em cumprir regras no trabalho ou na escola.
173. Freqüentemente eu minto para conseguir o que quero.
174. É difícil encontrar tempo para as refeições.
175. Teve momentos que eu tive vontade de me rebelar contra autoridade mesmo sabendo que eles estavam certos.
176. Eu teimo em saber onde meu parceiro (a) está a todo o momento.
177. Meu parceiro (a) e eu discordamos a respeito dos meus amigos e família.
178. Quando estou brava com meu parceiro (a) eu digo o que penso sem pensar nas consequências.
179. Meus pais me propiciaram vestuário suficiente para eu me manter aquecida.
180. Meu parceiro (a) e eu discordamos acerca de quanto dinheiro gastar quando saímos.
181. Antes dos 15 anos, eu agredi ou ameacei agredir meus pais.
182. Digo coisas maldosas para o meu parceiro (a), mas depois digo para ele (a) “só estou brincando”.
183. Antes dos 18 anos, outro garoto (a) que não era da minha família fez coisas comigo que agora eu acho que foi abuso sexual.
184. Em poucas ocasiões eu desisti de fazer algumas coisas, porque eu menosprezei minhas habilidades.
185. Algumas vezes, para disciplinar uma criança, é necessário uma boa e forte palmada.

186. Meu humor está sempre mudando.
187. Meus pais me ajudavam com os deveres de casa.
188. Meus amigos me pressionam para fazer coisas que eu não quero fazer.
189. Eu mudo de repente entre um tipo e outro de pessoa.
190. Às vezes eu tenho que lembrar o meu parceiro (a) sobre quem é que manda.
191. Existem mais coisas ruins do que boas no meu relacionamento com o meu parceiro (a).
192. Meu parceiro (a) e eu discordamos acerca de quanto tempo devemos ficar juntos.
193. Meus pais me ajudavam quando eu tinha problemas.
194. Eu tenho pensado em deixar o meu parceiro (a).
195. Eu lembro repetidamente coisas horríveis que aconteceram comigo.
196. Antes dos 15 anos, eu agredi fisicamente alguém com a intenção de machucá-lo.
197. Eu nunca disse de propósito algo que magoasse os sentimentos de alguém
198. Eu tenho ficado assustada (o) com as coisas que têm acontecido comigo.
199. Eu tenho dito aos outros que irei me matar.
200. Eu ficaria zangada se alguém abraçasse meu parceiro (a) por mais tempo que o habitual.
201. Eu odiaria se alguém prestasse muita atenção no meu parceiro (a).
202. Antes dos 15 anos, eu roubava dinheiro (de qualquer pessoa, inclusive da minha família).
203. Meu parceiro (a) e eu temos um bom relacionamento.
204. Eu tenho uma boa vida social com o meu parceiro (a).
205. Eu lamento quando eu mago alguém,
206. Eu tenho pensado em me matar.
207. As pessoas do trabalho ou escola não se dão bem comigo.
208. Eu já estive em tratamento por problemas com drogas.
209. Meu parceiro (a) e eu discordamos acerca de contar aos outros coisas que acontecem entre nós.
210. Eu ficaria brava (o) se meu parceiro (a) paquerasse outra pessoa.
211. Eu tenho pesadelos com as coisas terríveis que aconteceram comigo.

PARTE 3. COMPORTAMENTOS NOS RELACIONAMENTOS.

Não importa quão bem um casal se entende, há vezes em que eles discordam, ficam nervosos com a outra pessoa, desejam coisas diferentes um do outro, ou às vezes têm discussão ou brigas porque estão de mau humor, estão cansados ou por alguma outra razão. Os casais também têm maneiras muito diversas de arrumar suas diferenças. Isto é uma lista de coisas que deveriam acontecer quando vocês têm diferenças. Por favor, marque quantas vezes você fez cada uma destas coisas no último ano e quantas vezes seu parceiro (a) o fez no último ano. Se você ou seu parceiro (a) não fez nenhuma destas coisas no último ano, mas aconteceu antes disso, marque "7" na sua folha de resposta para tal questão. Se nunca aconteceu, marque "8" na folha de resposta.

Qual a frequência que isto ocorreu?

1 = Uma vez no último ano

2 = Duas vezes no último ano

3 = 3-5 vezes no último ano

4 = 6-10 vezes no último ano

5 = 11-20 vezes no último ano

6 = Mais de 20 vezes no último ano

7 = Não no último ano, mas aconteceu antes

8 = Isto nunca aconteceu

212. Eu mostrei ao meu parceiro (a) que eu me preocupei mesmo quando nós discordamos.
213. Meu parceiro (a) demonstrou preocupar-se comigo mesmo quando nós discordamos.
214. Eu expliquei meu lado do desacordo para o meu parceiro (a).
215. Meu parceiro (a) explicou o seu lado numa discussão.

216. Eu insultei ou xinguei meu parceiro (a).
217. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
218. Eu atirei algo em meu parceiro (a) que poderia machucá-lo.
219. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
220. Eu torci meu parceiro (a) pelo seu braço ou puxei cabelo.
221. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
222. Eu tive um deslocamento, contusão ou corte devido à briga com meu parceiro(a).
223. Meu parceiro (a) teve um deslocamento, contusão ou corte devido à briga comigo.
224. Eu demonstrei respeito aos sentimentos do meu parceiro (a) sobre uma questão.
225. Meu parceiro (a) demonstrou respeito aos meus sentimentos sobre uma questão.
226. Eu fiz meu parceiro (a) ter sexo comigo sem camisinha.
227. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
228. Eu empurrei ou dei um tranco em meu parceiro (a).
229. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
230. Eu usei força (como bater, dominar ou usar uma arma) para fazer meu parceiro (a) ter sexo oral ou anal.
231. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
232. Eu utilizei uma faca ou arma contra o meu parceiro (a).
233. Meu parceiro (a) fez isso para mim.
234. Eu perdi a consciência ao ser atingida na cabeça pelo meu parceiro (a) numa briga.
235. Meu parceiro (a) perdeu a consciência ao ser atingido na cabeça numa briga comigo.
236. Eu chamei meu parceiro (a) de gordo ou horrível.
237. Meu parceiro (a) me chamou de gordo ou horrível.
238. Eu esmurrei ou bati no meu parceiro (a) com algo que poderia machucá-lo.
239. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
240. Eu destruí algo pertencente ao meu parceiro (a).
241. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
242. Eu fui ao médico devido a uma briga com o meu parceiro (a).
243. Meu parceiro (a) foi ao médico devido a uma briga comigo.
244. Eu tentei estrangular meu parceiro (a).
245. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
246. Eu gritei ou berrei com meu parceiro (a).
247. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
248. Eu atirei meu parceiro (a) contra a parede.
249. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
250. Eu disse que eu estava certa que poderíamos resolver um problema.
251. Meu parceiro (a) estava certo que poderíamos resolvê-lo.
252. Eu precisava ver um médico devido à briga com meu parceiro (a), mas não o fiz.

253. Meu parceiro (a) precisava ver um médico devido à briga comigo, mas não o fez.
254. Eu espanquei meu parceiro (a).
255. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
256. Eu agarrei a força meu parceiro (a).
257. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
258. Eu utilizei a força (como bater, dominar ou usar arma) para fazer com que meu parceiro (a) fizesse sexo comigo.
259. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
260. Eu saí abruptamente da sala, ou da casa ou do jardim durante um desentendimento.
261. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
262. Eu insisti no sexo quando meu parceiro (a) não queria (mas não utilizei força física).
263. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
264. Eu esbofetei meu parceiro (a).
265. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
266. Eu tive um osso quebrado de uma briga com meu parceiro (a).
267. Meu parceiro (a) teve um osso quebrado de uma briga comigo.
268. Eu utilizei ameaças para fazer o meu parceiro (a) ter sexo oral ou anal.
269. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
270. Eu sugeri um acordo para um desentendimento.
271. Meu parceiro (a) sugeriu um acordo.
272. Eu queimei ou joguei água quente no meu parceiro (a) de propósito.
273. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
274. Eu insisti para meu parceiro (a) ter sexo oral ou anal (mas não utilizei força física)
275. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
276. Eu acusei o meu parceiro(a) de ser um mal amante.
277. Meu parceiro (a) me acusou disto.
278. Eu fiz algo para irritar o meu parceiro(a).
279. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
280. Eu ameacei bater ou atirar algo no meu parceiro (a)
281. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
282. Eu senti dor física, que ainda doía no dia seguinte, devido à briga com meu parceiro (a).
283. Meu parceiro (a) ainda sentiu dor física no dia seguinte devido à briga que tivemos.
284. Eu chutei meu parceiro (a)
285. Meu parceiro (a) me chutou.
286. Eu usei de ameaças para meu parceiro (a) fazer sexo.
287. Meu parceiro (a) fez isso comigo.
288. Eu concordei tentar uma solução sugerida pelo meu parceiro (a) numa discussão.
289. Meu parceiro (a) concordou em tentar uma solução que eu sugeri.

290. Se você já esbofeteou, agarrou, empurrou ou bateu em seu parceiro (a), ou se seu parceiro (a) já esbofeteou, agarrou, empurrou ou bateu em você, pense na última vez que aconteceu quem foi o primeiro a fazer isto?

1 = Eu fiz primeiro 2 = Meu parceiro fez primeiro 3 = Isto nunca aconteceu

PARTE 4 – QUESTÕES CULTURAIS

Para as questões seguintes você vai responder de acordo com o que mais se aproxima do que você acredita acerca dos relacionamentos entre os parceiros.

1 = Discordo plenamente

2 = Discordo

3 = Concordo

4 = Concordo Plenamente

291. O ciúme é um dos motivos que pode levar o parceiro agredir o outro.

292. O álcool faz as pessoas perderem o controle e com isso o parceiro pode agredir o outro sem saber o que está fazendo.

293. Quando o parceiro(a) agride o outro, o agredido deve ter feito alguma coisa para merecer isso.

294. Amar demais uma pessoa faz com que os parceiros possam chegar a se agredir mutuamente.

295. A mulher que trabalha fora enfrenta muito mais o seu parceiro.

296. A falta de dinheiro é que faz os parceiros chegar a agredir um ao outro.

297. Muitas vezes um tapa, um beliscão, um empurrão é só uma forma de carinho entre os parceiros.

298. A família deve ser preservada, mesmo que em algumas vezes os parceiros cheguem a se agredir.

299. Uma pessoa que chega a agredir o seu parceiro(a) deve ser doente.

300. Um casal que se agride, esbofeteia, chuta e empurra deveria procurar ajuda junto à:

1= Família 2= Religião 3= Polícia 4= Profissional 5= Deve resolver sozinho

Anexo 3

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
envolvendo seres humanos

Rua Itambé, 45 - HIGIENÓPOLIS
- Prédio 16 - sala 31
CEP 01238-902
Fone: 236-8602 - Fax: 255-2588 - SÃO PAULO
Email: comitetica@mackenzie.br

São Paulo, 15 de fevereiro de 2002.

Ilma. Sra.
Tânia Aldrighi

Prezada senhora,

Após análise de seu projeto "*Estudo internacional sobre violência no namoro com estudantes*", o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie, no uso de suas atribuições, em consonância com a resolução do Ministério da Saúde 196/96, com a resolução do CFP de dezembro de 2000 e com o regulamento interno do Comitê, deliberou:

liberá-la de apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos sujeitos de pesquisa, dado o teor não invasivo das questões contidas em seu instrumento de coleta de dados e a garantia de sigilo dada aos respondentes. Trata-se de uma pesquisa internacional cujos aspectos éticos já foram devidamente cuidados pelo Comitê norte-americano.

Neste sentido a coordenação e a maioria dos pareceristas decidiram **aprovar o projeto**.

Agradecendo seu envolvimento com as questões éticas em pesquisa,

atenciosamente,

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Maria Martha Costa Hübner
Coordenadora

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Relatório Aprovado
15/02/2002

Anexo 4

COPIA p/ LILIAN

MEDICINA
USP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em sessão de **17.11.2010**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **293/10** intitulado: "Violência no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo" e seus anexos, apresentado pelo Departamento de **Medicina Preventiva**

Cabe ao pesquisador elaborar e apresentar ao CEP-FMUSP, os relatórios parciais e final sobre a pesquisa .

Pesquisador (a) Responsável: Lília Blima Schraiber
Pesquisador (a) Executante: Tânia Aldrighi Flake

CEP-FMUSP, 17 de novembro de 2010.

Prof. Dr. Eduardo Massad
Coordenador
Comitê de Ética em Pesquisa

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Av. Dr. Arnaldo, 455 – Instituto Oscar Freire 1º andar CEP 01246903 – Fone : 3061-8004
mail: cep.fmusp@hcnet.usp.br

7. REFERÊNCIAS

Abramovay M, Castro MG, Castro Pinheiro, L., Sousa Lima, F, Martinelli CC. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO/BID; 2002.

Abramoway M, Castro MG, Silva LB. Juventudes e Sexualidade. Brasília: UNESCO – Brasil; 2004.

Adams BN. Coercion and consensus theories: Some unresolved issues. *American Journal of Sociology*. 1965; 71 (May):714-716.

Albuquerque, Fernando Pessoa de. Agravos à saúde mental dos homens envolvidos em situações de violência [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina; 2012 [acesso 2013-02-10]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-03092012-100819/>.

Aldrighi T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicol. Teoria e Prática*. 2004; 6(1): 105-120.

Amanor-Boadu Y, Stith SM, Miller MS, Cook J, Allen L, Gorzek M. Impact of Dating Violence on Male and Female College Students Partner Abuse. 2011; 2(3): 323-343.

Anderson KM, Danis FS. Collegiate sororities & dating violence: An exploratory study of informal and formal helping strategies, *Violence Against Women*. 2007; 13 (1), 87-100.

Andrew G, Ustun TB, Kessler RC. Shutting the stable door: Identifying avertable risk factors for mental disorders. Paper presented at the WHO Burden of Disease Meeting; 2000; Auckland, New Zealand. 2000.

Archer J. Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*. 2000; 126: 651–80.

Arias I, Johnson P. Evaluations of physical aggression among intimate dyads. *Journal of Interpersonal Violence*. 1989; 4(3), 298-307.

Arias I, Samois M, O’Leary KD. Prevalence and correlates of physical aggression during courtship. *Journal of Interpersonal Violence*. 1987; 2(1), 82-90.

Arnett JJ. Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*. 1998, 41, 295-315.

Arnett, JJ. Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*. 2000. 55, 469-480.

Averill JR. The social construction of emotion: With special reference to love. In K. Gergen & K. Davis (Eds.), *The social construction of the person* (pp. 89-109). New York: Springer-Verlag, 1985, p. 89-109.

Aylmer RC O Lançamento do Jovem Adulto Solteiro. In: Carter M e McGoldrick M(Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida família. Uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 169-183). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.cap. 9, p.169-183.

Azambuha MPR, Nogueira C. Introdução à violência contra as mulheres como um problema de direitos humanos e de saúde pública. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 2008, v. 17, n. 3, p. 101-112.

Azevedo T. de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.

Bagarozzi DA, Anderson SA. *Mitos personales, matrimoniales y familiares : Formulaciones teóricas y estrategias clínicas*. Barcelona: Editorial Paidós, 1996.

Bailey B. *From Front Porch to Back Seat: Courtship in Twentieth Century America*. Baltimore: The John Hopkins University Press; 1989.

_____. *From Front Porch to Back Seat: A History of the Date*. *OAH Magazine of History*. Jul 2004; vol.18, nº 4, pp. 23-26.

Bandura A. *Social learning theory*. Englewood cliffs: Prentice Hall PTR; 1977a.

_____. *A. Modificación de conducta: análisis de la agresión y la delincuencia*. Mexico: Trillas, 1977b

Banyard VL, Arnold S, Smith J. Childhood sexual abuse and dating experiences of undergraduate women. *Child Maltreatment*. 2000; 5, 39-48.

Banyard VL, Cross C, Modecki KL. Interpersonal violence in adolescence: Ecological correlates of self-reported perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*. 2006; 21:1314–1332.

Barnes J, Noll J, Putnam F, Trickett P. Sexual and physical revictimization among victims of severe childhood sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*. 2009; 33, 412–420.

Barnett OW, Miller CLP e Perrin RD. Family violence across the life span. CA. CA Thousand Oaks: Sage; 1997.

Barnett, O. W. Why battered women do not leave, part 1. Trauma, Violence, & Abuse. 2000; 1 (4), 343–372

Bachman R, SL. Violence against women: Estimates from the redesigned survey. Bureau of Justice Statistics special report. Washington, D.C.: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Bureau of Justice Statistics; 1995.

Basile KC, Arias I, Desai S, Thompson MP. The differential association of intimate partner physical, sexual, psychological, and stalking violence and posttraumatic stress symptoms in a nationally representative sample of women. Journal of Traumatic Stress. 2004; 17, 413–421.

Bauman, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.

Baumann, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2004.

Baumeister RF, Brarlavsky E. (1999). Passion, intimacy, and time: Passionate love as a function of change in intimacy. Personality and Social Psychology Review. 1999; 3(1), 47-67.

Beach SHR, Jouriles EN, O'Leary KD. Extramarital sex: Impact on depression and communication in couples seeking marital therapy. J. Sex Marit. Ther. 1985; 11: 99-108.

Béjin A. O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In Ariès P e Béjin A (Orgs.). Sexualidades ocidentais. São Paulo: Brasiliense. 1987; cap. 2, 183-93.

Bell KM, Naugle AE. Effects of social desirability on students' self-reporting of partner abuse perpetration and victimization. Violence and Victims. 2007; 22, 243-256.

Berscheid E, Hatfield E, Barclay A. Effects of time on tendency to compensate a victim. Psychological Reports. 1969; 25, 431-436.

Billingham RE. Courtship violence: The patterns of conflict resolution strategies across seven levels of emotional commitment. Family Relations. 1987; 36:283-9.

Bland R, Orn H. Family violence and psychiatric disorder. Canadian Journal of Psychiatry. 1986; 1, 129-137.

Bowlby J. Apego e perda. São Paulo, SP: Martins Fontes; 1990.

Bowlby J. Cuidados maternos e saúde mental. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Breitenbecher KH. Sexual revictimization among women: A review of the literature focusing on empirical investigations. *Aggression and Violent.* 2001; 6, 415-432.

Bruner J. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997

Burke P, Stets J, Pirog-Good M. Gender identity, self-esteem, and physical and sexual abuse in dating relationships. *Soc Psychol Q.* 1988; 51(3):272-285.

Caldas JMP e Gessolo KM (2008). Violencia de género: nuevas realidades y nuevos retos. *Saúde e Sociedade. Revista da Faculdade de Saúde Pública da USP.* 2008, 17(3), 161-170.

Camarano AA, Kanso S, Mello JL. Transição para a vida adulta: mudanças por período e coorte. In: Camarano AA (org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em Transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2006, p. 95-135.

Campbell J. Health consequences of intimate partner violence. *The Lancet.* 2002; vol. 359, pp. 1331-36.

Campbell R, Sullivan CM, Davidson WS. Women who use domestic violence shelters: Changes in depression over time. *Psychol. Wom.* 1995; Quart. 19: 237-255.

Capaldi DM, Crosby L Observed and reported psychological and physical aggression in young, at-risk couples. *Social Development.* 1997; 6(2), 184-206.

Cardarelli AP. Violence between intimate partners: patterns, causes and effects. MA: Allyn and Bacon, 1997.

Carlson BE, McNutt L, Choi DY. Childhood and adult abuse among women in primary health care: Effects on mental health. *Journal of Interpersonal Violence.* 2003; 18(8), 924-914.

Carlson BE. Dating violence: A research review and comparison with spousal abuse. *Social Casework: The Journal of Contemporary Social Work.* 1987; 68, 16-23.

Carlson BE. Dating Violence: Student Beliefs About Consequences, *Journal of Interpersonal Violence.* 1996; 11, pp.3-18.

Carter B, McGoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

Castro R, Casique I (eds). Estudios sobre cultura, género y violencia contra las mujeres. Cuernavaca: UNAM. Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2007.

Cate RM, Henton JM, Koval J, Christopher RS, Lloyd S. (1982). Premarital abuse: A social psychological perspective. *Journal of Family Issues*; 1982; 3, 79-90.

Cervený CMO, Berthoud CME. Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

Chan KL, Straus MA, Brownridge DA, Tiwari A, Leung WC. Prevalence of dating partner violence and suicidal ideation among male and female university students worldwide. *Journal of Midwifery & Women's Health*. 2008; 53(6): 529-537.

Chaves J. Ficar com: um novo código entre os jovens. São Paulo: Editora Revan; 1995

Clements PT, Speck PM, Crane PA, Faulkner MJ. Issues and dynamics of sexually assaulted adolescents and their families. *International Journal of Mental Health Nursing*. 2004; 13(4):267–274.

Coid J, Petruckevitch A, Feder G et al (2001) Relation between childhood sexual and physical abuse and risk of revictimisation in women: a crosssectional survey. *Lancet*, 358, 450– 454.

Coker AL, Davis KE, Arias I, Desai S, Sanderson M, Brandt HM et al. Physical and mental health effects of intimate partner violence for men and women. *American Journal of Preventive Medicine*. 2002; 24, 260–268.

Conger RD, Cui M, Bryant CM, Elder GH. Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*. 2000; 79, 224–237.

Constantine LL. Family Paradigms: The Practice of Family therapy. New York: Guilford; 1986.

Cornelius TL, Resseguie N. Primary and secondary prevention programs for dating violence: a review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*. 2007; v. 12, n.3, p. 354-375.

Cornelius TL, Shorey RC, Kunde A. Legal consequences of dating violence: a critical review and directions for improved behavioral contingencies. *Aggression and Violent Behavior*. 2009; 14: 194–204.

Coutinho L, Scazufca M, Menezes PR. Methods for estimating prevalence ratios in cross-sectional studies. *Rev Saude Publica*. 2008; 42:992-998.

Couto MT, Schraiber LB. Homens, saúde e violência: novas questões de gênero no campo da saúde coletiva. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CE (org). *Críticas e atuantes: Ciências Sociais e Humanas em Saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005; p. 687-706.

DeJonghe ES, Levendosky AA. Women survivors of intimate partner violence and post-traumatic stress disorder: prediction and prevention. *Journal of postgraduate medicine*, 2008; Vol. 54, No. 4. (c 2008), pp. 294-300.

Dekeseredy WS, Schwartz MD, Tait K. Sexual assault and stranger aggression on a Canadian university campus. *Sex Roles*. 1993; 28, 263-277.

Del Priore M. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto; 2006.

Desai S, Arias I, Thomson M P, Basile KC. Childhood victimization and subsequent adult revictimization assessed in a nationally representative sample of women and men. *Violence and Victims*. 2002; 17, 639–653.

Devries K, Watts CH, Yoshihama M, Kiss LB, Schraiber LB, Deyessa N, Heise L, Durand JG, Mbwapo J, Jansen HAFM, Berhane Y, Ellsberg M, Garcia-Moreno C. Violence against women is strongly associated with suicide attempts: Evidence from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women. *Social Science & Medicine*. 2011; 73(1):79-86

Dobash RP, Dobash RE. 'Violence against Women: A Review of Recent Anglo-American Research. *Journal of Conflict and Violence Research*. 2001; 3: 5–22.

Dye ML, Eckhardt C.I. Anger, irrational beliefs, and dysfunctional attitudes in violent dating relationships. *Violence and Victims*. 2000; 15, 337-350.

Eaton DK, Davis K, Barrios L, Brener N, Noonan, R. (2007). Associations of dating violence victimization with lifetime participation, cooccurrence, and early initiation of risk behaviors among U.S. high school students. *Journal of Interpersonal Violence*. 2007; 22, 585–602.

Erikson EH. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1972.

_____. *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Eshelman L, Levendosky AA. Dating violence: mental health consequences based on type of abuse. *Violence Vict*. 2012; 27(2):215-28. PMID: 22594217

Fagan JA, Douglas KStewart, Karen VHansen. Violent Men or Violent Husbands? Background Factors and Situational Correlates. In Finkelhor D, Gelles R, Hotelling G, Straus MA. *The Dark Side of Families*. Straus. Beverly Hills, CA:Sage Publications;1983

Falcão MTC, Schraiber LB, D'Oliveira AFPL, Kiss LB. Concepção de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher, São Paulo, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2007; 11, Supll.:1323 – 1332.

Fang X, Corso PS. Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence - developmental relationships. *American Journal of Preventive Medicine*. 2007; 33, 281-290.

Farnsworth J, Pett MA, Lund DA. (1989). Predictors of loss management and well-being in later life widowhood and divorce. *Journal of Family Issues*. 1989; 10, 102-121.

Feiring C. Gender identity and the development of romantic relationships in adolescence. In Furman W, Brown BB, Feiring C (eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*, p. 211-232. New York: Cambridge University Press; 1999.

Flynn CP. Relationship violence by women: Issues and implications. *Family Relations*. 1990; 39, 194-198.

Follette VM, Alexander PC, Follette WC. Individual predictors of outcome in group treatment for incest victims. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 1991; 59, 150-155.

Follette VM, Alexander PC. Dating violence:Current and historical correlates. *Behavioral Assessment*. 1992; 14, 39–52.

Follingstad DR, Bradley RG, Laughlin JE, Burke L. Risk factors and correlates of dating violence: The relevance of examining frequency and severity levels in a college sample. *Violence Victims*. 1999;14:365–380

Follingstad, DR, Rutledge LL, Polek DS, McNeill-Harkins K. Factors associated with patterns of dating violence toward college women. *Journal of Family Violence*. 1988; 3, 169-182.

Follingstad DR, Wright S, Lloyd S, Sebastian JA. Sex differences in motivations and effects in dating violence. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*. 1991; 40(1), 51-57.

Foshee VA, Bauman KE, Ennett ST, Lin GF, Benefield T, Suchindran C. Assessing the long-term effects of the Safe Dates Program and a booster in

preventing and reducing adolescent dating violence victimization and perpetration. *American Journal of Public Health*. 2004; 94(4), 619-624.

Foshee VA, Linder F, MacDougall JE, Bangdiwala, S. Gender differences in the longitudinal predictors of dating violence. *Preventive Medicine*. 2001; 32, 128-141.

Foshee VA, Linder GF, Bauman KE, Langwick SA, Arriaga XB, Heath JL et al. The Safe Dates Project: Theoretical basis, evaluation design, and selected baseline findings. *American Journal of Preventive Medicine*. 1996; 12(5), 39-47.

Frye NE, Karney BR. The Context of Aggressive Behavior in Marriage: A Longitudinal Study of Newlyweds. *Journal of Family Psychology*. 2006; 20, 12-20.

García-Moreno C, H J, LHeise, Watts C. WHO Multi-country Study on Women's Health and Domestic Violence Against Women. Geneva: World Health Organisation. 2005.

Garmezy N. Resilience in children's adaptation to negative life events and stressed environments. *Pediatrics*. 1991; 20:459–466

Gelles RJ. Violence in the family: A review of research in the seventies. *Journal of Marriage and the Family*. 1980; 42 (4), 873-885.

Gelles RJ, Straus MA. *Intimate violence*. New York: Simon & Schuster, 1988.

Gergen KJ. *Realidades Y Relaciones : Aproximaciones a la construcción social*. Barcelona, Ediciones Paidós, 1996.

Giddens A. *A Transofrmação da Intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993.

Giffin K. Violência de Gênero, Sexualidade e Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*. 199; 10(supl 1):146-55

Gilligan C. *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge, MA: Harvard University Press; 1982.

Golding JM. Intimate partner violence as a risk factor for mental disorders: A meta-analysis. *Journal of Family Violence*. 1999; 14, 99 –132.

Gomes R. *A saúde dos homens em foco*. São Paulo: Ed UNESP, 2010.

Gonzaga GC, Kelner D, Londahl EA, Smith MD. Love and the commitment problem in romantic relations and friendship. *Journal of Personality and Social Psychology*. 2001; 81(2), 247-262.

Goodkind JR, Gillum TL, Bybee DI, Sullivan CM. The impact of family and friends: Reactions on the well-being of women with abusive partners. *Violence Against Women*. 2003; 9(3): 347–373.

Gwartney-Gibbs PA, Stockard J, Böhmer S. Learning courtship aggression: The influence of parents, peers, and personal experiences. *Family Relations*. 1987; 36, 276-282.

Hair-jr JF, Black WC, Babin BJ, Anderson RE, Tatham RL. *Multivariate data Analysis*. Nova Jersey: 6ª. edição. Pearson Prentice Hall. 2005; p. 49-76.

Haley J. *Terapia não convencional - As Tecnicas Psiquiatricas de Milton H. Erichson*. São Paulo: Summus Editorial; 1991.

Halpern CT, Oslak SG, Young ML, Martin SL, Kupper LL. Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships: Findings from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *American Journal of Public Health*. 2001; 91(10), 1679- 1685.

Hamby SL, Sugarman DB. Acts of psychological aggression against a partner and their relation to physical assault and gender. *Journal of Marriage and the Family*. 1999; 61: 959-70.

Hanley MJ, O'Neill P. (1997) Violence and commitment: A study of dating couples. *Journal of Interpersonal Violence*. 1997; 12, 685-703.

Hatfield E, Rapson RL (1993). *Love, sex, and intimacy: Their psychology, biology, and history*. New York: HarperCollins; 1993;p. 369-370).

Hatfield E, Sprecher S. (1986). Measuring passionate love in intimate relations. *Journal of Adolescence*. 1986; 9, 383-410

Hatfield, E, Traupmann J, Walster GW. Equity and extramarital sexuality. *Archives of Sexual Behavior*. 1978; 7, 127-141.

Hazan, C, Shaver P. Romantic Love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1987; 52(3), 511-524.

Heise L, Ellsberg M, Garcia-Moreno C. Intimate partner violence. In: Krug EG, Dahlberg LL; Mercy JÁ, Zwi AB; Lozano R, editors. *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization. 2002; p. 87-121.

Heise L, Ellsberg M, Gottemoeller M. Ending violence against women. *Population Report*. 1999; 27:1-43.

Heise L. Violence against women: an integrated, ecological framework. *Violence Against Women*. 1998; 4(3):262-90

Hendrick S, Hendrick C. *Romantic Love*. California: Sage Publications, 1992.

Henton J, Cate R, Koval J, Lloyd S, Christopher S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues*. 1983; 4, 467-482.

Hettrich EL, O'Leary KD. Females' reasons for their physical aggression in dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 2007; 22, 1131-1143.

Hickman LA, Jaycox LH, Aronoff J. Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma Violence Abuse* 2004; 5(2): 123-142.

Hines DA, Straus MA. Binge Drinking and Violence Against Dating Partners: The Mediating Effect of Antisocial Traits and Behaviors in a Multi-national Perspective. *Aggressive Behavior*. 2007; 33, 441-457.

Holtzworth-Munroe, A, Hutchinson G. (1993). Attributing Negative Intent to Wife Behavior: The Attributions of Maritally Violent Versus Nonviolent Men. *Journal of Abnormal Psychology*. 1993; 102 (2), 206-211.

Hotalling GT, Sugarman DB. 1990. A Risk Marker Analysis of Assaulted Wives. *Journal of family Violence*. 1990; 5(1): 1-13.

Howard DE, Wang MQ. Risk profiles of adolescent girls who were victims of dating violence. *Adolescence*. 2003; 38, 1-14.

Hume M. The myths of Violence: Gender, Conflict, and Community in El Salvador II, *Latin American Perspectives*. 2008; 162, Vo. 35 (5): 59-76.

Ismail F, Berman H, Ward-Griffin C. Dating violence and the health of young women: a feminist narrative study. *Health Care of Women International*. 2007; 25, 453-477.

Jackson SM, Cram F, Seymour FW. (2000) Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships, *Journal of Family Violence*. 2000; 15, pp23-36.

Jackson SM. Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*. 1999; 4 (2): 233-247.

Jacobson N, Gottman J *When a man Batter Women – new insights into ending abusive relationships*. New York: Simon & Schuster; 1998.

Jankowiak WR, Fischer EF. A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*. 1992; 31- 149.

Jansen H.A.F.M., Watts C., et al. . Interviewer Training in the WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence. *Violence Against Women*. 2004; Vol. 10 No 7, 831-849

Jezl DR, Molitor CE, Wright T. L. Physical, sexual and psychological abuse in high school dating relationships: Prevalence rates and self-esteem issues. *Child and Adolescent Social Work Journal*. 1996; 13(1), 69-87.

Justo JS. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia-UFF*. 2005; v.17 – nº 1, p. 61-77, Jan./Jun..

Kaura S, Lohman B. Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *Journal of Family Violence*. 2007; 22:367–381.

Keniston, K. *Youth and dissent*. New York: Harcourt, Brace & Jovanovich; 1971.

Kimmel MS. Gender Symmetry' in Domestic Violence: A Substantive and Methodological Research Review. *Violence Against Women*. 2002; 8 (11): 1332- 1363.

King DW, King LA, Gudanowski DM, Vreven DL. Alternative representations of war zone stressors: Relationships to posttraumatic stress disorder in male and female Vietnam veterans. *Journal of Abnormal Psychology*. 1995; 104, 184–196.

Kinsfogel KM, Grych JH. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional, and peer influences. *Journal of Family Psychology*. 2004; 18, 3, 505-515.

Knudson-Martin C, Mahoney AR. *Couple, Gender, and Power – creating, change intimate relationships*. New York: Springer Publishing Company, 2009

Lane K, Gwartney-Gibbs PA. Violence in the context of dating and sex. *Journal of Family Issues*. 1995; 6, 45-49.

Laner MR, Thompson J. Abuse and Aggression in Courting Couples. *Deviant Behavior*. 1982; 3:229-44.

Lehrer JA, Buka S, Gortmaker S, et al. Depressive symptomatology as a predictor of exposure to intimate partner violence among US female adolescents and young adults. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2006; 160:270-276.

Levinson DJ. *The seasons of a Man's Life*. New York: Alfred A. Knopf, 1978.

Levy MSF. A Escolha do cônjuge..R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro. 2009; v. 26, n. 1, p. 117-133, jan./jun.

Lewis SF, Fremouw W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*. 2001; 21, 105-127.

Lima DC, Buchele F, Clímaco D A (2008). Homens, gênero e violência contra a mulher. *Saúde e Sociedade*. 2008; 17, 69-81.

Lloyd SA, Koval JE, Cate RM. Conflict and violence in dating relationships. In Pirog-Good MA, Stets JE. (eds.), *Violence in dating relationships: Emerging social issues* New York: Praeger; 1989; pp. 126-142.

Lysova AV. Dating violence in Russia. *Russian Education and Society*. 2007; 49(4): 43-59.

Machado C, Matos M, Moreira A. Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*. 2003; 33:69-83.

Magdol L., Moffitt TE, Caspi A, Fagan J, Newman D, Silva, PA. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 1997; 65(1), 68-78.

Mahoney P, Williams LM, West C. M. Violence against women by intimate relationships partners. In Rezentz CM, Edleson JL, Bergen RK. (eds). *Sourcerbook on violence against women*. Thousand Oaks: Sage Publications. 2001; pp. 143-178.

Makepeace JM. Courtship violence among college students. *Family Relations*. 1981; 30(1), 97-102.

Makepeace JM. Gender differences in courtship violence victimization. *Family Relations*. 1986; 35, 383-388.

Makepeace JM. Life events, stress and courtship violence. *Family Relations*. 1983; 32:101-109.

Makepeace JM. Social factor and victim-offender differences in courtship violence. *Family Relations*. 1987; 36:87-91.

Marshall LL, Rose P. (1990). Premarital violence: The impact of family of origin violence, stress, and reciprocity. *Violence and Victims*. 1990; 5, 51-64.

Matos M, Machado C, Caridade S, Silva MJ. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*. 2006; 8(1), 55-75.

Mattingly M, Straus MA. Straus. "Violence socialization and approval of violence: A world perspective on gender differences and American violence." Paper presented at the American society of criminology, St. Louis, 2008. Available from: <http://pubpages.unh.edu/~mas2/ID-Sample-4-04.htm>.

McFarlane J, Malecha A, Gist J, Schultz P, Wilson P, Fredland N. Indicators of intimate violence in women's employment: Implications for workplace action . AAOHN Journal. 2000; 48, 215-220.

Mckinney K. Measures of verbal, physical, and sexual dating violence by gender. Free Inquiry in Creative Sociology. 1986; 14: 55-60.

Medeiros RA. and Straus MA.. Risk factors for physical violence between dating partners: Implications for gender-inclusive prevention and treatment of family violence." in Hamel J. Family interventions in domestic violence, edited by and T. L. Nicholls. New York, NY: Springer Publishing Company; 2006.

Meirelles T. "PEGAR, FICAR, NAMORAR..." Jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre; 2011.

Melo HP. Gênero e perspectiva regional na educação superior brasileira in Ristoff et al Simpósio Gênero e Indicadores da Educação Superior Brasileira, Brasília-DF, 6 e 7 de dezembro de 2007 / comissão organizadora: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

Minayo MCS. Amor e Violência um Paradoxo das Relações de Namoro e do Ficar entre Jovens Brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

Mirowsky J, Ross CE. Psychiatric diagnosis as reified measurement. Journal of Health and Social Behavior. 1989; Vol 30(1), Mar 1989, 11-25.

Moraes CL, Reichenheim, ME. Avaliando a cronicidade e a escalada da violência física contra a mulher durante a gestação em serviços públicos de saúde no município do Rio de Janeiro. Apresentação em Painel, Livro de Resumos, VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, Brasília. Ciência e Saúde Coletiva. 2003; 8 (Supl. I):132.

Moraes CL., Hasselmann MH, Reichenheim ME. Portuguese transcultural adaptation of the Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), an instrument used to identify partner violence. Cadernos de Saúde Pública. 2002; 18:163-175.

Muñoz-Riva MJ, Graña JL, O'Leary KD, González MP. Prevalence and predictors of sexual aggression in dating relationships of adolescents and Young adults. Psicothema. 2009; 21(2):234-240.

Muñoz-Rivas MJ, Graña JL, O'Leary KD, González MP. Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification and health consequences. *Journal of Adolescent Health*. 2007b; 40, 298-304.

Murphy CM, O'Leary KD. Psychological aggression predicts physical aggression in early marriage. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 1989; 57: 579-582.

Nascimento FS, Cordeiro RLM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*. 2011; 23(2), 516-525.

Nascimento FS. Namoro e violência: um estudo sobre amor, namoro e violência para jovens de grupos populares e camadas médias. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife; 2009.

Neufeld J, McNamara JR, Ertl M. Incidence and prevalence of dating partner abuse and its relationship to dating practices. *Journal of Interpersonal Violence*. 1999; 14, 125-137.

Neves S. Amor, Poder e Violências na Intimidade – os caminhos entrecruzados do pessoal e do político. Coimbra: Quarteto, 2008.

Neves, S, Nogueira, C. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: A (re)construção dos espaços terapêuticos. *Psicologia e Sociedade*. 2003; 15, 43-64.

Njaine K, Assis SG, Oliveira QBM, Ribeiro FML, Avanci JQ. Violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes da cidade de Manaus/AM. In: Meneghel SN, (org). *Rotas críticas II: ferramentas para trabalhar com a violência de gênero*. Santa Cruz do Sul - SC: 1º ed. Edunisc. 2009 (1); cap, 2, p.83-112

Nogueira C, Neves S, Barbosa C. Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o Estudo do Gênero”. *Psicologia. Teoria Investigação e prática*. 2005; 2, pp. 195-209.

O'Donnell L, Stueve A, Myint-U A., Duran R, Agronick G, Wilson-Simmons R. Middle school aggression and subsequent intimate partner physical violence. *Journal of Youth and Adolescence*. 2006; 35, 693-703.

O'Keefe M, Brockopp K, Chew K. Teen daft violence. *Social Work*. 1986; 31, 465-468.

O'Keefe M, Treister, L. Victims of dating violence among high school students: Are the predictors different for males and females. *Violence Against Women*. 1998; 4(2), 195-223.

O'Keefe M. Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*. 1997; 12:546–568.

O'Leary KD, Barling J, Arias I, Rosenbaum A, Malone J, Tyree A. (1989). Prevalence and stability of physical aggression between spouses: A longitudinal analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 1989; 57, 263-268.

O'Leary DK. Are Women Really More Aggressive than Men in Intimate Relationships? Comment on Archer. *Psychological Bulletin*. 2000; 136 (5): 685-689.

O'Leary K.D. Psychological abuse: A variable deserving attention in domestic violence. *Violence and Victims*, 1999; 14, 3 -23.

Paiva C, Figueiredo B. Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*. 2004; 36: 75-107.

Prager KJ, Buhrmester D. Intimacy and Need Fulfillment in Couple Relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*. 1998; 15:435–469

Reichenheim ME, Moraes CL, Hasselmann MH. Equivalência transcultural de instrumentos para uso na pesquisa epidemiológica em violência familiar: o exemplo da CTS2. Apresentação de Pôster. Livro de resumos, VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, Salvador. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2000; 5(supl.):568.

Renner LM, Whitney SD. Examining symmetry in intimate partner violence among young adults using socio-demographic characteristics. *J Fam Violence*. 2010;25(2):91–106.

Riggs DS, O'Leary KD, Breslin FC. (1990). Multiple correlates of physical aggression in dating couples. *Journal of Interpersonal Violence*. 1990; 5, 61-73.

Riggs DS, O'Leary KD. A theoretical model of courtship aggression. In: Pirog-Good MA, Stets JE, (eds). *Violence in Dating Relationships*. Westport, CT: Praeger; 1989. pp. 53–71.

Riggs DS, O'Leary KD. Aggression between heterosexual dating partners: An examination of a causal model of courtship aggression. *Journal of Interpersonal Violence*. 1996; 11, 519-540.

Rodrigues A, Assmar EML, Jablonski B. *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes; 2001.

Rosenbaum A, O'Leary KD. Children: The unintended victims of marital violence. *American Journal of Orthopsychiatry*. 1981; 51, 692-699.

Rosenthal DA, Smith, MA. (1997). Adolescent sexual timetables. *Journal of Youth and Adolescence*. 1997; 26(5), 619–636.

Roudinesco E *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: J. Zahar; 2003.

Rubin G. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In Aggleton P, Parker R. (eds.). *Culture, Society and Sexuality: A Reader*, London: UCL Press; 1999,p. 143-179.

Rutter M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. In: Rolf J, Masten AS, Cicchetti D, Nuechterlein KH, Weintraub S. (eds). *Risk and protective factors in the development of psychopathology*. Cambridge; New York: 1990. pp. 181–214.

Sabina C, Straus MA. Polyvictimization by Dating Partners and Mental Health Among US College Students. *Violence and Victims*. 2008; v. 23, 6, p. 667-682 (16).

Schraiber L B, Figueiredo WS, Gomes R, Couto MT, Pinheiro TF, Machin R, Silva GSN, Valença O *Necessidades de saúde e masculinidades: atenção primária no cuidado aos homens*. Rio de Janeiro, *Cad. Saúde Pública*. 2010; 26(5):961-970, maio

Schraiber LB, Barros CRS, Couto, MT, Figueiredo WS, Albuquerque, FP *Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde*. *Rev Bras Epidemiologia*. 2012; 15(4):748-61.

Schraiber LB, D'Oliveira AFPL, França-JR I, Diniz S, Portella AP, Ludemir AB, et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev Saúde Pública*. 2007;41(5):797-807. a

Schraiber LB, D'Oliveira AFPL, Couto MT. Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. *Cadernos de Saúde Pública*. 2009; v. 25, p. S205-S216.

Schraiber LB, D'Oliveira AFPL, Falcão MTC, Figueiredo WS. Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos. São Paulo - SP: Editora da UNESP; 2005 p.183 (a)

Schraiber LB, D'Oliveira AFPL, Falcão MTC, Hanada H, Kiss LB, Durand JG, Puccia MIR, Andrade MC. Violência contra a mulher entre usuárias de serviços básicos de saúde da rede pública da Grande São Paulo. *Revista de Saúde Pública*. 2007; 41(3):359 – 367.

Schraiber LB, D'Oliveira AFPL. Violência contra mulheres e promoção dos direitos humanos: a contribuição do campo da saúde. *Divulgação em Saúde para Debate*. 2008; v. 58, p. 1-10.

Scott J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e realidade*. 1995; 20(2):71-99

Scott K, Straus M. Denial, Minimization, Partner Blaming, and Intimate Aggression in Dating Partners. *Journal of Interpersonal Violence*. 2007; 22(7):851-71.

Sears HA, Byers ES, Price EL. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. *Journal of Adolescence*. 2007; 30: 487-504.

Sexton R, Sexton V. Intimacy: A Historical Perspective. In Fisher M, Stricker G. (eds.). *Intimacy*. New York: Plenum Press; 1982.

Sharpe D, Taylor JK. (1999). An examination of variables from a social-developmental model to explain physical and psychological dating violence. *Canadian Journal of Behavioural Science*. 1999; 31(3), 165-175.

Sheehy Gail Novas Passagens – um roteiro para a vida inteira. São Paulo: Rocco, 1997.

Shook NJ, Gerrity DA, Jurich J, Segrist AE. Courtship violence among college students: A comparison of verbally and physically abusive couples. *Journal of Family Violence*. 2000;15 (1): 1-22.

Shumway R. *Modern Love: romance, intimacy, and the marriage crisis* New York University Press; 2003

Silverman JG, Raj A, Mucci L A, Hathaway JE. Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behaviour, pregnancy, and suicidality. *Journal of the American Medical Association*. 2001; 286(5), pp572–579.

Siqueira MEC. Teorias Sociológicas do Envelhecimento. In: Neri AB (org.). *Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus; 2001.

Sposito MP. Algumas hipóteses sobre as relações entre juventude, educação e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 13, jan./abr., 2000, p. 73-94.

Sternberg RJ. Liking Versus Loving: A Comparative Evaluation of Theories. *Psychological Bulletin*. 1987; 102, No. 3, 331-343.

Stets E, Straus MA. Gender Differences in Reporting Marital Violence and Its Medical and Psychological Consequences. In Straus M A, Gelles, RJ (eds.). *Physical Violence in American Families: Risk Factors and Adaptations to Violence in 8,145 Families*. New Brunswick, NJ: Transaction Press. 1989, cap.9, p. 151-166.

Stets J, Henderson D. Contextual factors surrounding conflict resolution while dating: Results from a national study. *Family Relations*. 1991; 70:29-36.

Stets JE, Pirog-Good MA. Inter-personal Control and Courtship Aggression. *Journal of Social and Personal Relationships*. 1990; 7(3): 371-394.

Stets JE, Pirog-Good MA. Sexual Aggression and Control in Dating Relationships. *Journal of Applied Social Psychology*. 1989; 19(16): 1392-1412.

Stith S, McCollum, E., Rosen K., et al (2004) Multi-couples group treatment for domestic violence. In *Comprehensive Handbook of Psychotherapy* (ed. F. W. Kaslow), pp. 499–520. John Wiley & Sons

Straus M.A, Gelles RJ (eds.) *Physical violence in American families*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers; 1990.

Straus MA Measuring Intrafamily Conflict and Violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and Family*. 1979; Vol. 41, No. 1 (Feb, 1979), pp. 75-88.

Straus MA, Aldrich T, Alvarez SD, Atan A, Boeckmann I, Sieber, C., Yodanis, CL., Bougere, A., Brownridge, D. Chan, KL et al. Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*. 2004; 10(7): 790-811.

Straus MA, Gelles R, Steinmetz S. *Behind Closed Doors; Violence in the American Family*, New York, Anchor Press; 1980.

Straus MA, Ramirez IL. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by University students in Mexico and USA. *Aggressive Behavior*. 2007; 33:281-290.

Straus MA, Sherry L. Hamhg. SLISIII Boncy- McCoy. and David 8. Sugarman. "Tlic Revised Conllici Ti~ctics Sfales (CTS2): Develouincni and Preliminarv Psychonictric Data." .I.,rii~ia! qfFri,~iilj issiie.s 17. no. 3 (1996): 283 316.

Straus MA. Cross-cultural reliability and validity of the Revised Conflict Tactics Scales: a study of university student dating couples in 17 nations. *Cross Cultural Research*. 2004; 38 (4):407-432.

Straus MA. Women's violence toward men is a serious social problem. In Loseke DR, Gelles RJ, Cavanaugh MM (eds.), *Current controversies on family violence*, 2nd Edtlon. Newbury Park: Sage Publications; 2005, cap. 2, pp. 55-77.

Stuart GL, Moore TM, Gordon KC, Hellmuth JC, Ramsey SE, Kahler CW. Reasons for intimate partner violence perpetration among arrested women. *Violence Against Women*. 2006; 12, 609-621.

Sugarman DB, Hotaling GT (1989). Dating violence: Prevalence, context, and risk markers. In AA. Pirog-Good,&J.E. Stets (Eds.), *Violence in dating relationships: Emerging social issues* (pp. 3-31). New York: Praeger.

Sugarman, DB, Hotaling GT. Dating violence:prevalence, context and risk markers. In: Pirog-Good MA, Stets JE. (eds.) *Violence in dating relationships*. New York: Praeger; 1989:3-32.

Sutherland CA, Sullivan CM, Bybee DI. Effects of intimate partner violence versus poverty on women's health. *Violence Against Wome*. 2001; 7, 1122–1143.

Teten AL, Ball B, Valle LA, Noonan, Rita; Rosenbluth, Barri. Considerations for the Definition, Measurement, Consequences, and Prevention of Dating Violence Victimization among Adolescent Girls. *Journal of Women's Health*. Jul2009, Vol. 18 Issue 7, p. 923-927.

Thompson L, Walker A. Gender in Families. *Journal of Marriage and the Family*. 1989; 51: 845-87

Tjaden P, Thoennes N. Prevalence and consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner violence as measured by the national violence against women survey. *Violence Against Women*. 2000; 6(2):142-161

Tschann, JM, Pasch LA, Flores H; Marin BV; Baich M; Wibbelsman CJ. Nonviolent Aspects of Interparental Conflict and Dating Violence Among Adolescents. *Journal of Family Issues*. 2009; v. 30, n. 3, p. 295-319.

Vieira JM. Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. *R. bras. Est. Pop.*, São Paulo, 2008; v. 25, n. 1, p. 27-48, jan./jun.

Walsh F. Reconsidering gender in the marital quid pro quo. In McGoldrick M, Anderson CM, Walsh F (eds). *Women in families: A framework for family therapy*. New York, W.W.Norton; 1989.

Waring EM, Tillmann MP, Frelick L, Russell L, Weisz, G. Concepts of intimacy in the general population. *Journal of Nervous and Mental Disease*.1980; 168, 471-474.

Waters. E, Posada G, Crowell J, Lay KL. Is attachment theory ready to contribute to our understanding of disruptive behavior problems? *Development and Psychopathology*. 1993; 5, 215-224.

Weis JG. (1989). Family violence research methodology and design. In Ohlin LL, Tonry M (eds.). *Family Violence*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

Wekerle C, Wolfe DA. Dating violence in mida adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*. 1999; 19(4), 435-456.

Whitaker DJ, Morrison S, Lindquist C, Hawkins SR, O'Neil JA, Nesius AM et al. A critical review of interventions for the primary prevention of partner violence. *Aggression & Violent Behavior*. 2006; 11, 151–166

White JW, Koss MP. Courtship violence: Incidence in a national sample of higher education students. *Viol Vict*.1991; 6:247–256.

White JW, Merrill LL, Koss Mary P. Predictors of premilitary courtship violence in a navy recruit sample. United States Navy, Naval Health Research Center, San Diego, 1999.

Whitfield CL, Anda RF, Dube SR, Felitti VJ. (2003). Violent childhood experiences and the risk of intimate partner violence in adults: Assessment in a large health maintenance organization. *Journal of Interpersonal Violence*. 2003; 18(2), 166–185.

WHO Library Cataloguing-in-Publication Data: Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence / World Health Organization and London School of Hygiene and Tropical Medicine. 2010.

Wolfe VV, Gentile C, Michienzi T, Sas L. The Children's Impact of Traumatic Events Scale: A measure of post-sexual-abuse PTSD symptoms. *Behavioral Assessment*. 1991; 13, 359–383.

Wolfe, DA, Scott K, Reitzel-Jeffe D, Wekerle C, Grasley C, Straatman AE. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological Assessment*. 2001; 13(2), 277–293.